

WLADIMIR OLIVIER

MOMENTOS DE FELICIDADE

EQUIPE DO PROFESSOR ÁLVARO

ÍNDICE

Nota explicativa	
Abertura — Álvaro	
1. Um galo de briga — Vitório	
2. Desafetos improducentes — João	
3. Esforço inumano — Otávio	
Comentário — Álvaro	
4. À revelia — Gumercindo	
5. As bem-aventuranças — Humberto	
6. Filhos da luz — Ricardo	
7. Lorota mal contada — Honorato	
8. Nada de importante — Afonso	
9. Ronaldo vai às compras — Ronaldo	
10. Lágrimas que jorram — Odete	
11. Eventualidades — Raimunda	
12. Merecido descanso — Roberto	
13. Momentos de felicidade — Norberto	
Comentário — Álvaro	
Complementação — O grupo	
14. Agonia superada — Ederaldo	
15. Regras de ouro — Dagoberto	
16. O domínio do invisível — Claudete	
17. Justa sonolência — Sérgio	
18. Impermeabilidade doutrinal — Rogério	
19. Sofrer não é pecado — Orlando	
20. Um dia perdido? — Álvaro	
21. Questão de honra — Ramiro	
22. Contrariedades — Reginaldo	
Esclarecimento — O grupo	
23. Mal-entendido — Olinda	
24. Um momento de glória — Agenor	
25. Descanso merecido — Lázaro	
26. Um copo d'água — Amadeu	
27. Preces intermitentes — Vespasiano	
28. Pondo força nos remos — Norivaldo	
29. Preparando-se para a luta — Emílio	
30. Barulho no telhado — Otacílio	
Comentário — O grupo	
31. Anarquia conceitual — Honorato	
32. Passo de coragem — Otacílio	
33. O assalto à fortaleza — Otacílio	
34. O perdão de Deus — Revoredo	
Observação — Álvaro	

- 35. Guerra íntima — José
- Observação — Álvaro
- 36. Tarefas importantes — Roberto
- Observação — Álvaro
- 37. Em dias de tempestade — Antoninho
- Observação — Álvaro
- 38. A bola — Carlos
- Última demão — Otacílio

NOTA EXPLICATIVA

Esta *Equipe do Professor Álvaro* deixou assinaladas as características do trabalho, no texto inicial. Entretanto, a informação ali contida, quanto à liberdade de elaboração das mensagens, pode parecer precipitada, uma vez que é facilmente perceptível que os textos foram concebidos segundo estrutura bastante uniforme. Começam, em geral, por observações teóricas, continuam através de depoimentos pessoais e terminam por conclusões em que teoria e prática se juntam. A liberdade reside na abertura temática que os problemas individuais permitem.

Quisemos comentar o fato para que não pareça que os alunos da ***Escolinha de Evangelização*** possam dispor da matéria curricular a seu bel-prazer. O conjunto das comunicações há de demonstrar, de maneira inequívoca, que se cumpriu rigorosa programação, cuja linha mestra também se declara de pronto.

Momentos de Felicidade é título de uma das composições. Como os mensageiros ultrapassaram a dolorosa fase dos acertos de contas, tendo-lhes representado as sessões de psicografia instantes de alegria e conforto moral, resolveu-se que a nomenclatura cairia bem para o conjunto das mensagens.

Foram apanhados os ditados no período de 28.01 a 22.03.93. Conservou-se sua ordem cronológica.

Resta informar que há dois Honoratos, mas um só Roberto e um só Otacílio, havendo várias informações relativas à identidade dos emissores no corpo da obra.

Queira Deus seja a publicação recebida com o mesmo amor e entusiasmo que nos passaram estes amigos da espiritualidade!

ABERTURA

Nem sempre as turmas têm apresentado textos iniciais, absolutamente cômicas dos posteriores desenvolvimentos, pois muito pesa nas deliberações o fator imponderável da vontade do mediador. Entretanto, a história destas transmissões autoriza-nos a enfrentar esse senão, porque estamos piamente crentes de que tudo fará o médium, tendo em vista estarmos a preveni-lo desde já.

Assim, coordenaremos grupo de aluninhos, na intenção de fazê-los relatar suas particularidades psíquicas, para que os amigos encarnados possam mirar-se nesses exemplos, quer para a cópia das boas ações, quer para a eliminação dos defeitos declarados.

Não iremos realizar apreciações de caráter mediúnico, pois as mensagens dos que nos antecederam o fizeram largamente, facultando aos leitores que tenham verdadeiras lições de como abordamos o mediador e do instrumental que possuímos para efetivar as transmissões. Interessar-nos-ão, fundamentalmente, os problemas de caráter afetivo, aqueles que levaram os irmãozinhos aos desvios de conduta mais graves, conforme posteriormente se comprovou, tendo em vista as difíceis peregrinações pelo Umbral.

Quanto ao teor dos textos, ficarão os alunos bastante livres para o desenvolvimento, podendo fazê-lo da forma que melhor lhes convier, porque o grupo é heterogêneo, embora com características de comportamento muito parecidas.

Quanto às recomendações de caráter evangélico, iremos dar de barato que os leitores estejam cansados de ouvir as pregações de outros mensageiros, de forma que nos importará demonstrar o desencadear das leis do carma, dentre as quais ressaltaremos a de causa e efeito, que nos parece o ponto nevrálgico da ignorância dos amigos que se desbaratam e imergem nas trevas das dores conscienciais.

Este que lhes propõe o feitio dos trabalhos é o mentor do grupo, professor Álvaro, mestre de primeiras letras no último encarne, que prossegue no atendimento daqueles que desejam livrar-se dos problemas mais simples, embora sejam, quase sempre, os mais difíceis de se superarem, dado que o crescimento moral não se deu em definitivo para as luzes evangélicas.

Fiquemos por aqui nestes comentários introdutórios, explicitando que o nome do grupo ainda não se decidiu, dado que o pessoal não se sente integrado, verdadeiramente, como equipe de trabalho. Há quem sugira um ou outro nome pitoresco, mas as brincadeiras ficarão *intramuros*, a incentivar o esforço de maior união.

Sabemos ser novidade que apareça grupo ainda não coeso, mas é que estamos muito no início das atividades espirituais. Os textos deverão demonstrá-lo eficazmente.

Deixemo-nos estar nas mãos de Jesus!

1

UM GALO DE BRIGA

Fui, na Terra, de caráter explosivo. Embora não tenha mudado muito ao chegar a estas plagas espirituais, precisei *afinar*, para não me perder nas mãos dos mais poderosos. Era forte o suficiente para impor-me a todos os grupos de que fiz parte, mas, no etéreo, deixei de cantar de galo bem cedinho.

Espero não despertar a antipatia dos irmãos, por me evidenciar maior em alguma coisa, pois o que mais detestaria seria fazer acreditar que tivesse tido ou que tenha qualquer mérito perante os companheiros.

Tenho de ficar eternamente pedindo perdão por tantos prejuízos que causei, que estou adquirindo o hábito de fazê-lo até mesmo quando nenhum traço de ofensa tenha existido nas atitudes. Mas isto irá passar, com certeza, quando tiver sido perdoado integralmente.

Quererá isso dizer que tenho inimigos? Sim, e muitos, espalhados pela face da Terra e internados nas profundezas do bátrio. Alguns deles já se convenceram de que sou, realmente, inofensivo e me deram a honra de se apresentarem para a formalização das recíprocas desculpas, porque, se muito ofendi, também fui ofendido. Mas isso não teve o significado de total condescendência pelas falhas mútuas, havendo certo ressentimento em quase todos, pois o aprendizado das virtudes não se dá só pelo fato de nos termos compenetrado de sua necessidade.

Vamos aos fatos.

Quando vivo, defendia a tese de que todos os homens somente podem sobreviver se se impuserem pela força, mesmo que sutilmente transformada em lúcidas e convincentes argumentações. Eu não tinha medo de nada e contra todos investi, de olhos fechados, impedindo-me de ver os males que provocava.

Se vocês estão pensando que houve algum grande amor a justificar momentos de exaltação sentimental, estarão muito enganados. Até em relação às mulheres com quem me entendi (perdoem-me a rudeza das expressões), determinava que os privilégios delas paravam exatamente na minha vontade de atendê-las. O mais era só puro gozo carnal, nada que envolvesse sentimentos ou pruridos emotivos.

A minha rudeza era tanta que até os filhos me detestavam, sendo os que maiores problemas me causaram em vida e mesmo depois de morto, pois os péssimos fluidos energéticos que emitiam contra mim faziam-me extremamente vulnerável para as perseguições. Eu não disse que logo *afinei*?

Felizmente, não retornei a este plano carregando o suplício de algum crime de sangue, caso contrário, certamente, após estes doze anos de peregrinação pelo báratro, ainda não me teria dado condições desta apresentação.

Aliás, devo esclarecer que fui escolhido para apresentar-me em primeiro lugar justamente pela coragem que trouxe para o enfrentamento de quaisquer situações. O pessoal gosta de meus gestos desabridos e francos, pois aprendi que, se fui mau, rude e bronco, se maltratei as pessoas, se me endividei com a maioria, mesmo assim deveria merecer dos protetores total assistência, na medida em que hesitar ou demonstrar fragilidade prejudicial à transmissão, o que não será, por certo, muito difícil de ocorrer, caso um dos objetivos desta aproximação aos encarnados tenha o escopo de me revelar alguns aspectos novos da intensa doutrinação que me está a despertar a consciência.

Admiro muito os atributos do mediador e não deixarei de mencioná-lo só porque não estava programado, uma vez que estou absolutamente surpreso com a facilidade com que capta os meus pensamentos. Teria outras apreciações a fazer, mas devo retornar ao ponto em que parei no relato.

Pois bem, dizia que não cometi nenhum crime de sangue, mas desonrei algumas jovens não inteiramente inocentes, uma vez que, turbulento, não sabia apreciar a delicadeza da alma feminina. Agora, quando tenho tentado infiltrar-me junto aos seus espíritos, estou notando que poderia ter feito tudo o que fiz, sem ter tido qualquer necessidade do emprego da força bruta, tão acessíveis têm demonstrado ser em relação a outras criaturas. Eu é que fui o culpado desses endividamentos.

Com certeza, busquei interpretar as reações das irmãzinhas na justa medida das necessidades de desculpar-me, para não imergir muito profundamente nas dores do arrependimento, mas tenho encontrado profundas resistências da parte delas em abrir-me o coração para o perdão preconizado por Jesus. Enfim, a alma humana tem seus mistérios para mim, que não tenho demonstrado ser muito arguto na interpretação das atitudes refratárias em relação à boa vontade que tenho evidenciado.

Graças a Deus, irei receber os sábios conselhos desta turma, momento em que, com emoção — surpresa das surpresas! — irei poder aprender algumas lições importantes para posterior desenvoltura no tratamento com os outros seres.

Pergunto ao bom amigo, professor Álvaro, se posso suspender a confissão ou se há algum outro informe necessário.

Pede-me para dizer que minha rudeza tem diminuído extraordinariamente, tanto que já consigo avaliar a expressividade dos termos para aplicar alguns menos fortemente, a comprovar que as sutilezas interpretativas vão tomando lugar na mente. Por outro lado, se houver alguma elegância nesta exposição, creditem-na ao mediador, que, conforme já afirmei, superou todas as expectativas. Fica ele temeroso de que haja alguma espécie de animismo, a influenciar nas palavras elogiosas, mas, digo-o abertamente, deixar de registrar este aspecto será falsificar o teor do meu testemunho.

Cumprida a obrigação, ponho-me nas mãos dos amigos para a crítica e debate, tendo em vista que não aceitarei pacificamente as reprimendas que vierem desacompanhadas de forte argumentação. O mais, deixo, evidentemente, nas mãos de Deus.

Vitório.

DESAFETOS IMPRODUCENTES

Certamente, quando tiver de voltar à Terra para nova encarnação, deverei esmerar-me para superar algumas malformações de caráter, tendo em vista que não consigo me desfazer de certas sensações desagradáveis que nutro em relação a certos indivíduos que nada fazem para minorar os sofrimentos de todos, pois estão impregnados por profundo ódio. Como eu também não tenho muita paciência, vou ficando para trás, já que não consigo estabelecer critérios válidos para considerar os desafetos como pessoas carentes de compreensão.

Não sou mau, mas também não tenho desenvolvido o sentimento do perdão, conforme já puderam bem entender os leitores.

Quando estive internado na carne, não me considerava boa pessoa, ao contrário da presente opinião, pois me afetava com verdadeiro orgulho, por conseguir dos parentes e companheiros que me obedecessem quase cegamente, caso contrário, impunha-lhes severas restrições quanto aos direitos, tendo chegado várias vezes às vias de fato.

Não estou tentando esconder nada, como é o hábito dos que são forçados moralmente para depoimentos a respeito das más ações. É que tenho a convicção bem formada, no sentido de perceber que tudo o que disser poderá ser usado contra mim ou a meu favor, conforme a impregnação da verdade for maior ou menor. Por isso, não me resguardo, abrindo inteiramente o coração.

De qualquer forma, tendo confessado alguns deslizes importantes, não teria cabimento que escondesse algum fato fundamental, como furtos, assaltos a mão armada ou assassinatos, mesmo que involuntários. Não matei, não roubei, nem procedi indignamente contra o patrimônio público. Mas sofri enormemente, como se tivesse feito tudo isso, tantos foram os desarrazoados gestos contra as pessoas.

Era tido e havido como violento, conforme a descrição preponderante da personalidade do amigo Vitório (*ver mensagem anterior*), mas não dei curso a essa intemperança de caráter até o final dos dias, pois me alistei entre os amigos de um centro espírita, onde aprendi muitos dos conhecimentos superiores da doutrina. Não tive, contudo, tempo para pôr tudo em prática, despedindo-me do mundo com muitas mágoas no coração, feridas abertas pelos revides mais que naturais dos companheiros atingidos pela antiga fúria.

Filhos, noras e genros, netos e demais parentela, quando levaram meu corpo à sepultura, praguejavam baixinho contra mim, confirmando que não havia feito valer o aprendizado derradeiro dos mandamentos cristãos, pelas suaves explicações dos kardecistas.

Internei-me na escuridão do Umbral por tempo bastante longo, uma eternidade, se contar que não tínhamos como avaliar as transformações orgânicas dos que ficaram para trás, ponto de apoio para a contagem do tempo em dias e anos dos terrestres. Posteriormente, fiquei sabendo que foram quinze os anos, mas não sei se foi exatamente assim, ou se houve algum encolhimento, para que pudesse volver a tempo de verificar que as lembranças que deixei persistiam inalteradas na memória daqueles desafetos, que, pelos procedimentos tão duros, tão inflexíveis, tão demarcados pelo ódio e pela revolta contra as minhas ações, em nada me ajudavam naquele transe que me enchia de sofrimentos pela angústia de me ver perdido na escuridão, quando bem poderia ter tido outro destino, se tivesse conseguido soffrear os impulsos malévolos da personalidade.

Preocupa-me, sobremaneira, o fato de que possam os leitores estar perguntando-se:

— *E eu com isso?... Terei de ficar lendo palavras tão chochas, tão insignificantes, tão imbecis? Que lições poderei extrair desse emaranhado de confissões e relatos incoerentes, sem se fixar numa historinha que viesse a configurar as ações reais, como uma recriminação maldosa, uma proibição inoportuna, uma agressão injustificável?... Ainda mais agora, quando até palavras nos meus lábios se derramam, inconsequentemente, como se todas as reações das pessoas pudessem ser medidas ou controladas a distância, como se o autor pudesse, oniscientemente, conhecer até o público a quem se dirige...*

Se forem esses os pensamentos, estarei perdendo precioso tempo. Todavia, pelo menos o grupo que me acompanha sabe que todos estamos no mesmo barco, necessitados do apoio uns dos outros, para adquirirmos forças morais com que enfrentar as provações dos sofrimentos, pois o que mais nos apavora em tais condições é sermos afastados daquele conjunto de seres com quem vínhamos crescendo, a duras penas, na maior parte das vezes, mas com quem, de alguma forma, mantemos alguns laços afetivos.

Eis declarado o principal objetivo dos trabalhos de assimilação dos princípios evangélicos, qual seja, o de que todos temos de efetuar a recuperação dos vínculos que se deterioraram por incúria, quando o que se tinha em mira para o encarne era o conagraçamento e a superação das pequenas ou grandes diferenças, pois têm os espíritos de se justificar perante o Criador, para que venham a merecer alguns recursos mais com que lidar consigo mesmos e com os semelhantes.

— *É importante restabelecer os laços familiares? Não seria melhor esquecer as pessoas que nos ferem tão agudamente, formando outro grupo de amizades, como este mesmo que se está conagraçando nessa sala de aula?*

São questões que, presumimos, os leitores estarão fazendo. O que não sabem, evidentemente, é que as ações e reações geram compromissos entre os indivíduos e seus grupos, pois a lei de justiça do Pai é inexorável, no sentido de que todos os débitos devam ser saldados, para que as pessoas possam progredir. Ora, se há empecilhos para que as pessoas se harmonizem, teremos de buscar as soluções cabíveis para essas desavenças e

demais formas de separação. Quando obtivermos sucesso e todos se ajustarem em torno dos mesmos ideais, evidentemente, procurarão continuar caminhando juntos, pois haverá, necessariamente, crescimento afetivo, a se impor pela compreensão das contexturas psíquicas e dos eventos em que se aplicaram para os efeitos que tão desastrosamente provocaram os litígios.

Sabemos que, para os encarnados, pode até parecer muito poética a dissertação, pois, diante da realidade terrena, os fatos são mais positivos, no sentido de que o que está feito não pode ser reparado, a menos que se estimulem os sensores evangélicos, a desencadear reações puramente morais, sem envoltivos emotivos de mau caráter, que têm o vezo de impedir que as pessoas ajam só filosoficamente, na aplicação integral das diretrizes estabelecidas pelas virtudes.

Ainda assim, seremos tidos como idealistas, como utópicos, como sonhadores? Paciência! É o que estamos, nós mesmos, tentando eliminar da mente, atrasada por séculos e séculos de malversação energética, porque sempre quisemos preponderar sobre os demais.

Não pensem que este seja o primeiro curso que estou frequentando. Os males estão tão ferrenhamente arraigados na personalidade, que até posso considerar-me muito feliz por estar tendo estas oportunidades de reflexão, com a ajuda, evidentemente, dos protetores familiares, que jamais se desesperam, pois conhecem-nos a todos muito profundamente e sabem que a luz se fará, dada a persistência de sua colaboração.

Tendo tantos esclarecimentos, por que não anulamos de vez as más tendências? É que os conhecimentos não bastam para a efetivação das mudanças íntimas, as quais, por sua vez, determinarão as transformações de comportamento para melhor. Enquanto não extinguirmos todo o ódio, não instalaremos o amor no coração.

Entretanto, sempre será bom ouvir a voz da consciência, que nos repete incansavelmente:

— *João, você está perigosamente jogando com os conceitos, esquecido até dos sofrimentos. Não será bem melhor o dia em que todas as virtudes preponderarem na personalidade? Não será bom exterminar com a malícia, que você vai deixando transparecer até nesta mensagem, em que afirmou que iria expor só as verdades de suas realizações? Não sente você certo pejo em ficar dando tantos conselhos, buscando cumprir os programas delineados pelos mentores, quando se afasta das atividades que lhe dariam mais segurança no trato amorável com os desafetos? Por que você os considera improdúcentes, sabendo, iniludivelmente, que a melhoria dos relacionamentos depende, em grande parte, das reformas interiores? Será que você está esperando que tudo caia do céu?...*

Não sei se esta confissão traz o cunho da emoção, pois muito meditei para torná-la o mais próximo possível das vibrações íntimas da consciência. Em todo caso, que sirva como modelo para os que se dispuserem a enfrentar os artifícios mentais com que mascaram as reais tendências das personalidades, para o efeito da consagração de seus princípios como os mais satisfatórios na consecução dos desejos.

Assinalam-me que está na hora de suspender as considerações, pois me deixei levar pelas formulações que me estão embaraçando para o avanço evolutivo. Deitei-me no divã psiquiátrico e me acomodei indevidamente, dando a impressão de me ter tornado um

profissional dos relatos, sem a contrapartida da decisão da melhoria dos procedimentos. Mas não é bem assim que sucede comigo, pois tenho bem definidas as posturas que deverei manter, para não perder este equilíbrio que venho mantendo com muito sacrifício, no temor de ter de retornar ao abismo, para a purgação de alguns aspectos que estou começando a decifrar como poderosos na formação de algumas respostas de comportamento de má catadura.

Solicito permissão para parar, ex-abrupto, pois me sinto exausto. Muito obrigado!

João.

ESFORÇO INUMANO

Caso tenhamos sucesso, poderemos chegar a conclusões muito aproveitáveis a respeito dos esforços que se fazem na Terra, para que as vidas tenham o desenvolvimento mais adequado para o cumprimento das determinações cármicas.

Vamos, então, estabelecer, como norma de trabalho, o fato de estarmos altamente interessados em trazer ao conhecimento dos encarnados os acontecimentos que geraram os pensamentos em função dos quais são praticados os atos subsequentes, como se as criaturas não pudessem escapar jamais desse encadear, de forma que os mais argutos logo vão assenhoreando-se das fraquezas alheias para preponderarem.

Se isso fosse fatal, realmente, aí não encontraríamos legislação distributiva dos bens, mesmo que tão precária e jamais aplicada com rigor. De qualquer jeito, aos poucos, os homens vão avançando nos aspectos mais importantes dos relacionamentos fundamentados nas dádivas evangélicas, pelo menos no que concerne à tendência mais geral, aquela que vê, nos pequeninos, seres a proteger e a educar.

Se estamos muito longe de angelizar os procedimentos, devemos também reconhecer o quanto já caminhamos na senda do aperfeiçoamento, tendo em vista os sensíveis progressos que podemos notar, se cotejarmos as nossas civilizações com as de alguns anos atrás.

Estamos penetrando terreno perigosíssimo, pois não faltarão pessoas a nos apontarem desgraças inúmeras, até mesmo o perigo da destruição total do planeta, medo que se estende por estas plagas espirituais, tendo em vista o estudo da psique atual da humanidade.

Mas nós estamos dispendo-nos sob perspectiva rigorosamente histórica, acima dos desenvolvimentos das populações como nações homogêneas. O que queremos examinar é o progresso da humanidade como um todo, pois, evidentemente, se compararmos os indivíduos, encontraremos quem esteja no primeiro patamar da escada do progresso, enquanto outros já batem às portas do Senhor, lá no alto.

Quem está esforçando-se para que tal ocorra? Todos nós e nenhum de nós em particular, pois os progressos só se dão coletivamente, havendo quem se distancie dos demais, para poder divisar o horizonte para as informações cabíveis aos caminhantes. A comparação é valiosíssima, para oferecer aos amigos as condições dos grupos socorristas que se formam no etéreo e na Terra, de uns participando espíritos como os nossos, ávidos

por aperfeiçoarem-se no divino mister do atendimento aos que sofrem, de outros, os amigos que teimam em permanecer conosco nestas dissertações reveladoras de princípios e despertadoras de consciências.

O esforço, pois, de progressiva melhoria do conjunto da humanidade é, como acima chamamos, inumano, embora se dê também junto à seara dos encarnados, a demonstrar que lembranças existem das necessidades cármicas, subjetivas, esmaecidas, não inteiramente dominadas pelo intelecto ou pela percepção emocional, mas fortes o suficiente para impelirem muitos ao bem, conforme testemunhamos a toda hora. Aliás, é a partir dessas observações que nos pomos à vontade para o otimismo e a felicidade, pois estamos vendo que os seres evoluem satisfatoriamente, não se importando muito com alguns percalços naturais, aceitando a dor como condição e vendo no Criador o ser supremo, a quem respeitam e amam.

Nem tudo será perfeito, evidentemente, pois nossa principal característica é estarmos no início da aprendizagem, mas iremos efetuar o que melhor pudermos, todos nós, já que nos compenetrámos de que de cada um é que depende o progresso coletivo.

Para quem se inteirou das diretrizes das comunicações desta turma, deve parecer estranho que esteja dedicando-me a apreciações teóricas, esquecido de que deveria relatar quais foram ou estão sendo os problemas da personalidade, justamente os que me arremessaram ao fundo do báratro e que agora devem constituir-se na minha principal preocupação.

Pois devo afirmar que foi a falta de caridade que me arrastou para as sendas da perdição. Amei o dinheiro e não o bem que poderia fazer decorrer dele. Ganhei muitos inimigos, pois desconsiderava o sentido de suas vidas, egoisticamente, favorecendo muitos ganhos para meus empreendimentos e negócios, tornando-me alto comerciante, a ponto de enfrentar o império industrial nascente no país, destinando boa parte das riquezas para a criação e manutenção de várias fábricas. Rei Midas, o que tocasse tinha a satisfação de ver converter-se em ouro.

Mas não distribuí equitativamente os lucros, estabelecendo limites muito diferenciados, dando a alguns privilegiados a satisfação de altos salários, mas explorando a maioria, indiferente, incapaz de perceber-lhes as necessidades essenciais da vida. É bem verdade que me desenvolvi em meio a civilização primitiva, sem que as legislações tivessem estabelecido eficientes sistemas de proteção dos menos apaniguados, escravizando-os eu, portanto, sob o amparo das leis, com o recurso da contratação dos melhores advogados.

Eis por que razão abri o depoimento referindo-me ao crescimento da humanidade, desde o ponto de vista das relações entre os capitalistas e os trabalhadores, até a proteção mais geral, através dos benefícios de caráter social, como postos de saúde, escolas, extensão do saneamento básico e demais regalias urbanas, dado que existe vigilância bem mais eficaz da arrecadação e da aplicação dos recursos advindos das taxas e dos impostos.

Não nos adiantará dizerem que existem muitos que fraudam todos os setores da vida pública, da mesma forma que existem milhares de assaltantes comuns. Isso tudo nada é perante o conjunto da sociedade, que cresce a olhos vistos, justamente para quem tenha o poder de comparação com outras épocas, sempre mais infelizes e atrasadas.

Se, apesar de tudo, não estiverem de acordo com minha postura, lembrem-se de não cometerem os meus erros, deem aos semelhantes melhores condições de vida e não queiram arrastar-se pelas trevas em desesperação, durante os mesmos trinta e cinco anos que por lá estive, sofrendo os horrores das acusações conscienciais, em benéfico sentimento de culpa que, finalmente, me abriu os olhos para a realidade da psique.

Agradecer a dor que regenera é comum nestas mensagens de sofredores encaminhados para os cursos de evangelização. Não serei eu o primeiro a fazê-lo, nem pretendo ser original. Mas a verdade é que estive muito próximo de cometer vários absurdos contra a justiça de Deus, tendo sido reprimido pelas lancinantes dores que sofria, por ter-me reconhecido ser reles e desumano. O pensamento de que a inferioridade era profunda deu-me condições de refletir que não seria eu o melhor juiz da existência, convencendo-me, afinal, de que deveria reformular a postura perante o incessante burburinho da consciência, para aprender a controlar-me, mesmo sabendo que nem tudo eram rosas no jardim existencial.

Foi aí que obtive o alvará para a matrícula nesta instituição, onde venho buscando aprender as lições que me são passadas, às vezes relutantemente, porque não condizentes com meus pontos de vista fortemente carregados de egoísmo, mas bastante atento para os ensinamentos, tendo em vista a comprovação de inúmeros desvios da verdade. Tenho que aprender e não que ensinar. Por isso, não vou recomendar nada mais, pois avancei muito no caminho perigoso das tertúlias moralistas ou imprecatórias.

Aceitem, portanto, as primeiras recomendações e jamais se julguem sozinhos na luta contra a infelicidade e a dor coletivas. Façam o que possam, estejam onde estiverem, que isto não é conselho: é obrigação cármica.

Otávio.

Comentário

Reduzimos um pouco o tempo destinado a cada irmãozinho, a pedido deles mesmos, por isso, não estranhe que os textos venham a ficar menos volumosos.

Quanto ao irmão que trouxe seu depoimento nesta tarde, devemos afirmar que nos contrariou um pouquinho, pois fez várias afirmações categóricas, quando deveria apresentar teses apenas esboçadas, para a gestação de ideias que bem poderiam oferecer desenvolvimentos positivos. Do jeito que está, o que pode ocorrer é de os leitores não se agradarem das afirmações peremptórias, opondo alguns argumentos, fixando-se em pontos de vista inflexíveis, não favoráveis a que as reflexões progridam.

Feito o reparo, entregamos a mensagem tal qual se apresentou, para que os amigos possam estabelecer confrontos saudáveis para a percepção de como chegam ao etéreo os diversos companheiros, segundo o que fizeram na vida. Há, também, que se considerar o nível evolutivo, o grau de descerramento da consciência com que ingressam

na *Escolinha de Evangelização* e, principalmente, o ponto exato em que fazem jus à saída das trevas.

Tais considerações julgamos valiosíssimas para a desconfiância do que se fazer para a melhoria do procedimento evangélico. Eis tudo.

Álvaro.

4

À REVELIA

Tudo o que fiz na vida foi à revelia de alguma determinação superior. Meus pais disseram-me que, quando bebê, chorava até para receber o peito, como se não gostasse de que alguém viesse propor-me algo que deveria realizar por mim mesmo. Evidentemente, estou exagerando a precocidade das reações, mas, verdadeiramente, após ter estado bom tempo no Umbral, cheguei à conclusão de que algum fator emotivo deveria haver naquela demonstração inicial de repúdio ou de constrangimento, pois fui levado a acreditar que nasci naquele lar por imposições cármicas, em virtude da necessidade de ser acarinhado por quem me havia fustigado anteriormente.

Eu mesmo nunca cheguei a fazer concessões aos desvios de conduta dos parentes, jamais perdendo sua arrogância, investindo até contra a autoridade do pátrio poder.

Agora sou capaz de reconhecer que estivera o tempo todo errado e que muito pouco progredi nesse encarnado de dores e de mágoas.

Mesmo no trabalho, onde os indivíduos não compunham grupo conhecido de espíritos em débito para comigo ou vice-versa, agi sempre muito ressabiado, desconfiando de que estivesse sendo constantemente vigiado. Era o comportamento que deveria eliminar, mas que trouxe de volta para a escuridão da cela em que fui arremessado, para curtir as sensações mais desagradáveis, no temor de que estava sendo explorado por espíritos obsessores, da mesma forma que julgava ter sido pelos patrões.

Mau empregado, quando me vi na condição de empregador, agi de conformidade com as prevenções habituais, de modo que fui injusto inúmeras vezes, acusando os serviçais de desonestos, até que fui assassinado por um que não aturou os maus-tratos.

Até agora não sei por que não fiquei desperto para a vingança, na perseguição, que julgava justa, daquele indivíduo que havia cortado muito cedo o caule de minha vida. Pode ter ocorrido que ele tivesse sentido a minha presença, tão raivosas eram as minhas vibrações, mas juro que jamais me aproximei dele para saber se, realmente, estava conseguindo fazê-lo sofrer, por ter-me tão violentamente arrebatado do convívio dos familiares.

Lamentavelmente, quando pude visitar os da Terra, encontrei-os revoltados ou indiferentes em relação ao assassinato, pois não guardavam boas lembranças do pai, do esposo ou do irmão. Meus pais haviam partido antes de mim, de forma que obtive algum resguardo devido às providências que tomaram para o meu amparo. Para eles, ao que tudo indica, foi proveitosa a encarnação, apesar de minhas reações absolutamente

contrárias a que estabelecessem algum vigoroso afeto para comigo. Entretanto, como não eram e não são seres perfeitos, não conseguiram reencontrar-me, depois que ingressei nas fileiras desta organização. Sei apenas que estão pairando em esfera superior à minha, sem qualquer laivo de santidade, embora muito tenham sofrido por causa de minhas impensadas atitudes. Certamente estão aprendendo a perdoar-me integralmente, já que não sinto qualquer vibração maldosa da parte deles. Qualquer dia irei despertar-me para o seu amor e aí iremos encontrar-nos de maneira bem menos infeliz.

Ao contrário do irmãozinho Otávio, estou propendendo para a narração pura e simples, sem qualquer comentário à parte, pois não quero presumir que possa fornecer qualquer elemento elucidativo das características da personalidade, em função das consequências tão ruins para o progresso espiritual. De qualquer jeito, valho-me da oportunidade para incitar os irmãos a que se deixem envolver por aura de felicidade, ao se depararem consigo mesmos, nus em pele, e puderem dizer:

— *Não reconheço em mim nenhuma das características destes irmãos que estão a relatar os defeitos. Por certo, tenho vícios e imperfeições oriundas de alguns cacoetes maldosos que deixo transparecer, mas nada tão terrível que irá arremessar-me por tanto tempo nas profundezas do bátrio. Sendo assim, espero, ao depositar a alma nas mãos de Deus, ser recebido em festa pelos protetores e demais beneméritos socorristas, que se postarão adequadamente para a desvinculação fluidica em relação ao meu corpo. Não tenho medo do enfrentamento das acusações conscienciais e sei que tudo estou fazendo para superar os enganos interpretativos que me conduziram, um dia, a errar. Sou o que sou e não me arrependo de nada; contudo, não vou afirmar ser perfeito, pois não tenho todos os atributos necessários para isso. Ao contrário, ofereço-me, humildemente, ao esclarecimento que Jesus, através de seus representantes, houver por bem enviar-me, para que melhore e aproveite esta encarnação. Por maiores tenham sido os sofrimentos, por mais agudas tenham sido as incompreensões, por mais veementes tenham sido os adversários para comigo, julgo-me vacinado contra as intempéries do caráter e ponho-me à disposição de todos para o reatamento das amizades perdidas.*

Eis o que teria dito a mim mesmo, se tivesse tido ocasião de mais meditar a respeito da vida, em seus aspectos cármicos ou evangélicos (não sei bem formular tais conceituações, mas prometo aprender, para o que estou esforçando-me, conforme tenho a impressão de ter demonstrado através desta manifestação).

O bom médium se encontra muito entusiasmado com os ditados deste grupo. Espero que tenha o mesmo agrado em relação a este pobre sofredor.

Gumercindo.

AS BEM-AVENTURANÇAS

Quando recebemos boas novas, somos obrigados a nos lembrar do Senhor e dos tempos de sofrimento. Do Pai nos lembramos porque nos sentimos na obrigação de agradecer, e dos tempos de vicissitudes, para o natural cotejo das condições superiores adquiridas.

Não é verdade que nos sentimos bem-aventurados, como se este torrão de provações e de dores se tivesse transformado em paraíso de felicidades?

Pois, então?! Que tal meditar profundamente a respeito de dizeres tão simples e predispor-se ao contínuo agradecimento, uma vez que, mesmo sob intenso domínio da dor, devemos acender as esperanças de superação das crises, pois Deus é pai de absoluta misericórdia e tem reservadas para nós todas as bem-aventuranças?!

Se estivéssemos escrevendo simples roteiro para evangelização, acreditamos que teríamos terminado, pois fizemos a descrição da realidade e anotamos a parte psicológica do comportamento, no endereçamento dos leitores ao cumprimento das determinações cristãs. Entretanto, como devemos trazer testemunho particular, resta-nos contar nosso caso de desventuras, já que ninguém irá acreditar se dissermos que tudo o que fizemos na vida e, mesmo, depois dela, tenha sido rigorosamente decalcado nas observações que delineamos acima.

Verdadeiramente, quando trazemos o depoimento, quase sempre desenvolvemos comentários paralelos, exatamente aqueles que deveríamos ter seguido, mas que burlamos ou até fizemos questão de ignorar.

Assim, devo dizer que o principal problema de minha existência consistiu em não ter jamais atinado com os momentos de intensa felicidade, atribuindo aos dotes de argúcia e tirocínio, tudo o que conseguia de bom.

Fui materialista convicto. Diria: — *Graças a Deus!* —, se não fosse tão batido o chavão. Mas a verdade é que me opunha com tanta veemência à ideia da existência de Deus, que acho que pensava muito mais nele que qualquer outra criatura de forte religiosidade.

Vamos aos fatos.

Aos vinte e dois anos de idade, contraí matrimônio, tendo-me recusado, terminantemente, a ajoelhar-me diante do altar, qualquer fosse a religião da consorte. De resto, ela também tinha fortes propensões para desprestigiar a crença dos familiares, tanto desprezo haviam demonstrado para comigo.

Ao nascerem os filhos, não permiti que nenhuma avó ou parente os levassem para a pia batismal, embora eu mesmo houvesse recebido os sacramentos do batismo e do crisma.

Bem pensando, essa condição, que independeu de minha vontade, parecia dar-me certa segurança em relação ao sobrenatural, como se tivesse realizado seguro, cuja apólice poderia fazer valer, se necessário. Mas tal sentimento não se declarou totalmente, de modo que não me importei se os descendentes viessem a se sentir menos seguros religiosamente.

Com o passar dos anos, contudo, os velhos conceitos de que se deixara impregnar desde criança começaram a despertar na esposa a vontade de retornar ao seio da Igreja Católica, talvez pela necessidade de reatamento dos laços familiares, muito mais poderosos do que imaginava eu, em minha filosofia exclusivista.

Não é fato que quem é materialista não consegue reunir-se em confrarias, a não ser para pequenas badernas? Pois foi assim que fiz desencadear o desejo de retorno da esposa, tendo sido surpreendido em adultério.

A filosofia redundara em desilusão moral, favorecendo a deslealdade, a traição e até pequenas contravenções penais, uma vez que não havia penalidade, a justificar a concepção da existência dos crimes. Tudo passara a ser mero mecanismo natural, para garantia da sobrevivência, o que incluía o prazer e a necessidade de fuga à dor.

Quando minha mulher partiu, levando as crianças, não fiquei muito triste, embora certa mágoa me calasse fundo no coração, pois senti-me diminuído na ascendência de macho e preceptor da família. Enfim, parti para outras aventuras, gozando o mais que pude o sentido primitivo da liberdade de que me supunha detentor.

Como jamais adoeci nem vi grandes problemas nas moléstias infantis dos filhos, nunca tive momentos de sofrimentos físicos. Desse modo, o quadro de felicidade deveria estar completo: nada me doía sentimental ou intelectualmente. Deveria considerar-me no paraíso, tanta deveria ser a felicidade.

Mas vivia casmurro, cada vez mais introvertido, desejando entender todos os fatos filosoficamente, segundo a postura do idealismo dialético fundamentado nas necessidades e nas satisfações. Como não obtinha respostas para tudo, comecei a colocar obstáculos à capacidade de compreensão, não demorando muito para perceber que não existe a possibilidade de domínio integral de tudo, pela aplicação da inteligência.

O que fez compenetrar-me dessa verdade foi o fato de não ter conseguido resolver certos problemas simples de matemática, cálculos que me pareciam fundamentais para entender a formulação das leis que regem o cosmos.

Enfim, cheguei à conclusão de que os homens dependem uns dos outros, pois vivem em sociedade, enquanto eu havia feito debandar o grupo mais próximo, ou seja, a família.

Desespero maior se deu quando soube que a ex-esposa se havia ajeitado com outro homem, para poder dar conta das despesas, tendo-o feito de modo religiosamente aceitável, pois se casou abençoada ao pé do altar, por sacerdote plenamente investido de suas atribuições e cercada pela aprovação dos familiares. Dava aos filhos um pai *verdadeiro* aos olhos de Deus.

Não queria esmiuçar tanto a vida, mas não encontrei outro jeito de dizer que deveria, à luz dos conhecimentos evangélicos que possuo agora, ter ficado perenemente em estado de graça perante a vida, na mais profunda felicidade, eternamente grato ao Senhor, pois tudo recebi e de nada dei conta.

Foi assim que me deixei abater moralmente, não me restabelecendo mais até o dia da morte. Eu, que tudo tivera, tudo perdi, inclusive a arrogância materialista, embora não me tivesse deixado contaminar por nenhuma ideia religiosa, tão acre acabei tornando-me.

É interessante saber que, nesse período final da vida, incessantemente, conversava com o Deus inexistente, para acusá-lo exatamente de estar em débito para comigo, justamente por não existir. Estava louco? É pouco provável. O que sentia era a profunda frustração por nada ter conseguido pelas próprias forças.

A compreensão de que perdera a caminhada só me chegou depois de algum tempo no Umbral. Mas esta história vou ter de deixar para outra hora, pois não me convenci plenamente de que por lá deveria ter andado por tanto tempo, quando os meus reais crimes acabaram sendo sanados pela dedicação da esposa e do pai de empréstimo que arranjou para os nossos filhos.

Peço que leiam o texto com atenção, para extrair algumas lições de vida. Nesse momento, desejo estar presente para poder aproveitar-me das reflexões, uma vez que estou extremamente curioso para saber como é que minha experiência irá registrar-se em outras mentalidades.

Rezem por mim, que eu, de há muito, venho rezando pela humanidade. Eis que estou reavendo um pouco das bem-aventuranças perdidas.

Humberto.

FILHOS DA LUZ

Chamo de *filhos da luz* àqueles que estão tendo a oportunidade máxima de refletir a respeito das mensagens espíritas, particularmente os que têm livre acesso — cultural, intelectual, afetivo, religioso, moral etc. — às obras da Codificação de Allan Kardec, pois são como que os mercedores das bênçãos de Deus.

Ninguém irá dizer aqui que basta se introduzir nos mistérios da Terceira Revelação, para adquirir o direito ao progresso. Mas, na verdade, as considerações que se podem fazer a partir daí levarão a fatal encruzilhada: ou se opta pelo caminho de Jesus, ou se prossegue na rota da materialidade mais grosseira.

É pena que não tenha o dom da palavra fácil, para enaltecer os pensamentos que os mentores estão propiciando a este grupo comandado pelo Professor Álvaro. Entretanto, devo citar algumas passagens da derradeira estada na carne, para ilustrar os dizeres acima.

Em vida, fui apaniguado pela influência espírita de meu pai, que, embora livre-pensador, sabia respeitar as diretrizes evangélicas, mantendo profícuo contacto com os dirigentes do centro espírita da cidadezinha natal.

De início, ia à missa com mamãe, mas, quando atingi a idade da razão (aos quinze anos), meu pai achou que deveria começar a conhecer os pontos essenciais da doutrina e me deu a ler **O Livro dos Espíritos**. Nenhuma leitura foi mais detestada por mim, que, apesar de ignorante, gostava de ler.

O efeito, portanto, não poderia ter sido pior. Recebi diretamente da fonte os mananciais de água, mas meu reservatório era por demais acanhado e vinha cheio de há muito com as rezas e demais atividades católicas.

Além de tudo, meu pai não percebeu que estava afastando-me de meu natural grupo de amigos, masculinas e femininas — especialmente femininas —, de sorte que não via interesse nas diretrizes filosóficas e morais, as quais, absolutamente, não entendia.

Meu pai suspeitou de rebeldia e inconformação e proibiu-me, severamente, de frequentar a igreja, para desespero de minha mãe.

Não sei que desavenças íntimas ocorreram no seio do casal, mas a verdade é que, em breve, voltava às boas com os amigos, não tendo sido jamais molestado por papai.

Como sobra das *confrontações* (palavra muito forte, porque me calei, nunca arguindo a atitude paterna), precisei arrumar emprego, se quisesse dinheiro para as despesas pessoais.

O convívio com os trabalhadores da firma, em que exercia o modesto papel de estafeta, me abriu a mente para os relacionamentos humanos mais práticos, de forma

que, não demorou muito, estava buscando melhores recursos financeiros, em cidade maior.

Se escrevesse a história de minha vida, iriam suspeitar de diversos nomes conhecidos que, como eu, saíram do nada do Interior, para efetivas conquistas econômicas, na Capital. Mas não irei dar pistas da real identidade. Baste-me dizer que fiquei razoavelmente bem postado na sociedade, mercê de muito trabalho e de bastante sorte, onde entrou a força e a coragem de minha companheira e esposa, amorável criatura, que me deu sustento afetivo e equilíbrio racional, para me manter feliz até o final dos dias.

Mariana era espírita convicta. Médiun de excelentes recursos, despachava as mensagens com inteira segurança, chegando a reproduzir as exatas expressões dos amigos da espiritualidade. Caso viessem estrangeiros ou pessoas de diferentes regiões do país, interpretava à maravilha as entoações e cacoetes linguísticos, dando aos parceiros de mesa a noção concreta que se desejava evidenciar, possibilitando aos doutrinadores eficaz participação evangélica.

Eis que tive, de novo, a condição de me tornar *filho da luz*, com todos os recursos, pois o intelecto se desenvolvera e interesses sociais se haviam de há muito definido.

Meu pobre pai falecera bem antes de eu partir para a cidade grande, deixando-me a triste lembrança de tê-lo desapontado. Contudo, na primeira oportunidade que tive de evocá-lo mentalmente, respondeu-nos, orgulhoso do filho, que estava bem e que se constituía em meu protetor especialíssimo.

Deveria encerrar aqui a minha história de amor e felicidade, se não tivesse sofrido triste baque do destino. Perdi, de uma só vez, três filhos, barbaramente assassinados.

Foi o teste decisivo para minha firmeza espírita e eu sucumbi à dor. A querida esposa manteve-se soberana sobre o sofrimento, buscando lenir as dores com a presença dos mentores familiares, que se desdobraram para mantê-la cônica dos deveres cármicos assumidos perante o Senhor.

Eu, por longo tempo, estive à beira do suicídio, não tendo concretizado o gesto, pela vigilância diuturna que Mariana exercia.

Após três anos de intenso desespero, afastado de todas as atividades espíritas, aconselhado pela mulher, voltei ao centro, na esperança de ouvir as vozes dos filhos. Jamais consegui, mas os instrutores vieram consolar-me, chamando-me, expressivamente, de *filho da luz*, nome com que eu designava, às vezes com certa jocosidade, os espíritas mais arraigados.

Foi como que o despertar para o amor a Deus. Sublimei todas as vicissitudes e passei a trabalhar serenamente em prol da consolação dos desesperados. Compreendi, finalmente, que a vida é o cadinho das paixões, onde se depuram os sentimentos. E estabeleci sério roteiro de atendimento, onde fiz frutificar o exemplo da aceitação da vontade do Pai, para o discurso da regeneração emotiva dos angustiados.

Não sei se cheguei a salvar alguém de cometer atentado contra a vida, mas a verdade é que fui muito procurado pelas pessoas que ficavam sabendo do meu poder de consolação.

Volto hoje com a mesma mensagem, agora salvaguardada pelo reencontro feliz com todas as criaturas queridas.

Não perpasssei pelas trevas do Umbral, embora não tenha chegado de todo puro para a ascensão à angelitude. Criei obstáculos, em virtude de certo ar de superioridade de que me deixei infiltrar, já que me considerava um vencedor. Entretanto, tenho encontrado, no afeto dos companheiros, forças para suplantar esse terrível defeito, para quem, um dia, se entusiasmou com ser alcunhado de *filho da luz*. Muito devo crescer, para atingir esse ideal evangélico superior, mas devo dizer que foi muito melhor do que a experiência anterior, quando voltei da Terra diretamente para as profundezas do bátrio.

Se todos os leitores puderem considerar-se *filhos da luz*, apesar de estarem contaminados, como eu, de algum orgulho íntimo, será preferível a não terem consideração alguma por si mesmos.

Definitivamente, sempre será melhor trabalhar pelos irmãos, até mesmo quando nenhuma força externa esteja a impelir para a caridade. Que se faça o bem pelo bem, e não pelas diversas recompensas, que Deus saberá o momento de estender-nos a mão.

Ricardo.

LOROTA MAL CONTADA

Meus pais sempre quiseram que eu fosse verdadeiro em tudo que fizesse. Todavia, para ensinarem-me a não mentir, deram-me memoráveis surras, a ponto de me fazerem perder o fôlego. Foi assim que acabei por aprender a mentir com perfeição, pois muitos segredos de conduta estava impedido de contar, por julgar que eram bem mais condenáveis que a mentira. Se me descobrissem mentindo, apanharia pelos dois procedimentos; se não me apanhassem, estava duplamente salvo.

Foi com essa ideia que cresci e me apresentei ao mundo e ao mercado de trabalho. Se não fui totalmente feliz em todos os empreendimentos, pelo menos consegui progredir na vida, a ponto de constituir sólida família, sem qualquer problema financeiro.

Se disser que eduquei os filhos de modo perfeito, irei exagerar muitíssimo, mas fiz questão de evitar que sofressem as mesmas vergonhas pelas quais passei, chegando a enganar os meus pais, dizendo que havia adotado o sistema que empregaram comigo e com meus irmãos.

Se fosse até aí a consequência do aprendizado infantil, as coisas morreriam e não haveria motivo para recordá-las. Entretanto, devo dizer que o hábito antigo ficou profundamente arraigado na personalidade, tanto que, em matéria de religião, pensei ser possível aplicar o mesmo sistema das mentiras de conveniência.

Foi assim que demonstrei arrependimento perante os sacerdotes no confessionário, esquecido de que haveria olhos e ouvidos bem mais atentos: a própria consciência.

Obtido o perdão dos pecados — entre os quais incluía o da mentira, subliminarmente aplicada no próprio ato da confissão — deixava o ambiente sagrado do templo, para repetir tudo de novo.

A bem dizer, viquei-me com a mentira, fazendo dela o salvo-conduto para ingressar no Céu, tantas foram as vezes que alcancei o perdão de Deus, através de seus ministros.

Se me tivesse deixado seduzir pelo Espiritismo, teria ficado bem evidenciada a sutileza da hipocrisia, mas fugi das reuniões mediúnicas como o diabo da cruz, embora fosse convidado insistentemente por diversos colegas de trabalho.

Houve um dia especialíssimo, quando me dispus a acompanhar o chefe, na crença de que, através desse tipo de bajulação, iria conseguir melhor colocação na empresa.

Quando interrogado a respeito do que havia presenciado, descaradamente menti, afirmando que, se tudo fosse sempre tão harmonioso e significativo, iria esquecer o Catolicismo, levando a família toda às aulas e preleções evangélicas do centro.

Não contava com a veracidade das comunicações, de sorte que acabei sendo discretamente desmascarado pela entidade protetora, em comunicação reservada ao chefe. Preveniram-no para não cometer a injustiça de destinar o cargo melhor ao pior dotado, ao mais malicioso, ao mais perverso moralmente.

Fui alertado com sutileza para os artifícios e mantido no posto. No entanto, o chefe prosseguiu oferecendo o apoio dos mentores do centro, tendo eu me recusado, sistematicamente, a voltar lá, desconfiado de que havia quem fosse capaz de evidenciar todos os golpes.

Foi o pior ato da vida, talvez com a ajuda de algum obsessivo a quem de há muito perdoei, pois quem estivera sempre errado fora eu mesmo. Inclusive, após meditar por alguns anos no Umbral, cheguei à conclusão de que deveria aliviar a sobrecarga energética negativa que enviava contra meus pais, perdendo-os pela ignorância santa que me obrigara a manter as mentiras.

Se os amigos tiverem paciência, poderei prosseguir mais um pouco, fazendo referência a outros senões da personalidade, diretamente vinculados à mentira.

Fui desonesto nas contas, traí a confiança da mulher, não dei todas as informações de vida aos filhos, distorci a realidade para os netos, tentei enganar os irmãos em questões de herança e de negócios familiares, fui arrogante e áspero em relação aos subalternos e terminei por acusar o Pai de injusto, por me não ter oferecido as melhores condições existenciais ao regressar à espiritualidade.

Fiz questão de enunciar esses defeitos, para que se não pense que estive sofrendo no Umbral por ter desafiado a argúcia dos orientadores espirituais do centro.

Mas, se estive determinado tempo na escuridão, certamente bem maior teria sido se não fossem os rogos dos companheiros de trabalho, que me assistiram os últimos momentos, vítima que fui de insidiosa moléstia pulmonar.

Durante a lenta deterioração física, pude compreender alguns conceitos básicos do Espiritismo, ao mesmo tempo que recebi a sacrossanta hóstia administrada pelo padre orientador de minha esposa, o qual soube cativá-la para o perdão às minhas faltas.

Ajuda amiga, portanto, não me faltou, talvez por ter auxiliado irmãos necessitados de dinheiro, pois, nesse aspecto, não era assim mesquinho.

Em suma, para quem viveu tão alienado da realidade evangélica, até que as consequências não foram tão desagradáveis, tendo-me valido, principalmente, o fato de ter mantido a família unida e fortemente amparada.

Há contradições, sim, no que escrevi, mas foram contradições da vida, não da descrição dela. Se pudesse retornar ao campo terreno, iria fazer algumas coisas de forma bem diferente, a principiar por tentar eliminar completamente as lorotas que tão cedo aprendi a contar.

Como não sei tirar conclusões muito sábias dos acontecimentos, simplesmente devo advertir, para os amigos enxergarem nas próprias vidas os reflexos das falcatruas que cometem, mesmo que impelidos por conveniências ou constrangimentos sociais.

Lembrem-se de que existem espíritos protetores atentos e não se esqueçam de que, acima deles, está, sempre vigilante, a consciência.

Honorato.

NADA DE IMPORTANTE

Cá estou para a primeira manifestação “ao vivo”, nesta maravilhosa (sensacional) tarde psicográfica.

Venho da parte dos mentores, para trazer algumas informações de ordem biográfica, no que tange à parte psicológica e moral, para produzir nos leitores a sensação de quebra dos princípios organizados de seu procedimento, para infiltração de valores evangélicos superiores.

Resguardo-me, entretanto, perante aqueles que têm convictos os ensinamentos de Jesus e os seguem em cada pequenina atitude. Eis que não tenho, deveras, nada de importante para relatar.

Consubstanciadas as diretrizes fundamentais do proceder evangélico, deverá o homem partir para o campo dos compromissos, realizando o bem indiscriminadamente, exatamente da forma que gostaria de ver feito para si. O mais é muito labutar na área dos estudos, para ir aprofundando-se nos conceitos superiores, em busca da perfeição.

Como preveni, nada de importante tenho para demonstrar aos amigos, pois não fui capaz de executar o plano traçado no parágrafo anterior, pobre alma errante que fui, no derradeiro e atormentado encarne.

Desde cedo, vi-me envolvido em confusões, a ponto de ter de responder perante a lei por vários delitos menores. Não vou esmiuçar a intrincada conjugação dos fatores que me levaram aos desatinos, porque não desejo deslustrar a memória de qualquer dos parentes, hoje todos muito preocupados em me ver feliz, neste arremesso de estudos e de compenetração das verdades.

Mas fato é que não fui *boa pinta*, terminando por receber sentença condenatória, para mais de quinze anos, na escuridão do bátrato.

Os males que causei não importam muito, pois a condenação veio e, do cumprimento dessa pena, ninguém escapa. O que me interessa revelar é que me encontro transcrevendo lauda que redigi, preparado para enfrentar os argutos olhos destes amáveis juízes, que, se não me irão ferir com qualquer represália, também não deixarão passar nenhuma vírgula mal colocada, para me ensinarem cada regrinha que tiver violado.

Como podem observar os amigos, até que minha expressão não desdoura dos demais que me antecederam e a quem presto solene homenagem, pela coragem, pelo sangue-frio, pela compreensão que tiveram de que as confissões poderão servir de apoio,

para que os leitores possam refletir a respeito dos desempenhos, em função do cumprimento das diretrizes cármicas.

Não iria elogiar os partícipes do grupo sem didático objetivo, qual seja, o de prescrever aos leitores que estejam atentos para as tendências psíquicas, na intenção de perceber se estarão aptos à elaboração de idênticas manifestações de caráter, a ponto de favorecerem os futuros leitores, uma vez que esta corrente é formada de fortes elos e jamais se romperá, mesmo que não tenhamos a possibilidade de fazê-lo mediunicamente, mas só no âmbito das escolas do etéreo.

Para quem não veio trazer qualquer declaração de valor, até que a dissertação está apresentando alguns pontos positivos, no sentido, principalmente, de levar para o papel aspectos que devem ser trazidos à meditação dos leitores.

Será que este pobre amigo, confesso de tanta inferioridade, recentemente surtido das trevas, terá alguma certeza de estar apresentando-se com algum mérito? Eis a pergunta fatal.

Na verdade, o desejo é de demonstrar que há necessidade de cada pessoa ter inteiro domínio sobre as ações, especialmente quando delas resultar algo em relação aos demais. Assim, quando estou afirmando estar seguro de que algo bom estou realizando, é para fomentar a conclusão de que todos devemos sempre estar convictos das realizações como atos evangélicos, uma vez que não haverá outra maneira de despertarmos para as verdades cristãs.

Em outras palavras, de que me adiantará estar consciente do cometimento de crimes como atos contrários às normas evangélicas, se não tiver a intenção de me regenerar? Da mesma forma, tudo o que estivermos concretizando, no plano dos relacionamentos, devemos ter a consciência de que são atitudes boas, que só resultarão em bens para todos, na busca da felicidade maior de se saber capaz de seguir as determinações messiânicas.

Espero que os irmãos me perdoem se o texto prescindiu da simplicidade retórica dos que me antecederam, tendo eu feito uso de alguns artifícios, para torná-lo mais atraente e, a partir daí, mais atuante para o fim que objetivava. Afinal de contas, embora não tenha sido esse o meu caso, não é verdade que a beleza é fundamental para a alegria do existir?

Eis que, indiretamente, volto a expor conceito de primeiríssima ordem no conjunto dos bens que se requerem dos que almejam sublimar-se, evangelizando-se: a naturalidade com que a alegria se confunde com a beleza da alma, para a serena ascensão aos campos do Senhor, já que não há excluir-se de toda felicidade, ao se conhecer digno das bênçãos do Pai.

Nada de importante foi título danado de bom para esta mensagem, pois agora posso acrescentar *para quem age com Jesus no coração*, uma vez que espero em Deus que todos os leitores estejam aptos a aceitar as observações não só como verdadeiras, mas também como o fiel retrato da própria maneira de ser.

Sendo assim, deixo o posto para receber, contrito, as observações dos mais experientes, ansioso por me ver cheio de felicidade, por ter-me saído razoavelmente, segundo as expectativas dos mentores e dos amigos. Espero não ter decepcionado os

irmãos encarnados. Eis o que chamo de *saudável egoísmo*, embora sinta algumas alfinetadas administradas pela consciência, mas nada de muito importante...

Afonso.

RONALDO VAI ÀS COMPRAS

Não é por acaso que imitamos o título de conhecida película cinematográfica. É que queremos enfatizar a atitude que muitos tomam ao se endereçarem aos templos religiosos, da mesma forma que vão às lojas e feiras públicas.

Já deu para os amigos perceberem quem é o tal de Ronaldo: é este que lhes fala.

Pois fui modesto coletor de impostos, que vivi a maior parte do tempo encerrado em gabinetes oficiais, para a escrituração contábil do governo. Cumpria as tarefas com alguma proficiência, mas nunca obtive avanço funcional que me garantisse ganhos substanciais. Eu mesmo sonhava com grandes feitos na vida, de modo que fui azedando o espírito, à medida que os ideais iam depositando-se no fundo do baú da memória.

Apenas para ponto de referência, podem acreditar que esta comunicação é, de longe, muito mais importante que qualquer consideração de que fui alvo durante toda a longa carreira profissional. Devo dizer que não tive filhos, o que me teria dado alguma alegria. Mas minha mulher era estéril e eu a respeitei solenemente.

Aliás, foi através dela que fui transferindo as ilusões de grandeza para o outro mundo, pois, como não passava de alguns minguados contos de réis, comecei a pensar que poderia adquirir ótima localização no paraíso.

Em uma página, resumi a história de minha vida e levaria apenas duas linhas para dizer dos sofrimentos posteriores causados pela frustração das expectativas. Amaldiçoei o destino e me senti duplamente traído, quando, além de não ter recebido nada de valor no etéreo, vi minha mulher contrair novas núpcias, menos de um ano após o meu desenlace, que se deu assim que me aposentei.

A bem da verdade, não oficializou o matrimônio, pois pretendeu prosseguir recebendo a pensão da viuvez, mas, para mim, que passei a desconfiar da fidelidade dela, principalmente porque houve vários espíritos maldosos que vieram assoprar-me tal fato ao ouvido, foi como se tivesse selado o compromisso perante Deus, ou seja, pela eternidade.

As andanças pela Terra surtiram efeito maléfico para a psique, pois o azedume se acentuou sobremodo, ao ver o modo de vida das pessoas. Se eram felizes, sentia forte inveja. Se infelizes, demonstrava ao Senhor toda a sua injustiça, apontando para a minha miséria moral.

Fui às compras pela mão da esposa, na época em que passei a frequentar a igreja, mas não obtive qualquer sucesso. Também pelas mãos dela, involuntárias, fui jogado na rua da amargura.

Durante diversos anos, vaguei pela crosta, observando a vida humana. Fui impedido, muitas vezes, de penetrar na intimidade das famílias, de sorte que não posso afirmar conhecer todos os aspectos dos relacionamentos humanos. Mas o que pude analisar fez-me concluir que deveria receber ajuda, ou ficaria eternamente errante.

No dia em que formulei com toda a clareza tal pensamento, me vi, de repente, convidado a entrar numa daquelas casas que sempre desejei frequentar. Era um centro espírita. Não é preciso dizer que fui bem tratado, sendo-me permitido avaliar os trabalhos lá realizados. Assisti a diversos contactos mediúnicos e firmei pé em que, algum dia, iria apresentar-me para valiosa comunicação. Rejeitei a ideia de vir na qualidade de malfeitor, conforme vários seres que ali se apresentaram, e me propus a seguir os conselhos dos amigos.

Data dessa época o meu ingresso nesta instituição, onde, após ter batalhado bastante, fui inscrito nesta turma. Como se pode observar, deixei de lado a pretensão de transmitir noções evangélicas de peso e aceitei partilhar das alegrias do grupo, para o desempenho mediúnico subsidiado.

Estou muito contente por ter podido deixar as minhas impressões mais à flor da pele, sem interferências de caráter doutrinal, pois penso que muitos dos companheiros leitores irão optar por tão simples dissertação, no momento em que se virem perante algum mediador.

O que mais posso recomendar é que rezem bastante, sem, entretanto, proporem qualquer escambo de mercadorias espirituais do tipo:

— *Eu prometo ser fiel às leis...*

É que de bem intencionados o inferno está cheio.

Façam o máximo que puderem pelo bem-estar moral e físico dos semelhantes e não queiram rogar nada para si mesmos. Peçam saúde para trabalhar e compreensão para as dores que os impedirem disso. Jamais criem a expectativa de que vão chegar e logo participar ativamente de algum grupo de socorristas. As ilusões são o que mais dói, quando a realidade se apresenta desfavorável.

Vejam o meu caso atual. Escrevo estas linhas e faço o máximo para cumprir o melhor possível a obrigação, mas não estou bem certo de que vá atingir o âmago das emoções de ninguém. Talvez consiga, mas a expectativa disso não é preponderante. O que estou tentando informar é que o futuro a Deus pertence, o qual se baseará no nosso presente — como norma existencial — para nos propor os próximos passos e o ânimo com que os daremos.

Passei por momentos verdadeiramente lúgubres. A tristeza era o sentimento que regulava todos os atos e pensamentos. Mas isso foi deixado para trás e agora, apesar de lamentar tanta perda energético-fluídica (o que corresponderia à perda de tempo entre os mortais), encontro forças positivas para ir realizando os estudos, buscando caracterizar todos os procedimentos que se seguirão, no instante em que estiver exercendo o socorrismo.

Graças a Deus, tenho estado na companhia de irmãos dedicadíssimos, o que me sugere a exortação a que os leitores façam o mesmo com os parceiros, não se esquecendo, jamais, de que o ato de escolha não é excludente, mas *includente*, ou seja, aqueles companheiros que não forem os melhores merecerão amparo especial, de sorte a dar-lhes oportunidade de criarem condições de frequentar o seu círculo de amizades.

Para quem não desejava deixar nada além do que impressões de vida, até que fiz exortações mais contundentes. Não se iludam com esta atitude: ainda uma vez, Ronaldo está indo às compras, agora bem mais consciente das dificuldades, conforme me assopra a esposa aqui do lado.

Ronaldo.

LÁGRIMAS QUE JORRAM

Eu sou dos que trazem muita alegria ao grupo, sempre procurando narrar casos engraçados ou fatos agradáveis, para elevar o moral da turma, pois a tendência é de se manter certo ar preocupado, tendo em vista as responsabilidades que se assumem. Como os compromissos são tidos em alta conta, não é incomum toparmos com colegas a soluçar pelos cantos, como se estivessem prestes a desistir de tudo. São lágrimas que jorram.

Eu mesma estive a pique de abandonar a *Escolinha de Evangelização*, pois me considerava tremendamente endividada, em relação aos familiares e a alguns companheiros. Mas, como aqui as vibrações íntimas são pressentidas por alguns grupos treinados para a percepção dos problemas mais graves, logo advém o socorro oportuno, como no meu caso, em que fui assistida com ternura por grupo de amigos pertencentes à equipe.

Estava desesperada? Não tanto. Apenas queria desvencilhar-me mais rapidamente dos laços que me faziam dependente de outros seres, alguns bem malévolos. Mas não pude realizar o objetivo, pois só iria complicar as coisas, já que não me preparara convenientemente, podendo, inclusive, causar sérias perturbações, tornando-me mais obsessora do que protetora.

Não me parece que o relato traga qualquer complicação quanto ao entendimento, porém, para tornar tudo bem claro, devo dizer que nem sempre a melhor das intenções produz o melhor resultado. Não basta o sentido do arrependimento, nem o sofrimento do remorso; é preciso bem compreender as dores alheias e toda a conjuntura das circunstâncias, para podermos oferecer a assistência que nos caberá, como norma geral do socorrismo fraterno.

Não fiquem os amigos assustados com estes dizeres, pois poderá parecer tudo muito complicado, já que é costume dos encarnados tentarem proceder emergencialmente, colocando só panos quentes. Para nós, os tratamentos devem ser exaustivos e completos. Se houver alguma úlcera, não deverá o tecido atingido demonstrar indício da doença. Buscamos comparação bastante específica, para evidenciar o quanto deveremos modificar a personalidade, no sentido do aperfeiçoamento, para alcançar sucesso junto às demais criaturas.

Se alguém não estava assustado, depois das explicações deve ter ficado apavorado. Não é esse o objetivo; portanto, muita calma, ponderação e paciência, pois, da tranquilidade adquirida da confiança em que Deus é pai de misericórdia, é que brotarão os pensamentos que fundamentarão as ações evangélicas.

Falamos muito sobre a necessidade do conhecimento das leis cármicas, para a segurança do aprendizado da doutrina espírita. Se é bem verdade que uma encarnação só não oferece todos os recursos, também não se pode negar que, se fizermos o máximo em cada uma, reduziremos o tempo nesta esfera de expiações, podendo ocorrer de abreviarmos a estadia de alguns milênios.

Falar-se de milênios para quem tem a perspectiva de uns poucos anos talvez venha a perturbar ainda mais os já atormentados leitores, mas o oferecimento de novas oportunidades está consignado nas diretrizes universais, de modo que é bênção de esperança para realizarmos tudo da melhor maneira possível, aguardando atribuições complementares, para futuros encarnes. Não tem lógica o que estamos expondo?

Eis que se justificam algumas lágrimas, pois devemos reconhecer-nos bem pequeninos. Ao contrário do que se possa supor, mesmo os amigos que vieram propor totais alegrias, pois a felicidade é certa, são unânimes em reconhecer a existência da dor e a expectativa das frustrações parciais, já que nem tudo nos cairá do céu diretamente nas mãos. Todos deverão conquistar os direitos ao progresso e isso é trabalhoso, penoso, contingente e, às vezes, assustador. Choremos, pois, dando vazão aos sentimentos, mas estejamos atentos para a próxima parada do bonde do destino, porque pode ocorrer que a estação seja de muita festa.

Eu mesma, quando estava naquela desagradável condição de muito desapontamento, chorava e já me arrependia de estar tão triste, pois me lembrava das exortações à alegria. Aí me recordei de outros momentos infelizes que se entremearam de profundas e puras emoções de amor, de fraternidade, de compreensão, na suprema ventura de existir, e dei aos socorristas condições de me energizarem, revitalizando-me os centros nervosos positivamente.

Caso os amigos estejam passando por fase semelhante, lembrem-se deste modesto comunicado e façam de tudo para transportarem-se para momento não muito distante no futuro, porque a visão das coisas estará possibilitando a perspectiva de se sentirem no auge da desesperação. Quem sabe até possam sorrir de si mesmos, numa configuração mais real do que somos perante o Cosmos: filhos do Pai Celestial.

Perdoem-me tão simples palavras, desmerecedoras de estar entre as mensagens tão importantes dos amigos. Mas creio que a mesma esperança que obtive deva ser o principal para a consolação dos que se encontram tristes pela perda de alguém ou de algum bem valioso. Nada na vida é eterno; mas tudo que é transitório é aperfeiçoável. Façamos o máximo para obtermos o melhor para todos, que estaremos protegendo-nos, eficazmente, das dores e frustrações das perdas, pois criaremos a convicção de que tudo, um dia, nos sorrirá ao redor.

Fiz de propósito redigir com extrema seriedade, não dando a ninguém o direito sequer de desconfiar de que as palavras não estejam baseadas no mais profundo apego pela verdade, e também para que a declaração inicial de que sou dos que mais brincadeiras fazem não pudesse pesar nas conclusões que os amigos fatalmente

realizarão. Não é bem verdade que os que mais brincam são os que melhor escondem os dramas íntimos? Pensem nisso.

Odete.

EVENTUALIDADES

Muitos dos nossos se apresentam à psicografia para desenvolverem o tema das programações cármicas. Uns poucos somente vêm com a predisposição aos comentários particulares a respeito dos sucessos episódicos, alheios à vontade coletiva dos protetores ou individual do protegido.

Em termos bem simples, diríamos que existem ocorrências na vida geradas por puro acaso. São as eventualidades.

Pode um filho ser gerado dessa forma? Eis pergunta típica dos que para quem tudo deve ser rigorosamente planejado. Que acha o bom amigo leitor? Como reagiria se lhe dissessem que foi concebido, sem qualquer desejo real de ninguém que viesse ao mundo? Por certo, a questão não seria de agrado.

Muitas perguntas, então, poderiam ser feitas em relação ao evento:

— *Como foi que se deu o processo de miniaturação do perispírito e a competente encarnação? Quem teria providenciado a parte técnica? Com que intenção se daria um encarne casual? Haveria programação de emergência?*

Poderíamos multiplicar as inquirições, tantas serão as dúvidas suscitadas.

Mas a resposta seria extremamente simples: nada, nesse campo, se dá por acaso. Se, para os encarnados, os acontecimentos nem sempre seguem padrões controláveis, havendo inúmeros desfechos imprevisíveis; para os desencarnados, a análise das ocorrências se faz com a possibilidade de integral prevenção, de sorte que os encarnes, por exemplo, estão preparados antecipadamente, esperando-se que se dê a conjunção carnal específica (espermatozoide mais óvulo), para a implantação do espírito a renascer.

Da mesma forma, ocorrem os abortos, com a diferença de que, aí, a surpresa pode estar também com os mentores espirituais, que não se capacitam para tais tipos de acidentes.

Generalizando a ideia, podemos inferir que o ingresso na carne está sob rigorosa assistência, enquanto a separação se dá mais ou menos aleatoriamente. É que os eventos espirituais não se regem pela mesma lei que os materiais.

Como atuar para o melhor aproveitamento dos fatos que se dispõem contrariamente às expectativas? Tirando as lições mais adequadas para a compreensão das leis cósmicas, segundo os mandamentos evangélicos.

Como reagimos quando recebemos herança ou prêmio lotérico? Abrindo o coração para a alegria e a felicidade, pois muitos problemas de caráter material irão simplesmente desaparecer. Ao contrário, quando são desgraças, fechamo-nos para a compreensão e rasgamos as vestes em desespero.

São atitudes extremadas. Se é normal sorrirmos de contentamento com os fatos felizes, também o é em relação ao pranto que derramamos, perante a perda de pessoas ou bens. Mas fundamentarmos toda a vida nesses acontecimentos, certamente evidenciará que estamos vivendo momentos ocasionais, sem a percepção de que os bens materiais se perdem e os males da alma se curam.

Bem compreender as ações extemporâneas talvez seja o sagrado mistério de se viver de forma proveitosa.

Eis que chegou a hora de falar de minhas desventuras, pois, na Terra, tudo o que fiz foi lamentar-me profundamente de cada pequenino acontecimento que me fugia ao controle. Ficava indignada por ter de apanhar alfinete que me escapasse das mãos. Imagine-se, então, como me senti quando vieram a falecer os parentes mais próximos. Acusei a Divina Providência, com todas as forças da alma, de injusta e perversa. Não entendia como é que tais fatos pudessem ocorrer com as pessoas. Se viessem consolar-me, citando-me males maiores, eu, simplesmente, considerava um desplante a reação dos que me conformavam tão singelamente, como se não se pudesse ter voz ativa relativamente ao destino.

Tais pensamentos me pesaram consideravelmente, quando reingressei no etéreo, jovem ainda, estando na expectativa de me tornar mãe pela terceira vez. O feto sobreviveu e meus dois pimpolhos queridos ficaram irremediavelmente sem o meu carinho de mãe e os meus cuidados de tutora.

Argui os protetores e não lhes aceitei a recomendação de que me contivesse e pusesse tudo nas mãos de Deus. Chamei Jesus às falas e muito me irei por não tê-lo ali presente, para demonstrar-me que o sofrimento dele fora maior que o meu.

Caí em profunda prostração moral e internei-me na escuridão do bátrio, para período de hibernação considerável. Não queria ver nem ouvir ninguém e isso consegui proficientemente.

Mas a dor não é eterna e a misericórdia do Pai é infinita. Um dia, revelei o desejo de visitar o antigo lar e para lá me transportei, maravilhada.

Não reconheci nenhuma das personagens. O meu marido, encanecido e enrugado, estava com a fisionomia agradável de alguém a quem a vida oferecera tudo de melhor. Senti um frio na espinha, pois julgava que deveria encontrá-lo arrasado, prestes a cometer suicídio.

Havia na casa uma jovem de uns vinte e poucos anos, a qual logo achei que poderia ser minha filhinha, aquela que chegou quando eu parti. Mas logo me desiludi completamente, pois percebi que era a nova esposa de meu ex-marido.

Não sei como é que se sentem as mulheres divorciadas perante novo matrimônio dos maridos, mas eu me senti desfalecer. Pela primeira vez, senti poderosos influxos energéticos a me revigorarem, pois não poderia falir naquela dolorosíssima experiência.

Não queria mais saber de nada, mas bondoso senhor me apareceu e me recomendou muita calma, solicitando-me que o acompanhasse em amorável prece de agradecimento ao Senhor, pela possibilidade da visão e da audição.

No íntimo, eu me sentia revoltada, mas julguei melhor condescender, para não ofender a quem me oferecera tanto amparo. Aos poucos, aquele mau estremecimento cedeu lugar a choro convulsivo de arrependimento, pois percebi que me olvidara por completo da necessidade das orações e da contingência humana da vida gregária.

Não se me fez completamente a luz, mas pude enxergar, na consciência, um despertar para o amor, pois quis ver como iam as coisas para os meus filhos.

O primeiro fato que observei foi certo ar de tristeza, por estarem sob a tutela de jovem da mesma idade. Foi aí que descobri quanto tempo havia passado, desde que falecera, e como tivera sido inútil para a família, por me ter tanto abandonado ao luto do coração.

Acentuou-se o meu tremor e negra nuvem cobriu-me a visão. Não houve recurso fluídico que me valesse, despertando-me bem mais tarde, em instituição hospitalar, sob os cuidados dedicados de equipe especializada.

O mais foram lutas intensas para superação de imensa série de maus pensamentos a que me habituara. Mas podia, enquanto estudava, ir acompanhando a vida dos filhos, de modo que me nutria de amor para a sustentação da lucidez.

Penso que o bom amigo leitor possa estabelecer paralelo entre a parte teórica e o meu caso particular, para concluir comigo que as circunstâncias a que dei tanto valor não mereceriam sequer simples consideração. Havia muitas coisas importantes em jogo, para que me dedicasse tanto ao meu egoístico ponto de vista.

Peço permissão para me retirar, sem realizar qualquer preleção moralista: poderia ser mero acaso com que se deparasse o amigo leitor e eu pretendo que tudo para ele tenha o valor das essências.

Raimunda.

MERECIDO DESCANSO

Meu compadre Firmino era espírita de quatro costados. Trabalhou alucinadamente (se não for forte demais tal termo) para prover os amigos de tudo que lhes faltasse. Não era rico, mas sempre dava jeito de arranjar o que lhe pedissem: eram bolsas de estudo, eram conselhos, eram alimentos e remédios, tudo ia de cambulhada.

Mas Firmino esqueceu-se de si mesmo. Teria sido de propósito, para não cair em tentação, como tantas vezes repetiu na prece dominical? Não sabemos, mas a verdade é que, ao despertar no etéreo, sentiu enorme desejo de descansar. Parecia que tinha cumprido tarefa demasiado pesada para os frágeis ombros.

Em oração compungida, solicitou a presença dos protetores e rogou que lhe permitissem o tão desejado e merecido descanso. Colocava, contudo, a decisão nas mãos dos amigos, na eventualidade de ser útil de alguma forma.

A deixa era oportuna e os mentores, de imediato, designaram-no para laboriosas tarefas de assistência ao grupo familiar, de modo que se pôs diretamente às ordens de multidão de espíritos guardiães, os quais, desde logo, começaram a solicitar-lhe que ajudasse nisto e mais naquilo: eram vigílias noturnas para aviso de achques perigosos; eram recados que deveriam ser passados com urgência, em alguma comunicação mediúnica; eram caprichos prejudiciais que deveriam contornar-se. Em suma, Firmino se viu atarantado com tantos pedidos.

Mas não se abalou. Permaneceu por mais de quinze anos nessa azáfama intérmina, uma vez que todos os acontecimentos pareciam renovar-se para atendimento emergencial. Quando Firmino começava a sentir-se um tanto ou quanto desconfiado de que algo havia a ser aprendido com aquela atitude, foi chamado pelo anjo guardião, para verdadeira preleção a respeito do trabalho.

Ali, coagido a ouvir, passou por solene sermão a respeito da preguiça e dos males consequentes. Não atinava com a razão de semelhante despropósito, pois, pelo que se lembrava, não passara um só instante na vida e mesmo depois de morto sem que estivesse executando algum serviço. Como receber, então, palavras tão ásperas, como se fora o maior vagabundo e irresponsável?

Mas calou-se.

Com ordem de retirar-se, foi enviado para uma cidade na própria Terra, local desconhecido, onde o trabalho era tido como função secundária da vida. Ali, o mais atarefado reservava boas três horas após o almoço para a sesta revigoradora e preguiçosa. O tempo parecia parado no mormaço circunjacente.

Firmino olhou para o Sol e viu-o resplandecente, a emitir raios poderosíssimos. Olhou para os irmãos e, imediatamente, suspeitou que deveria haver bastante trabalho a ser feito.

De pronto, segundo antigo hábito, pôs-se a procurar os guias daquelas pessoas, para tratar com eles a sua participação nos serviços socorristas.

Naquela hora, não encontrou ninguém. Achou que deveriam estar estudando os pontos essenciais do **Evangelho**, mas não topou com nenhum local de reuniões. Alguns espíritos jocosos estavam por ali, mas também faziam a sesta, como se encarnados fossem.

Firmino buscou a unidade hospitalar da região e ali se deparou com estranho quadro: os médicos e enfermeiros repousavam, enquanto os doentes davam curso às moléstias, despreocupados com os acontecimentos. Havia um que estava desvencilhando-se dos liames carnis, totalmente só, praguejando entre os dentes a péssima hora daquele supremo evento. Descansava quando fora surpreendido pelo falecimento. Ninguém por perto para presenciar a agonia, nem para a ajuda mais corriqueira.

Ao se aproximar do indivíduo, foi solenemente repellido, como se estivesse perturbando alguma coisa. Assim que o corpo estancou o fluxo vital, o espírito sossegou, acomodou-se num canto do aposento, cobriu-se com largo chapéu que não se sabe de onde fez aparecer e, em pouco tempo, roncava sonoramente.

Aturdido com o que via, Firmino começou a desconfiar de que seu pedido inicial de após desenlace, finalmente, estava sendo atendido.

Quando estava começando a se deixar embalar por suave sonolência, foi acordado por forte abalo sísmico, que rompeu as estruturas morfológicas do terreno, promovendo tremendo tremor de terra, verdadeiro terremoto, que ceifou, de cara, mais de trezentas vidas.

O etéreo, de repente, regurgitou de vida. Equipes acorriam de todos os lados.

Firmino olhou para os céus e agradeceu profundamente ao Pai estar ele ali, para o indispensável auxílio às vítimas.

Desde essa ocasião, os únicos momentos de verdadeiro sossego que Firmino goza são as horinhas de estudo, na companhia dos colegas de grupo, quando é obrigado a meditar a respeito das leis cósmicas. Se não tem nada para fazer, corre em auxílio dos irmãos em dificuldades, para aprender com eles as matérias do currículo. Não para nunca e julga que, ao contrário dos habitantes da cidadezinha, se parar, irá prejudicar perigosamente o esforço de evolução.

Vocês já devem ter desconfiado de que este que lhes escreve precisou acompanhar o irmãozinho durante muito tempo, para poder relatar as experiências, pois eu mesmo jamais julguei que pudesse existir alguém com tal disposição.

Mas meu modo de ser não se contaminou muito com a pressa que observei, e sim com a eficiência dos lenitivos manipulados. Se a pressa, de fato, é a grande inimiga da perfeição, isso só aconteceu porque não conheceu o compadre Firmino.

Quisera prosseguir com alguns comentários mais, mas estou sendo solicitado para acompanhá-lo em outro procedimento socorrista, já que obtive liberação para ir em busca de pessoal especializado para algumas suturas perispirituais.

Guardem bem o seu nome, pois ainda vão muito ouvir falar nele.

Roberto.

MOMENTOS DE FELICIDADE

É preciso saber transformar todo o tempo em *momentos de felicidade*. Se não forem graves os problemas em que nos enredamos, não haverá motivo para sermos sorumbáticos, pessimistas ou dispersivos.

Como vamos de saúde? Bem? Então, as demais preocupações podem aguardar que se apresentem as competentes soluções, pois tudo corre, na vida, segundo programações especialíssimas. Não há que bater o ferro frio, nem escaldar a pele em água fervente. O que é para ser feito, deveremos fazê-lo sem precipitação.

Eis-nos falando a respeito de como proceder, como se tivéssemos tido os melhores procedimentos. A bem da verdade, basta avaliar este escrito para saber que o estamos colhendo ainda verdolengo, na ânsia de cumprirmos a missão apostólica do alunado da ***Escolinha de Evangelização***.

Mas um pouco de sabedoria todos temos e não iremos transformar este glorioso instante de contato com o plano material em algo penoso ou difícil de realizar. Aqui estamos e iremos deixar a doce impressão da felicidade maior que sentimos com as conquistas espirituais. Sabemos que muito deveremos ainda caminhar para estar ao lado de muitos companheiros encarnados, mas a oportunidade não se desperdiçará.

Claro está que deveríamos expor alguns conceitos mais relacionados com a ideia principal, mas não correremos o risco da aflição consciencial de não ter o que dizer e, mesmo assim, estarmos a derramar conhecimentos.

Conhecemos nossa medida por força da análise a que tivemos de submeter todos os atos conscientes da derradeira encarnação. Foi algo muito lamentável, pois não conhecíamos as diretrizes espíritas por desleixo, já que vários colegas tínhamos que nos chamavam para as lides da caridade, em centro localizado no bairro.

Mas resistimos à ideia de termos de trabalhar mais ainda, visto que éramos professor e dávamos muitas aulas. Maliciosamente, íamos prorrogando o ingresso na casa de assistência evangélica para depois da aposentadoria, a qual jamais nos chegou.

Entretanto, graças ao trabalho com os adolescentes, pudemos apresentar boa ficha de favorecimentos e de algum apostolado, mormente porque não reclamávamos dos baixos salários, sentindo-nos até apaniguados perante a grande miséria da região.

Com a consciência tranquila, aportamos do lado de cá, ciente de que muitos dos momentos junto à juventude foram transformados em êxtase de felicidade, como se a real

atividade na Terra exigisse de nós que fizéssemos exatamente aquilo. Dar aulas foi vocação irresistível, não tendo perecido em plena atividade didática por injunção dos mentores, para que não se assustassem os pequeninos.

Na vida particular, não obtive o mesmo sucesso, pois o meu casamento falhou, talvez pela extrema mocidade da companheira. Não me lamentei muito, pois fui fartamente consolado, residindo aí os problemas mais sérios, pois não dei segurança emotiva a diversas criaturas que, talvez, acalentassem o sonho de se consorciarem maritalmente.

Hoje restabeleci os vínculos de frutuosa amizade com todos os seres que, de um modo ou de outro, nutriram algum ódio ou desgosto por mim e vivo bem satisfeito, na expectativa de reformular os planos existenciais, para dar continuidade à assistência àquelas mesmas criaturas que estiveram sob minha tutela intelectual. Não sei se vou conseguir, pois julgo que muitos avançaram para além dos círculos em que os deixei, até onde eu mesmo me capacitara a caminhar.

Crete de que os leitores estarão melhor preparados para a interpretação destes dizeres, vamos abandonar o posto, orando ternamente ao Senhor, para que todos possamos transformar estes instantes em verdadeiros momentos de felicidade.

Norberto.

Comentário

O amigo Norberto não descreveu todos os seus momentos, mas pretendeu deixar registrados só as melhores lembranças.

O professor Álvaro, com a autoridade que lhe dá o posto de mentor da turma, vem acrescentar que vidas inteiras sem dor, sem transtornos, sem ansiedades e angústias, podem apenas significar oportunidades de crescimento.

Norberto esteve bem próximo de centro espírita, mas se recusou a participar das atividades. Sofrerá mais por isso? Terá cometido *pecado mortal*? Irá para o Inferno? Nada disso. Mas deverá regressar à carne, para dar continuidade ao plano que ele mesmo organizara e que, no momento mais propício, deixou de executar.

Eis a razão de estar preocupado em regressar ao orbe.

Não é verdade que as informações importantes deixaram de ser mencionadas?

Oremos, fervorosamente, para que o Pai nos dê luzes para aceitarmos estas pequeníssimas advertências como *momentos de felicidade*.

Por outro lado, que o sentido de responsabilidade não fique toldado pelo desejo de estarmos perenemente em estado de paroxismo existencial. Trabalhos têm de ser feitos, inadiáveis, que exigem completa concentração, em abstração total das circunstâncias, de sorte que até conceitos filosóficos acabam quedando em zona do cérebro inativada, aguardando o instante do descerramento. Se essa intensa dedicação às tarefas não pode

ser chamada de infelicidade, também não pode caracterizar-se como de absoluta consciência da integração do eu no Universo.

Perdoem-nos as divagações, mas acreditem que não se trata de mera especulação, porém, de constatação profunda da realidade. Não é verdade que Norberto abriu brechas em seus lúcidos momentos, quando restringiu os momentos felizes àqueles em que não somos premidos por nenhum sofrimento? Isto quererá significar que algo existe além da necessidade de se ser feliz?

Deixemos o comentário encerrar-se interrogativamente, na esperança de que algum outro membro do grupo venha complementar a mensagem.

Álvaro.

Complementação

Nem tudo que sai de nossa pena
Sai com a perfeição do Universo;
Estando noss'alma mui serena,
Poderá conter-se num só verso.

Porém, se sofrermos uma pena,
Por termos, na vida, sido adverso,
Aí, nossa obra, bem pequena,
Irá refletir rancor perverso.

Nosso grupo, assim, dispõe de vida,
Sem compreender, exatamente,
Que fator a torna apetecida;

Temos, na saudade, algum tormento,
Mas toda a alegria que a alma sente
Dá felicidade a este momento.

AGONIA SUPERADA

Ainda ontem, cá estive o espírito amigo do Professor Norberto, que deixou transcrita excelente mensagem de caráter pessoal (*Momentos de felicidade*), a qual deu ensejo a alguns comentários do orientador, o Professor Álvaro.

Sabemos da responsabilidade que temos ao nos apresentarmos perante os mortais, apesar da convicção de que manifestações vão restringir-se a possíveis dois ou três leitores. Mas, como o treinamento visa a públicos mais amplos, somos coagidos a apresentar textos os melhores de que formos capazes.

Sendo assim, mediante as observações do amigo e mentor, Professor Álvaro, o comunicador se viu extremamente compungido, por não ter percebido que estava ferindo alguns preceitos estabelecidos para as transmissões. Poderíamos dizer que se magoou? Absolutamente não, a não ser que tal sentimento se entenda aplicado a si mesmo. De fato, deixou transparecer certa agonia, desejando enfrentar, desde logo, os pontos falhos, para correção imediata. Precisamos correr para atendê-lo.

É preciso que o público saiba que todos os nossos atos estão fundamentados em perspectivas intelecto-sentimentais muito próximas das dos encarnados, com quem costumamos cotejar as reações, para deixar patentes os resquícios de materialidade que estão infiltrados no procedimento puramente moral dos espíritos em fase de expansão evolutiva.

O que sentiu o irmão foi uma dessas decaídas emocionais típicas dos mortais, não tendo sido fácil demovê-lo de negativa atitude, perante a falência apontada pelo instrutor.

Nem sempre atinamos com as reações dos educandos, de forma que a tarefa dos mentores e demais orientadores está constantemente sendo amparada pelo grupo de espíritos a que pertencem pela amplitude das faixas de frequência fluídica. Se a terminologia não tiver sido entendida, vamos simplificar, explicando que as entidades espirituais se agrupam por afinidades, já que se reconhecem pela emissão de ondas de vibração de mesma extensão. É como na Terra, quando as pessoas se sentem atraídas uma às outras por recíproca simpatia.

Pois bem, o Professor Álvaro, ao término do comentário, precisou socorrer-se dos companheiros para ajuda emergencial ao discípulo agastado. Por sua vez, assim que se

retirou para as tarefas próprias da exposição dos resultados das atividades aos parceiros, anotou na agenda a necessidade de melhor adequar as observações às tendências psíquicas transparentes na análise possível da aura dos alunos.

Parecia-lhe, naquele instante, que falhara em diversos pontos da função. Entretanto, ao contrário da reação angustiada do confrade, pôs-se ao alcance das recomendações judiciosas dos colegas, capazes de encaminhar a solução do caso. Não houve necessidade da interferência de nenhum ministro ou mentor mais categorizado, preparando-se o instrutor, convenientemente, para as explicações dos acontecimentos, dentre os quais imaginou que fosse importante executar algum texto deste teor, para levar aos leitores noções do procedimento fundamentado no intelecto, em contraposição ao meramente decorrente das injunções emotivas.

O encarregado desta transmissão é um dos aluninhos, talvez o menos categorizado para explanação tão técnica, ou por isso mesmo, para que pudesse suplantar as deficiências mais evidentes da personalidade.

Eu mesmo não obtive da vida muitos momentos de felicidade, mas consegui superar diversas etapas de muita angústia, como mortes na família, tragédias na cidade, fome, guerra e outros nefastos acontecimentos para o progresso da população. Aqui tive muita sorte, pois soube deduzir que, de tudo o que ocorre, algo pode extrair-se em favor do progresso. Contudo, a maior parte das pessoas se deixa envolver pelos queixumes, não sendo poucos os que inculpam o Pai pela miséria, pelo infortúnio.

Quem disser que não esteve jamais em situação de lamentar a sorte ou está esquecido das vicissitudes (e isso é bênção de Deus), ou está mentindo, para disfarçar o fato de ter caído em desgraça moral perante a própria consciência. Em todo caso, haverá necessidade de se superarem as fases mais desesperadoras dos acontecimentos, através da compreensão de que a vida sempre nos oferece tempo extraordinário para as reflexões. E se percermos enquanto nos debatemos nas trevas da incompreensão, nas mãos da ignorância? Aí teremos a eternidade para efetuarmos o sopeso de tudo o que nos levou a tal angústia.

Ao contrário da maioria dos companheiros do grupo, após o derradeiro desencarne, não me vi lançado nas trevas exteriores, obtendo, desde logo, alvará para prosseguir auxiliando os familiares. Dei graças a Deus por essa suprema misericórdia, mesmo porque reconhecia em mim inúmeras falhas de comportamento. Mas juntei toda a fé no Senhor à esperança de acertar nas atitudes, orei muito pela recuperação dos amigos e familiares, socorri muitos seres em desespero e, finalmente, fui agraciado com a possibilidade de vir aperfeiçoar-me nesta instituição, onde exerço agora as honrosas funções de estagiário, monitorando os estudos dos que não têm experiência no campo em que me distingui.

Peço perdão por ter-me saído tão mal nesta tarefa e ponho-me à disposição para as referências aos pontos falhos da exposição. Para isto, solicito ao médium e aos leitores (aqueles dois ou três) que me estimulem para as observações que julgarem pertinentes.

Ederaldo.

REGRAS DE OURO

“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” é o mandamento máximo do cristianismo, a que todos os espíritas devem curvar-se. Além disso, exalça-se o lema “**fora da caridade não existe salvação**”, e aí estariam resumidas a doutrina e as leis. Entretanto, não parece bastar aos homens dispositivos tão claros, de sorte que há toda uma instituição de justiça fundamentada em códigos de ética, de moral e de jurisprudência, como se fora possível que alguma atitude ou atividade pudesse ficar de fora das determinações das leis maiores que citamos.

Mesmo os espíritos superiores, quando consultados por Kardec, definiram algumas normas de procedimento humano, para justificar algumas ações aparentemente coerentes com as leis naturais, como sejam as leis de conservação, de destruição e até de adoração. Recomendamos, insistentemente, que se leia, mais ainda, que se estude ***O Livro dos Espíritos***, registro mais importante até hoje realizado das boas normas do viver e do conviver.

Mas nós não estamos preocupados em alargar as diretrizes, e sim em sintetizá-las. Dessa forma, após profunda reflexão a respeito de todas as instruções contidas nos diversos volumes da Codificação e tendo-se satisfeito a curiosidade do que se contém nas obras mais lídimas do Espiritismo, mediúnicas ou não, volvamos à síntese das leis áureas e estabeleçamos para conosco dar seguimento às atividades à luz desse manancial de sabedoria.

Se tivermos a capacidade da boa assimilação dos dizeres, iremos verificar que não necessitamos de nenhum outro recurso para agir em conformidade com os desejos cristãos, no sentido do cumprimento de todos os compromissos do carma, avançando celeremente na conquista de todas as virtudes passíveis de aquisição, neste orbe de sofrimento e prova.

Digo tudo isto em absoluto contraste com as ideias de encarnado, pois exercia a difícil e ingrata função de advogado, precisando esmiuçar os textos das leis, para encontrar os artifícios a serem empregados para inocentar ou, ao menos, atenuar as penas aplicadas aos clientes.

Não fui, portanto, fiel discípulo de Jesus, pois não me limitava a dispor-me ao lado da verdade. Antes, buscava, sempre que precisava, tendo em vista a culpabilidade dos clientes, ilaquear as provas, transformando o processo em algo de difícil decifração. Se os juízes não se opunham aos imbróglis, julgava-me estar no exercício pleno dos direitos.

Dessa maneira, consegui libertar da prisão até criminosos confessos, jogando, argutamente, com os dados disponíveis, aos quais acrescentava outros forjados para o efeito pretendido. Tudo rezado pelo catecismo mais difundido entre os pares nos tribunais.

Se havia riscos de derrota, buscava outros caminhos ainda mais escusos, de forma que até ameaças fiz a diversos jurados, na tentativa de extorquir deles veredicto favorável.

Nem preciso dizer que fui encontrar-me no Umbral com a maior parte desses criminosos, em condições de inferioridade moral, onde a defesa não representava coisa alguma perante as acusações da consciência. Acostumado ao jargão forense, ali o latinório não surtiu qualquer efeito, não tendo leis para citar, nem processos em que apoiar a argumentação.

Lembrava-me, vagamente, de que havia santos entronizados cujas vidas tinham sido tão ou mais miseráveis moralmente do que a minha. Mas as citações careciam de força, porque reproduziam o que ouvira dizer, sem fundamentar-me jamais em pontos da realidade que pudessem realçar a verossimilhança da oratória.

Durante muitos anos, falei em nome próprio, pois me considerava tão mal que não tinha por mim nenhum advogado militante.

Preciso esclarecer que, na profundidade do báratro, havia instituído solene tribunal, onde péssimos profissionais, caricatamente, exerciam os diferentes papéis, havendo júri constituído de leigos, exatamente de acordo com as diretrizes que norteiam os julgamentos na Terra, em tudo semelhante ao que se faz no Brasil.

Invariavelmente, eu, na qualidade de réu, era condenado. Insistia. Impetrava recursos. Exigia novos processos, em diferentes instâncias. Voltava a submeter-me a novo júri. Prosseguia condenado.

Um dia, ofereceu-se um dos amigos, conhecido rábula forense, a propiciar-me a defesa. Mais do que satisfeito, propus-me a narrar-lhe todos os fatos da vida. O intrujão enganou-me. Na hora da exposição, deturpou todas as informações, intensificando as cores dos crimes, fornecendo outros argumentos inidôneos para a acusação, de forma que me vi, irremediavelmente, nas mãos dos sicários daquela *polícia*, para o cumprimento das absurdas penas com que o juiz me condenou.

Preso, arremessado ao fundo de infecta cela, de onde só saía para visitaçã das ruas e praças, onde o povo me reconhecia pela vestimenta, toga mil vezes amaldiçoada, e me apedrejava, como que exercendo a mais primitiva das justiças.

Ferido, quase sempre desfalecido, era recolhido de novo às profundezas da desesperaçã, buscando forjar sempre argumentos que representassem real defesa, perante as acusações que partiam de todos os lugares, como se a consciência se materializasse e, em voz direta, se transformasse nas mais terríveis invectivas de culpa.

Estendo-me tão desproporcionalmente na descriçã dessa fase da estadia na negritude do Umbral, pois isto pode ser útil à prevençã de algum desconhecido leitor que esteja, atualmente, exercendo as funções sagradas da defesa pública, mas com interesse outro que não a preponderância da justiça.

Certo dia, após ter labutado incessantemente na caracterizaçã dos artigos em que me via incurso, imaginei que, se a magna constituiçã do universo se resumisse em dois ou três itens, talvez pudesse efetuar melhor a defesa.

Inicialmente, ao reconhecer tal necessidade, condensei a legislação que conhecia, tendo chegado a dois mil itens, nos quais baseei a argumentação, no próximo julgamento. Como houvera recuperado plenamente o exercício da vontade, pude levar ao tribunal aspectos lógicos, no sentido de demonstrar que a responsabilidade dos meus atos se diluía pela humanidade, que havia institucionalizado aquela forma de jurisprudência.

Saí de lá escorraçado, condenado, mas não voltei mais para a prisão. Os membros do tribunal acharam muita graça nos dizeres e me liberaram para realizar novas peças absolutórias, com que esperavam divertir-se.

Na verdade, estava principiando a recondução intelectual ao campo da verdade e os parceiros me julgaram perigoso para a manutenção da farsa. Queriam-me longe dali.

Começou, então, longo período na erraticidade, sempre com a ideia fixa de redução das leis. Como a memória já se libertava das fortíssimas pressões dos fatos mais absorventes, comecei a vislumbrar elementos da formação moral, ao tempo da infância e da adolescência. No período adulto, sufoquei as pregações da família, da escola e dos padres. Mas começava, no etéreo, a recompor as lições primeiras.

Na ânsia de reduzir cada vez mais os dispositivos universais da justiça, atinei com a sabedoria de Jesus, considerando os mandamentos evangélicos os mais perfeitos. Mas não sabia como nem por quê. Apenas intuía que deveriam ser as leis mais importantes para a Humanidade.

Não se fez a luz nem se atenuaram os sofrimentos, mas as dores começaram a ganhar novas dimensões, pois se acrescentavam os primeiros reflexos da verdade, a promoverem os sintomas do arrependimento e do remorso. Cedia um pouco o egoísmo.

Pedem-me para abreviar, pois, a partir daí, a história é muito conhecida.

Pois bem. Não demorou para recordar-me dos princípios universais do amor. Revisei todas as passagens de existência à luz desse sublime conceito e percebi que todas as ações poderiam ter tido outro dimensionamento.

Roguei perdão a todas as criaturas que prejudiquei e ao Pai. Fui recolhido para esta instituição, na seção hospitalar, onde recebi os primeiros socorros. Durante a longa internação, não parava de pensar em como agir para desfazer aqueles poderosíssimos laços que me prendiam à materialidade mais grosseira.

Quando me senti revigorado, fui conduzido a centro espírita, local totalmente desconhecido. Na penumbra do ambiente, presenciei o encaminhamento de diversos irmãos sofredores, para os esclarecimentos iniciais da atual condição. Julguei tudo muito elementar, supondo-me, inadequadamente, como impossível de receber tais doutrinações, se para ali tivesse sido levado após o desencarne. Julguei que minha intelectualidade não seria compreendida e, dada a simplicidade daquelas mentes, achei que teriam perdido tempo.

Mas aprendera a respeitar aqueles que de mim cuidavam, não tanto pelos conceitos que me passavam, os quais considerava até por demais ingênuos, mas pela eficiência dos cuidados no alívio das dores. Foi por isso que me atrevi a solicitar deles um único esclarecimento: o que estaria eu fazendo ali?

Imediatamente, na parede do fundo do modesto salão, as letras de uma inscrição começaram a distinguir-se em meio à escuridão, para fazerem-se brilhantes, quase a me

ofuscar a visão. Estava ali a solução final para a busca que empreendia desde há tantos anos:

Fora da caridade não existe salvação.

Reconheci que estava completa a minha legislação básica. De imediato, coloquei a frase sob condição, pois julguei que a caridade só teria importância enquanto o espírito não fosse capaz de assimilar e de aplicar as leis evangélicas superiores do amor a Deus e ao próximo, mas refleti que não estaria eu sequer em condições de entender a própria condensação que realizara.

Deixo estas anotações aos caros irmãos, modestamente, para que não percam o precioso tempo na confecção de qualquer código superior de leis. Reconheçam, de pronto, que estas são as perfeitas e, se estiverem em condições de inferioridade, busquem aplicá-las no âmbito de sua atuação. Façam-no com o coração purificado pelas preces promissivas e saibam agradecer ao Pai as suas melhores bênçãos de amor.

Dagoberto.

O DOMÍNIO DO INVISÍVEL

Muitas pessoas no mundo passam o tempo todo sob a influência direta de espíritos obsessores. Muitos até acreditam que os parceiros do etéreo sejam fortes o suficiente para disporem à vontade do bem e do mal, propiciando a uns felicidade e causando as maiores desgraças aos inimigos.

Não será preciso buscar entre os irmãos do candomblé para achar tais indivíduos, pois a existência deles se dá em todas as féis religiosas, até mesmo entre os que se encontram filiados às igrejas ditas evangélicas.

Como se dá tal influência? Muito simples: a pessoa se deixa envolver por halo de santidade e tudo o que faz atribui a Deus, sem intermediações. Desse modo, as inspirações vão parecendo-lhes as mais justas e corretas, até mesmo quando, desumanamente, submetem os filhos a verdadeiros suplícios, para que não lhes fuja ao domínio moral e religioso.

Tais convicções são tão poderosas, que são conhecidos os casos de assassinatos dos filhos pelos pais e vice-versa, quase sempre por terem ouvido vozes interiores, a determinarem tais tragédias.

Como é triste a conscientização desses seres no Umbral! São os que mais renegam a si mesmos, provocando milhares de suicídios, se assim podemos chamar as vergastadas físicas e morais, em tremenda autoflagelação.

Eu estive à beira de total falência, no último encarne. Filiada a uma seita radical, exigia dos filhos cega obediência aos preceitos e doutrinas daquela irmandade. Nós éramos profundamente alegres, pois todos os benefícios atribuíamos a Deus. Por isso, não compreendíamos que alguns de nós, após receberem o batismo pela água e pelo espírito, se atrevessem a afastar-se para o mundo exterior das perdições mundanas. Queríamos que o Pai não nos faltasse e parecia-nos que, se perdêssemos alguma das ovelhas, iríamos ter de responder pelo crime da falta de perseverança, pela imprevidência e pelo desamor, pois só tais razões justificariam a deserção do irmão ou irmã.

Foi o que se passou com dois de meus filhos. Meu marido não se importou muito, pois era um tanto ou quanto liberal, mas eu passei pela vergonha de ter de confessar à congregação os males que estavam atingindo o meu lar.

Rezei muito ao Pai para inspirar-me e foi o que me valeu naquelas horas de angústia. Entretanto, as vozes que ouvia atribuía ao demônio, pois sugeriam-me que os filhos estavam bem, que tinham tudo do bom e do melhor, pois eram ótimos pais de família e tinham desertado da igreja por terem conhecido pessoas por quem se apaixonaram fora do âmbito da religião.

Em suma, para não aborrecer demais os caros amigos, devo dizer que muito pejejei para afastar as sugestões de que deveria perdoar incondicionalmente aos *serelepes*. A graça, faço-a agora, para demonstrar inteiro sossego quanto às diretrizes morais e religiosas que se seguiram.

Como meu marido tinha certa importância na congregação, foram-lhe tiradas as prerrogativas, pois até pregações evangélicas tinha o direito de realizar. Desgostoso com a atitude de responsabilização, uma vez que nossos filhos eram maiores de idade — coisa não levada absolutamente em conta —, começou a afastar-se cada vez mais das diretrizes que tão bem conhecia.

Penso que muito favoreceu a deliberação a saudade que sentia dos queridos rebentos, os quais, por sua vez, não compreendiam como é que laços de amor tão estreitos pudessem ser rompidos somente porque desejassem frequentar outra instituição religiosa.

Eis-me, de súbito, sozinha no templo, pois sofria a rejeição de todos, principalmente daquelas que me eram as mais chegadas. A amizade não subsistiu ao primeiro impacto da defecção familiar.

Aí as vozes se intensificaram e eu não colocava muitas resistências às considerações. Um belo dia, precisei enfrentar a realidade da presença física das famílias dissidentes, trazidas até a casa pelo meu marido, que não suportou mais o meu distanciamento dos netos, que não tivera ensejo de conhecer, uma vez que me pareciam filhos do pecado.

Aquele dia foi de puro tormento para minha alma dividida. Mas prevaleceu o bom senso, pois a igreja não me estava proporcionando nenhuma segurança emotiva ou sentimental. Resolvi aceitar a realidade como coatora das ações e dispensei a prática religiosa que herdara de meus pais.

Foram dias de muitas lágrimas e graves incompreensões, mas as vozes estavam mais claras do que nunca, obrigando-me a raciocinar em favor da família.

Um dia, ouvi claramente a voz de minha mãe, elogiando-me a atitude. Precisei da fé anterior para desmentir a sensação daquela extraordinária presença, mas, lá no fundo da alma, sentia-me fortemente amparada e intensamente feliz. Começava a crer em que não eram vozes maldosas as que me incentivavam ao amor maternal.

Mas precisava de altar substituto e fui conduzida pelo meu marido para outra seita não tão radical. Meus conhecimentos bíblicos sofreram alguns impactos, mas, como as famílias de meus filhos só progrediam, atenuei a insegurança, com fé em que Deus é pai de imensa misericórdia e tem por todos os filhos o mesmo carinho e amor.

Estava completada a educação moral. Sentia-me revigorada e pude agasalhar no coração as noras e os netos, reservando-lhes lugar ao lado dos amados filhos.

Outras peripécias iria ter de enfrentar até o término dos dias, mas o relato seria por deveras custoso. Para simplificar, perdi, pouco depois, o meu marido e um dos filhos em

desastre automobilístico, indo parar em diversos terreiros de umbanda, para o refrigério da comunicação. Nada encontrei. Retornei ao templo primitivo, mas tudo me soava inteiramente falso. Por fim, terminei encaminhada a centro espírita da chamada *mesa branca*, com a promessa de que iria sentir-me bem.

Foi então que *minhas vozes* se manifestaram pela boca de extraordinária médium, que soube traduzir a habitual terminologia que só eu conhecia na intimidade da consciência. Eram meu pai e minha mãe, que me consolavam e me prometiam assistência completa.

Se quiserem saber, não passei uma só hora no Umbral, não por méritos próprios, mas porque fui conduzida a um hospital, assim que me desembarcei da inútil carcaça.

Senti-me feliz ao extremo por ter sido recebida por todos os parentes, sem exceção.

Hoje, perambulo pela crosta em busca de auxiliar os familiares, com a determinação de me encontrar com antigos companheiros de seita, para poder fazê-los ouvir a minha voz. Não tenho conseguido acesso algum, pois rejeitam qualquer sussurro que lhes chegue à consciência. Muitos estão sob a doce influência de parentes, como eu mesma estive. A maioria, porém, vive rodeada de seres muito perversos, que estão constantemente fazendo-se passar pelo Pai, mas que só induzem à fixação dos preceitos mais sectários, isolando os crentes do restante da humanidade.

Que este simples apanhado possa colaborar para o despertar de algumas almas bondosas, no sentido de esclarecer estes aspectos tão importantes, para quem se destina ao amor do Pai e dos semelhantes, sem esquecerem de que devem prestar todo o auxílio possível a quantos necessitados encontrem pelo caminho.

Fiquem na paz do Senhor e orem com carinho, para que tenhamos êxito nas pregações evangélicas.

Pedem-me para dizer que, neste grupo, estou exercendo o papel de monitora, escalada para fornecer aos encarnados diferenciada experiência de vida. Que me seja permitido também dizer que, sem sofrimento, talvez a vida não valesse a pena, especialmente porque não progrediríamos tão rapidamente. Pensem nisto e busquem superar as aflições das almas.

Claudete.

JUSTA SONOLÊNCIA

Muitas vezes, os médiuns se sentem tomados por forte sonolência, justamente na hora de participarem dos trabalhos de recepção das comunicações espirituais. Se bem que boa parte desse processo de estupor esteja ligado à magnetização com que se envolvem os trabalhadores, muito também decorre do estado de confiança que se deposita nos comunicadores, ficando os medianeiros bastante tranquilos, a ponto de se alhearem plenamente das informações que retransmitem.

Sendo o sonambulismo o estágio mais adequado para as transmissões mecânicas, são poucos os que se entregam completamente às mãos dos diretores da sessão, sendo o mais comum que haja semiconsciência ou parcial inconsciência, para que os temas se desenvolvam livremente, cabendo ao mediador vestir os pensamentos com as palavras mais adequadas.

Nem sempre se consegue perfeição, pois o grau de envolvimento do seareiro encarnado pode fazê-lo acreditar em que os primeiros termos nem sempre sejam os mais convenientes, predispondo-os a firmarem o conceito de que, se tocarem na mensagem para torná-las mais claras e elegantes, poderão estar a ofender os autores espirituais. Com isso, perdem-se boas inspirações, pois as informações não se completam, ficando as comunicações, muitas vezes, truncadas e mal *ajambradas*.

Por outro lado, há quem pretenda ser o intérprete de espíritos doutíssimos, eruditíssimos, de forma que não se contentam com terminologia comum, buscando, dentro do acervo cultural que se esmeram em aperfeiçoar, os vocábulos mais esquisitos, mais próprios para obras literárias do que para simples pregações ou discursos evangélicos.

A que vêm tais considerações, quando nos propusemos ao tema da *justa sonolência*? É que, se o mediador se dispuser a cumprir a tarefa descomprometido com o andamento dos raciocínios, aguardando que os termos se componham nas frases que vai assinalando, provavelmente dará oportunidade aos espíritos de exercerem pleno domínio de sua mente, executando serviço bem limpo, muito próximo do nível de expressividade da própria linguagem deles.

Evidentemente, tudo depende do teor do texto e da categoria do emitente. Se o médium se dispuser inconsciente, fica fácil de traduzir os pensamentos, através de forma o

mais próxima possível do *idioleto* do emitente. Como tal possibilidade é remota, servem-se dela espíritos mais evoluídos, que não necessitam ajudados.

Quando os espíritos se equiparam cultural, intelectual e até emotivamente com os servidores, poderão entrar em conjugação mental, aproveitando-se aqueles das sugestões ou do cabedal destes. Conseqüentemente, caso o médium detenha aparato linguístico mais completo, as interferências poderão falsear os dizeres transmitidos, com conceitos mais sutis, conforme o poder conotativo da terminologia de empréstimo.

De qualquer modo, se houver alguma sonolência, a tornar o médium despreocupado do trabalho que executa, a fidedignidade ao pensamento primitivo irá assemelhar-se à conseguida por meio da escrita mecânica.

Temo ter aprofundado demasiadamente os aspectos teóricos da dissertação, pois adquirei o vício de analisar profundamente os hábitos da derradeira passagem pela carne, quando exerci o sagrado ministério da mediunidade. Mas eu era médium consciente até demais, exigindo de todos os espíritos que se enquadrassem na minha forma de sentir a língua pátria.

Caso o espírito não compusesse nos limites que lhe demarcava, recusava-me a reproduzir-lhe o estilo, especialmente quanto à utilização de gírias e de expressões vulgares, que considerava impróprias para as apreciações partidas do etéreo.

Sendo assim, aos poucos, fui especializando-me na tradução de poucos amigos da espiritualidade, os quais identificava como protetores. Extremamente crítico quanto aos aspectos doutrinários das mensagens, punha sob estreita vigilância cada pequeníssima manifestação ideológica, rejeitando tudo que me parecesse contrário aos cânones kardequianos. Não aceitava experiências nem a alegação de que o espírito comunicador estava em fase de aprendizagem. Queria todas as informações absolutamente perfeitas, incinerando a maior parte das peças que recebia.

Dei a público algumas obras-primas, nunca sem fazê-las passar pelo crivo de meu rigor científico e literário. Eram para mim da maior valia, pois me projetavam no cenário espírita nacional.

Abrindo parêntese, devo afirmar que não revelarei minha identidade, apesar de o nome Sérgio ter algum significado dentro da realidade de minha existência carnal.

Não estou titubeante relativamente a declarar-me egoísta e sério candidato ao negrume do bátraco, apesar de toda a formação teórica espírita. Realmente, permaneci nas trevas por mais de doze anos, sofrendo muito, por me considerar injustiçado.

Li as obras do pentateuco kardequiano e dezenas de outras subsidiárias. Assimilei muito pouco, mas o suficiente para perceber as ideias e sentimentos de que me valia e que deveria ter rejeitado para o competente progresso espiritual.

Hoje me valho da terminologia, embora a encontre no repositório do escrevente, para a elaboração desta mensagem. Hesito em designar este escrito de *mensagem*, mas manifestação, comunicação, texto e outros quejandos vocábulos talvez não exprimissem a vontade de me tornar útil de alguma forma.

Agradeço a boa vontade do médium, pois, se fosse eu a apanhar semelhante ditado, certamente lhe daria o destino do fogo, tão desconforme se encontra com os perdidos (graças a Deus!) ideais terrenos. Agora, até me atrevo a personalizar um pouco a

escrita, certo de que os leitores são bem mais benignos e condescendentes, em razão de compreenderem que a luta continua e continuará sempre, até o aperfeiçoamento final.

É justo esclarecer que a sonolência do meu instrumento me facilitou deveras a transmissão, conquanto tenha o pobre recebido o forte impacto das considerações, imaginando-se alvo, de algum modo, das observações. Mas seu despertar foi parcial, ficando impedido de profundas intervenções. Assino embaixo, portanto, do que escrevi.

Sérgio.

Em tempo.

Se considerarem excessivo tempo o que passei na escuridão, por ter-me acusado somente de egoísta, não paguem para ver. Executem o melhor que puderem os serviços em prol dos irmãos necessitados e jamais busquem desafiar o destino. Esta é recomendação que precisa ser levada em conta, particularmente por proceder de antigo espírita, que levou muito a sério a necessidade da evangelização dos procedimentos e dos pensamentos. No entanto, também aqui, falar é fácil; fazer é que são elas...

IMPERMEABILIDADE DOCTRINAL

Começarei o relato pela minha história, conquanto esteja tentado a me esparramar por considerações teóricas, por razões que já se compreenderão.

Tive muita felicidade em ter nascido em berço espírita, de forma que, desde muito pequeno, convivi com as normas de conduta emanadas diretamente de *O Evangelho*, na edição de Kardec.

À época, os meus pobres pais levaram tudo muito ao pé da letra, de modo que o que deveria ter-se constituído em profunda alegria de vida, foi o acicate tenaz a me espremer o cérebro, muito pior do que se tivesse tido lar católico ortodoxo ou o mais ferrenho dos pastores evangélicos como pai.

Ao contrário do que se poderia esperar, alegrava-me com a possibilidade de ser dono da verdade e não me abalei com as transformações psíquicas da adolescência, penetrando na maturidade plenamente convicto da fé religiosa.

Lia Kardec, lia os demais autores espíritas, mas não atinava com a necessidade de qualquer reforma íntima, crente de que a minha formação me bastava.

Em suma, para não entediar os leitores, fui dar com os burros n'água, quando intentei o mesmo procedimento relativamente aos meus filhos.

Agora estou em condições de avaliar a necessidade que tive de receber entidades bastante contestadoras, para não dizer francamente rebeldes.

Foi um deus-nos-acuda moral em casa e no centro. Não cheguei jamais a entender, durante a vida, que os filhos sequer pudessem levantar a hipótese de contrariar os dispositivos doutrinários que lhes inculcava na mente, desde a mais tenra idade.

Se os amigos protetores se manifestavam, para que mantivesse a calma, dando à razão condições de prevalecer, exigia deles explicações muito claras a respeito dos tópicos evangélicos em que se baseavam para tais assertivas. Compreendia que poderia estar a merecer aquele carma pungente, mas não via por que os queridos rebentos devessem viver sob a perene ameaça de serem, de uma hora para outra, arremessados nas profundezas do Umbral.

Não cheguei ao extremo da excomunhão, pois, afinal de contas, algum esclarecimento tivera, mas não me satisfazia com as tímidas ações dos amigos da espiritualidade, que permitiam que as pobres criaturas vagassem pelo mundo material, acicatados por tenebrosos pensamentos, sob a influência — isto me parecia naturabilíssimo — de negros e infelizes representantes do bátrio infernal.

Perdoá-los, não me cansava de fazê-lo, mas da boca para fora. Dentro do coração, ardia-me a chama voraz da pior vergonha perante a comunidade.

Certo dia, após dez longos anos de agonia, instrutor amigo chamou-me às falas, pedindo-me concentração para o serviço mediúnico. Era a gota que faltava para me desesperar de vez.

Como é que alguém se deu ao atrevimento de tanta ousadia?! Não fora eu formado, criado e educado naquele santuário de amor fraterno? Não tivera dado tantas mostras de desprendida caridade, em todos os setores da instituição?!

Mas me valeu o banho de água fria. Voltei para casa crente de que havia falhado tremendamente e, a partir de então, comecei, com toda a seriedade, a trabalhar para o conhecimento das leis aplicadas ao caso, particularmente aquela referente às causas e efeitos. Fi-lo com o maior rigor científico, deixando de lado a parte emotiva que tanto me prejudicara.

Dois anos após, abandonei a carcaça terrena e ingressei no etéreo, tendo sido recebido em júbilo por toda a família.

Benditas reflexões!

Entretanto, não foi sem luta que me alcei à condição de aluno desta *Escolinha*, pois precisei vencer as resistências adquiridas por tantos anos de intransigências. Se adquiri méritos para não me ver arremessado no Umbral, por outro lado, muito precisei da ajuda dos maiores, para poder reequilibrar-me, sem correr o risco de me perder por excesso de rigor.

Jesus é o mestre amigo que nos ensinou a perdoar e a amar. Tais pontos fundamentais do evangelho eu absolutamente não conseguira fazer enfronharem-se no coração. As reações eram de déspota que, sabendo das más consequências das ações erradas, não permitia que os subalternos tivessem as próprias experiências e chegassem às conclusões por si mesmos.

O pior de tudo é que, a cada novo esclarecimento, a dívida com meus progenitores acrescia de alguns débitos mais, pois ia responsabilizando-os pelos maus hábitos, inconsciente para as circunstâncias adversas em que trabalharam para a minha educação.

Ainda agora tenho rezado muito ao Senhor para adquirir pleno conhecimento de cada pequenino ato em que falhei na interpretação doutrinária do Espiritismo.

Fui trazido até esta mesa com muito medo de ofender aos espíritas de convicção e fé inabaláveis. Poderá parecer-lhes que estou manifestando a ideia de que a rebeldia seja útil para o aprendizado das verdades da doutrina. Se pensarem assim, solicito que me desculpem as falhas de comunicação, pois o meu real desejo é o de demonstrar que existe a necessidade de certa permeabilidade doutrinária, no que tange ao ensino que se deve ministrar às crianças e adolescentes.

Se há muito conforto e muita segurança nos cursos de evangelização ministrados para a mocidade espírita, é preciso não olvidar que, acima dos cânones teóricos, existe a conjuntura existencial de quem se vê presa da matéria em especiais circunstâncias quanto aos problemas de ordem espiritual.

Que a transição para a idade adulta seja o mais livre possível, é o que pretendo deixar registrado, em conformidade com as próprias experiências, já que não me atrevo a

falar em nome dos mentores, que me sopram ao ouvido que há inúmeras diferenças individuais a determinarem reações absolutamente distintas.

Sendo assim, que o remédio de que me servi possa ser utilizado com proveito pelos amigos, qual seja o do recolhimento espiritual, para, através de profunda meditação, chegarem à conclusão de que fazer o bem é tudo o que se pede ao bom espírita.

Rogério.

SOFRER NÃO É PECADO

Embora o objetivo maior da existência seja a bem-aventurança eterna, estado de felicidade completa, cuja concepção estamos muito longe de compreender, nem por isso aqueles que se debatem nas trevas da ignorância têm de ser acusados de qualquer coisa. Se os deixarmos às voltas com a consciência culpada, verificaremos que, em pouco tempo, estarão solicitando socorro e conforto dos demais, momento em que procuram consolar-se para alívio das dores.

Está claro que, não sendo ninguém perfeito, todos nós temos fases de depressão e fases de euforia. Se tivermos companheiros solícitos e leais com quem compartilhar os sofrimentos e as alegrias, verificaremos que as energias recebidas nos darão forças para suportar as vicissitudes ou a felicidade, para elevarmo-nos na escala da espiritualidade.

Muitas pessoas, entretanto, não concordam com este ponto de vista, pois, almejando a perfeição desde já, julgam que todos deveriam superar o desespero, a agonia, a angústia e demais misérias humanas, tão só por terem firme a convicção de que Deus é pai de misericórdia e a todos acudirá na hora oportuna.

Certamente, as virtudes da fé e da esperança são sublimes e jamais devem apartar-se do repertório de emoções. Contudo, nem sempre a dor reflete sensações oriundas de problemas pessoais. Não é natural que Jesus tenha sofrido com os horrores das injustiças que via os inimigos perpetrarem, compreendendo, de forma absoluta, quais os deveres que estavam postergando, em prejuízo próprio? Se conseguirmos conceber a dor do Mestre, quem somos nós para intentarmos ser superiores a ele?

Sabemos que simples argumentos, muitas vezes, não têm o condão persuasivo para almas muito renitentes nas opiniões formadas. Todavia, insistimos em que a mágoa de um momento pode justificar-se plenamente.

Vem à lembrança do médium caso que comprova o que vimos dizendo. Viu-o em transmissão cinematográfica pela televisão.

Em determinada rebelião terrorista, foi um jovem feito prisioneiro. Estando totalmente dominado, jazia no chão, indefeso. Aí dispararam contra ele, covardemente, traiçoeiramente. Um jornalista conseguiu gravar o choro e as lamentações de quem exprobrava a ação criminosa, em pungente demonstração de completa rendição. Não oferecia perigo e foi atingido mortalmente. Não demorou para o choro cessar. Estava morto.

Sabemos que existem seres totalmente conscientes da simplicidade que representa a passagem para esta outra dimensão. Para quem está deste lado, então, a morte corrói o significado da perda e, muitas vezes, adquire a excelsa condição de passaporte para a felicidade, a tranquilidade, a segurança do companheirismo e os braços do amor. Mas tal não era o caso do jovem em questão.

Não seria justo esperar que se rebelasse e procedesse a acusações muito sérias contra os algozes? No entanto, lamentava a perda da vida, talvez lembrando-se do que fizera anteriormente, para acabar sob o tacão da soldadesca desalmada. Sofreu e, por certo, com inteira razão, achasse muito justo que assim fosse, diante das circunstâncias. Ter-se-ia envergonhado dessas lágrimas? Pois não achamos que devesse fazê-lo. E, se perdoou os desafetos, acresceu pontos imensos em seu favor. E, se chorou por eles, eis aí motivo para que nos sensibilizemos com tamanha grandeza d'alma.

Estou longamente apresentando esta introdução, para justificar a mim mesmo.

Em vida, foram muito poucas as vezes em que me senti culpado a ponto de me arrependeu de alguma coisa. Não tinha conhecimento do Espiritismo nem me dei ao trabalho de compreender profundamente os ensinamentos de qualquer religião. Agia instintivamente, procurava fazer o melhor que podia, reconhecia os erros meus e dos outros, especialmente destes, aceitava pacificamente a necessidade do castigo, exigia a recompensa pelos atos bons e jamais admiti a hipótese de que o sofrimento devesse existir. Censurava as lágrimas dos outros e fechava o coração às emoções.

Perdi um filho ainda infante e providenciei o enterro, sem uma única lágrima. Quase desmancho o casamento, ao exigir contenção da esposa. Dizia-lhe que iríamos gerar outras crianças e que, se existia morte, era lei inexorável da natureza.

Na verdade, fora acostumado a conter o pranto desde pequeno pela severidade paterna, que não admitia que, uma vez castigado ou surrado, deixasse escorrer qualquer lágrima. Não queria dizer, mas sou obrigado a me lembrar que tal atitude meu pai trouxe da velha Europa, das boas terras da *pátria-mãe*.

Acostumado a engolir os sentimentos, alheei-me completamente das reações ditas femininas, buscando o arquétipo masculino com que moldar a personalidade. Sendo assim, transformei aquele pavor que me incutiram em fator psicológico do machismo dominante, contendo-me à vista de qualquer acontecimento em que as pessoas se vissem injustiçadas, magoadas, perseguidas, feridas ou simplesmente frustradas. Achava, quando me deparava com alguém sofrendo, que era pura covardia ou mera falta de pundonor.

Vejam que não pensei jamais em que o pranto pudesse esconder, maliciosamente, o desejo de prevalência sobre o grupo familiar ou social. Não achava, ainda, porque ignorante das relações humanas, que era vergonhoso sofrer diante da grandiosidade da misericórdia divina. Se me tivesse ocorrido à época que Jesus havia padecido, talvez viesse até a desafiá-lo na dor.

Não preciso dizer que esse foi o mais grave problema que tive de resolver durante mais de vinte anos de Umbral. Foi muito difícil ceder à necessidade do arrependimento e do remorso, pois me considerava digno representante da masculinidade viciada.

Foi preciso que meus pais viessem expor a tese contrária, envoltos em copioso pranto, para me estremecerem as sólidas bases em que me apoiava.

A história da ascensão até este posto realizou-se em crescendo de lágrimas, quando chorei por três encarnações absolutamente secas. E não estou utilizando-me de hipérbole. Na verdade, pude conhecer as tais vidas anteriores, de forma que estabeleci a robustez da insensibilidade como linha mestra da existência. Só assim é que pude perceber que meu pai não poderia ter sido acusado de tudo. Poderia, sim, ter-me minorado esse aspecto, o mais cruel, da personalidade. Mas a vida estava ensinando a nós todos.

Graças a Deus, pude atender à solicitação do escrevente, que externou o desejo de que desenvolvêssemos o tema do título. Verdadeiramente, para serená-lo, devo dizer que as considerações que o levaram a tal pedido partiram de intuições que lhe passamos. Queira perdoar-me a mim e ao grupo.

Eis que estamos esclarecendo o fato, embora possa parecer desnecessário, em função do desconhecimento por parte dos leitores da motivação do tema, apenas para elucidar-lhes mais um dos procedimentos habituais dos espíritos, quando desejam transmitir aos encarnados os assuntos que julgam prioritários. Tal envolvimento do médium, contudo, pode fazê-lo desconfiar de que esteja interferindo nas comunicações. Assim, quando tal ocorrer, é bom que se peçam explicações aos que se comunicam, caso eles mesmos não tenham tomado a iniciativa.

Quando tudo é feito com honestidade e lisura, os laços de amizade se estreitam, por força da confiança recíproca adquirida. Mas, se, apesar de tudo, ainda assim houver algum estremecimento doloroso, devemos lembrar-nos de que *sofrer não é pecado*.

Orlando.

UM DIA PERDIDO?

Poder-se-ia dizer que o dia de hoje estaria perdido, se não trouxéssemos nenhuma notícia do etéreo? Evidentemente, não, caso contrário precisaríamos considerar bilhões de outros dias da mesma forma.

Que caracteriza um dia ganho? Simplesmente o fato de logarmos transmitir alguma mensagem para os encarnados é muito pouco, pois, dentre todos os dias até a presente data, nem um só ficou sem qualquer comunicação, mesmo que de mente a mente, sem registro para que outros seres tomassem conhecimento do teor das informações ou sugestões.

No mínimo, temos de acreditar em que os mais perversos obtenham contactos vibratórios proveitosos para seus intentos, tantos são os mortais desprevenidos para as más influências.

Então, o dia seria perdido se não se conseguisse nada que prestasse, no sentido de se evitarem os males. Mas isto é impossível, dado o volume das boas transmissões efetuadas por inúmeros protetores. Em dias como estes de carnaval, se enchem as pessoas de necessidades espirituais e há enorme luta, para que o crescimento das más ações se dê o menos deletariamente possível.

Nós mesmos nos sentimos compelidos a nos apresentarmos ao trabalho, até com certo desgosto do médium, que preferiria continuar em doce tertúlia com a família, a interromper a união para este isolamento forçado pelo senso de responsabilidade com que encara os compromissos.

Mas, para relatar semelhantes fatos, não era preciso termos vindo, pois não haveria aí proveito para ninguém. Então, optamos por texto que esclarecesse a especial condição deste dia, sem oferecer a nenhum dos aluninhos a oportunidade da palavra.

Fiquemos por aqui nestas modestas apreciações, desejando ao irmãozinho feliz convivência familiar, no conagração que se faz em nome de Jesus, dadas as oportunidades que todos têm de progredir em conhecimentos e em amor.

Exaltaríamos agora a necessidade da união familiar e daríamos aos leitores mais alguns motivos para consagrarem os pensamentos às realizações evangélicas propugnadas pelo Cristo. Mas estaríamos facultando algo de bom, algo que não tenha sido já posto para a meditação dos irmãos? Certamente, não.

Interromperemos, pois, a curta manifestação, agradecendo empenhadíssimos a boa vontade do escrevente e sugerindo-lhe que se mantenha ligado ao plano da espiritualidade, para as oportunidades que desejamos de transmissões mediúnicas.

Álvaro.

QUESTÃO DE HONRA

Quando vivo, não me permitia voltar para casa, levando qualquer desaforo. Hoje, rezo para que os companheiros me preparem teste em que tenha de superar as emoções provocadas por situações parecidas com a realidade em que sou afrontado diretamente no amor-próprio.

É que tive de passar pelo Umbral, onde os desafetos e outros seres tão malignos quanto eu exerciam o papel de provocadores de supostas injustiças, em que me via em situação da mais absoluta inferioridade. Mas aí já não conseguia suplantar os adversários, fugindo, vergonhosamente, para curtir as misérias de péssima formação moral, vibrando fortemente contra aqueles seres, sem perceber que tais reações provocavam graves distúrbios para eles e para mim.

A história de minha evolução, nesse campo, não se fez sem imensos sacrifícios e diversas peripécias, em que se envolveram verdadeiros amigos que eu soube cultivar, pois, se era dono de pavio muito curto, também tinha a generosidade do reconhecimento dos favores prestados.

Mas cá não vim para o relato integral das desventuras. O que desejo é enfatizar o fato de que há atitudes humanas consideradas socialmente corretas e até enaltecidas, que fogem totalmente das orientações evangélicas mais comezinhas do perdão e do amor.

Foi só depois que compreendi isso, que dei oportunidade a que os amigos pudessem subtrair-me das más influências do báratro.

Agora estou treinando o mesmo tipo de serviço socorrista, para ver se presto o necessário auxílio para recuperação dos inimigos.

Faço de propósito dar-lhes tal alcunha, para que cada qual possa avaliar se tal termo lhe repercute na consciência como inadequado para qualquer ser carente de apoio e de compreensão.

Inimigos não são mais propriamente os que, no campo da matéria, desejam exatamente os mesmos bens que nós, impedindo-nos de conquistá-los, chegando a prejudicar-nos, no intento de locupletação da vontade?

Eis aí definição que gostaríamos de ver discutida pelos amigos, pois abrir mão de tantos benefícios em favor de outrem é o que se espera de quem tenha verdadeiro espírito cristão. Não foi assim que procedeu o Cristo, dando a vida, na tentativa da preleção das diretrizes evangélicas? Ou Jesus está fora de moda?

Sabemos, nós da *Escolinha de Evangelização*, que resvalamos, muitas vezes, por considerações muito pueris, sem método, confusas e desonestas, se levarmos em conta o nível de desenvolvimento intelectual dos leitores amigos. Entretanto, sempre ressalvamos o fato de que temos a favor a insipiência de quem se inicia nos estudos evangélicos. Não é verdade que declaramos que estamos em fase de treinamento? Pois, então, que não se veja nestas comunicações nada muito profundo. Que não se torne ponto de honra defender-nos perante as críticas adversas, pois somos nós mesmos que as fazemos do modo mais acerbo.

Seria profundamente desagradável se tivéssemos a pretensão de termos as modestas páginas publicadas, quando conhecemos a perfeição da literatura espírita produzida por espíritos verdadeiramente superiores em conhecimento e moralidade.

Para nós, estes escritos valem como treino de profunda importância no campo do desenvolvimento dentro do socorrismo e do aprendizado evangélico, conquanto nos esforcemos para produzir algo bom, de acordo com as notações doutrinárias do Espiritismo, para não provocarmos reações de intransigência relativamente aos pontos da codificação levada a efeito por Kardec, sob os auspícios dos irmãos maiores responsáveis pelo planeta.

Fiquemos por aqui nas apreciações, esperando ter demonstrado que não nos importamos com o fato de sermos criticados. Antes, aspiramos por isso, pois as questões por razões de honra é o que desejamos ver suplantadas definitivamente. Afinal de contas, segundo a messiânica pregação, não é verdade que cada qual colhe o que plantou? Que esta lembrança nos sirva a todos, em todas as épocas, para que a nossa fé em Deus não se sujeite a tópicos tão circunstanciais, quais as tendências dos ânimos incitados pela vontade burlada.

Finalmente, consideremos esta mesma manifestação, que julgamos tão sem méritos, mas que produzimos a propósito de certas críticas ouvidas e não totalmente aceitas pelo mediador. Não é verdade que nosso desejo, apesar de mal expresso, ficou absolutamente claro para o seu espírito? Nem por isso, entretanto, irá o amigo escrevente ficar magoado conosco, querendo, desde logo, pôr em pratos limpos as assertivas. Se não for assim, teremos malbaratado os sublimes instantes de psicografia.

Aceitem o mais afetuoso abraço e o veemente desejo de que compreendam e pratiquem as lições que nós mesmos estamos empenhando-nos para aprender.

Ramiro.

CONTRARIEDADES

Não poucas vezes, saímos da carne insatisfeitos com nós mesmos, por não termos sabido reagir perante os diferentes desafios. Isso até pode vir a ser prejudicial para a acomodação perispiritual à atmosfera da espiritualidade, por assim dizer, uma vez que não nos deixamos, de imediato, penetrar pelas doces vibrações dos amigos desejosos de nos verem em sua companhia, para os processos de restauração dos danos causados ao organismo etéreo.

Quais são as principais causas dessas contrariedades? Sem dúvida nenhuma, a prepotência que gostaríamos de ter mantido relativamente aos desafetos, em primeiro lugar. Há outras razões para que nos perturbemos, como o medo, o excessivo zelo pelas realizações pessoais, como se tudo no mundo dependesse de nós, a ciúmeira pelas conquistas alheias, a inveja, etc. etc.

Cá não viemos para ensinar ninharias aos confrades encarnados, senão que temos a obrigação de demonstrar os efeitos das atitudes que tomamos, a ponto de nos vermos impedidos de todos os atos em absoluta lucidez e de conformidade com as diretrizes evangélicas superiores.

Assim fui eu em vida. Tive inúmeras oportunidades para evidenciar que havia assimilado os ensinamentos de Jesus, como o perdão, o amor, a fé no divino poder, a comiseração, a esperança em porvir de glória, a fraternidade universal, o despojamento dos bens materiais, mas só admitia o trabalho em favor do próximo, quando tinha a clara informação de como iria obter algum lucro, mesmo que no plano da espiritualidade, como se tudo devesse, necessariamente, ser retribuído por *bônus-horas*, conforme lera em **Nosso Lar**, de André Luís, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Eis estranha anotação para quem conhece as obras espíritas, pois tal leitura só teria sido possível se tivesse regressado à pátria espiritual nos últimos cinquenta anos. Pois faz trinta e cinco desde que cheguei, depois de difícil desenlace.

Por dezoito anos perambulei pelo Umbral, tendo sido apaniguado com a permissão de vagar pela face do orbe, acompanhando o desenvolvimento da civilização. Foi assim que o que não entendi durante a longa estadia na carne pude perceber com o contacto dos humanos, principalmente durante as leituras das principais obras espíritas.

Entretanto, a bem da verdade, devo reconhecer que, de início, a releitura das obras foi extraordinariamente penosa, tendo em vista a necessária refacção dos conceitos, quando ia descobrindo como é que adaptava as noções ao meu modo particular de ver as coisas.

Hoje me sinto bem e tenho condições de falar a meu respeito, sem estremeções ou pruridos de sentimentalismo. Mas a fase das crises morais foi verdadeiramente terrível, mormente por ter-me considerado bastante ligado ao espiritismo kardecista.

Eis a origem principal das contrariedades que se instalaram em minha mente, após o desencarne.

Se, para bom entendedor..., deverei suspender aqui o relato, já que não teria nenhuma novidade para contar, pois é conhecida dos amigos a luta que se estabelece na consciência, até a descoberta de que a causa de todos os males foi ali incrustada por nós mesmos, inadvertidos para a malversação da vontade, na concretização dos atos da vida.

Contudo, vou prosseguir um pouco mais para afirmar que não trago nenhuma solução, já que todas se encontram nas obras espíritas. Basta ler com atenção, buscando comparar os conselhos doutrinários e as recomendações morais, sentimentais e intelectuais com o que se vem praticando no dia a dia da caminhada rumo à perfeição.

Não é assim que, de fato, em geral, agem os mortais, ou seja, procuram ajustar o que leem às deliberações, forçando a adequação dos raciocínios, para que se registre na consciência que as atitudes foram o que de melhor obteriam naquelas determinadas circunstâncias?

Longe de nós levantar qualquer suspeita em relação aos leitores. Todavia, se não for pedir-lhes demais, tendo em vista a procedência mediúnica desta solicitação, vejam se conseguem estabelecer nexos entre as nossas palavras e sua experiência pessoal de vida. Não temam o confronto, pois dessa análise deverão surgir as estratégias empregadas para a sufocação dos ímpetus conscienciais, caso haja alguma coisa nesse sentido.

De qualquer forma, acreditem, haverá época em que tal exame necessitará ser feito, por força de se conhecerem os pontos positivos e os negativos, para a programação das atividades que se desenvolverão a seguir.

Temos consciência de que a extensão média das comunicações deste grupo é maior do que a que apresentamos até este ponto do desenvolvimento. Não obstante, que não seja o fato de ser o texto muito curto motivo de contrariedade para os leitores ou o escrevente. Quanto aos orientadores, temos certeza absoluta de que se limitarão a observar as qualidades e os deslizamentos da estrutura, para as devidas ponderações e orientações. No que respeita ao teor dos conceitos, sabemos que os mentores estão atentos desde o início e não deixariam passar nenhuma informação contrária aos dispositivos evangélicos. Nós mesmo nos empenhamos sobremodo nesse sentido, pois é o de que precisamos para evoluir.

Eis, afinal, os cuidados que desejamos evidenciar em relação à mensagem. Que estas mesmas precauções estejam na pauta dos procedimentos dos amigos.

Reginaldo.

Esclarecimento

Este grupo resolveu atribuir um nome para cada espírito. Isto não quer significar que tais designações não sejam verdadeiras, mas, certamente, quererá dizer que algumas características da personalidade se escondem, para que não haja reconhecimento por parte dos leitores. Estamos demasiado *verdes*, para nos constituirmos em modelos significativos.

Aqui, mais que em nenhum outro lugar, vale o ditado segundo o qual *se deve fazer o que dizemos...*

MAL-ENTENDIDO

Se o caro leitor, suspeitando do título, virar a página, iremos até dar-lhe razão, uma vez que espíritos adiantados na senda do Senhor não estão sujeitos a esse tipo de dificuldade.

Verdadeiramente, o que se passou se deu comigo mesmo na derradeira peregrinação à Terra. É que fui mãe de família e tive de sustentar e criar sozinha seis filhos, pois o meu marido me abandonou definitivamente, justamente no décimo primeiro aniversário de casamento.

Dizer que me deixou nessa data é pura fixação de um período, pois, na fase anterior, tive também de suportar a presença de uma pessoa cujo único mérito era, digamos com sinceridade, trazer-me satisfação sexual, o que, de resto, parecendo real punição, tinha por consequência alguns meses de gestação e parto extremamente dolorido.

Acho que foi o fato das gravidezes seguidas que originou a ideia de ir embora, pois me recusava a ir ao posto de saúde para buscar as pílulas anticoncepcionais e não permitia que se fizesse a laqueação esterilizante.

Esse foi o mal-entendido a que fiz referência no título deste depoimento.

Mais tarde, já de volta da vida de sacrifícios que foi cortada cedo, aos trinta e oito anos de idade, é que descobri a verdadeira causa da defecção do companheiro: havia encontrado outra, com quem mantivera secreto romance nos últimos oito anos de nossa vida em comum.

Pensei que estivesse necessitado de sexo, mas fui orientada para perceber as razões mais íntimas, já que de nada o acusava, e me convenci de que fora levado à outra por força de destino de atrações e traições seguidas, nos últimos encarnes. Era como que tivesse prestado serviço às seis criaturas que pôs no mundo, uma vez que não conseguiria fazê-lo com a outra companheira, estéril por problemas genéticos.

Não pretendo esmiuçar a vida do casal, que, aliás, já não se encontra junto, devido à inconstância daquela a quem o meu marido vem em perseguição amorosa, com profundas raízes desde há muito.

No etéreo, tendo em vista tudo ter ficado extremamente confuso para minha compreensão, busquei conhecer os motivos dessa aventura, pois tudo que se referia ao

parceiro era frio e distante, como se fosse o produto de simples cálculo, já que nenhum sentimento de amor ou de revolta me comovia.

Será preciso dizer que fui levada a conhecer existência anterior em que adquiri enormes débitos? Pois a solução encontrada pelos orientadores e abonada por mim fora exatamente aquela realizada. Sem saber, dei sequência exemplar a todos os quesitos, sendo o mais importante o de me conformar com a sorte, fazendo sempre o melhor possível, sem qualquer reclamação.

No setor religioso, devo dizer que fui espírita de *mesa branca*, em centro em que não era raro o despacho de um ou outro trabalho mais pesado, cujas vibrações eu sentia profundamente durante as sessões, poderosa médium que fui.

Mas não quero deixar rastilho de vanglória ou de vaidade. Se readquiri o equilíbrio, foi para descobrir o enorme acervo de falhas e imperfeições de personalidade; foi para conhecer os débitos antigos a serem saldados.

Reflexo excelente de meu existir enobrecido pelo trabalho é o fato de estar aqui, agora, em condições de frequentar este curso, na companhia de adoráveis colegas, todos muito compreensivos e entusiastas.

Muito agradeço também aos mestres pelas orientações específicas para o meu procedimento e pelas aulas teóricas a respeito do ***Evangelho*** e de como obter o máximo proveito de cada pequenina qualidade incorporada ao caráter. São aulas de evolução cármica. (Deveria escrever em maiúsculas, tão importantes são).

Penso que os amigos que deixaram de ler esta mensagem, por desconfiarem de que o desenvolvimento não fosse muito digno, talvez tenham tido razão e não cometeram nenhum mal-entendido. No entanto, os que leram, se forem argutos, poderão estabelecer algumas conclusões preciosas, a partir das informações que transmiti.

Seria possível organizar-se algum questionário suplementar para o exame das premissas de que me utilizei para a efetivação da mensagem? Pois tentem, para que, a partir das respostas, as discussões íntimas ou em grupo tenham o condão de trazer à baila temas de suma importância para quem está em trânsito pelo orbe.

Não é estimulante?

Eis que posso adiantar a primeira questão, apenas para acender o interesse:

— *Em que medida a minha condescendência ao aceitar carma tão doloroso, em função do desenvolvimento de criaturas alheias ao meu círculo familiar, poderia ter prejudicado aqueles seres que diretamente se vinculavam a mim, por amarras sentimentais e intelectuais, através dos tempos?*

A resposta, evidentemente, será especulativa, mas visará à formação de conceitos não muito comuns nas comunidades espíritas, que poderão vir a ser úteis na percepção da realidade do plano etéreo.

Sigam nessa linha de investigação e busquem formular questões relativas a problemas semelhantes que ocorrem em sua jornada carnal. Vejam se as reações se aproximam daquelas que descrevi como sendo as minhas. Caso a resposta seja outra, que se examine detidamente a possibilidade de tais procedimentos estarem inequivocamente baseados nos ensinamentos evangélicos.

Sabemos que tal trabalho exigirá desprendimento moral superior, mas não nos custa nada sugerir. Quem sabe poderemos fazer o bem a alguma pessoa necessitada.

Chamando a nós a proteção divina, encerramos a mensagem, recomendando muita calma, muita paz e muito amor.

Olinda.

Post scriptum

Sugerimos agora que se leia de novo o título e que se justifique o texto. Quem aceitará o desafio?

UM MOMENTO DE GLÓRIA

Nem sempre conseguimos expressar com precisão o pensamento, mormente em condições de inferioridade mediúnica, quando, às deficiências da própria transmissão, se une a precipitação, o medo ou a excessiva audácia do mediador. No entanto, há momento do mais absoluto sucesso, quando a ideia passa translúcida para a esfera dos encarnados, adornada pelas pérolas do pensamento literário de alguém até mais afeito que nós à linguagem nobilitada pelo estudo.

Não cremos que seja esse o nosso caso nem do modesto intérprete, que se esforça deveras por dar-nos suas melhores oportunidades de tradução, no intuito, todavia, de transcrever exatamente o que lhe sugerimos vibratoriamente. Mais tarde, se quiser, poderá melhorar um pouco a frase, no sentido de evitar construções muito utilizadas, vocabulário repetido ou certas expressões não coerentes com o [restante do] contexto. São alterações simples que não adulterarão o significado primeiro dado pelos espíritos.

Encareço tais aspectos do labor mediúnico, porque fui psicógrafo na derradeira encarnação, tendo tido o privilégio de tomar o ditado de diversos espíritos de alguma luminosidade, não como os que passamos ao paciente mediador. Mas não me contentava com os primeiros informes e exigia que o emissário da verdade espiritual também dedicasse esforço na elaboração das mensagens de amor, de elucidação e até mesmo de conforto a quem necessitasse de atenção mais delicada ou especializada.

Como se pode perceber pelo estilo que estou praticando, restou-me a ideia de que, quanto mais agradável for o texto, maior prazer usufruirão os leitores, os quais permanecerão fiéis aos autores preferidos.

Não querendo desviar-me do assunto, mesmo assim, irresistivelmente, volto à preocupação essencial de que a forma deva revestir condignamente os conteúdos evangélicos.

Eis que, finalmente, introduzi a questão que me tem proporcionado as maiores dores de cabeça, pois, na ânsia de conduzir peças de peso e respeitabilidade doutrinal, alterei algumas passagens que me pareciam menos felizes, a ponto de pôr princípios que, fundamentalmente, contrariavam os dizeres dos amigos da espiritualidade.

O principal é que não aceitava nada que parecesse ir contra a opinião geral dos companheiros de fé, opondo-me a certas críticas que faziam a mim mesmo e aos princípios doutrinários. Queria que os amigos se conformassem aos meus padrões e eu

mesmo não cedia um passo para permitir-lhes passar. Até mesmo em relação aos sofredores e impenitentes, impunha a minha vontade, não tendo jamais publicado ou divulgado entre os parceiros de mesa as comunicações mais pobres, muitas vezes iluminadas por questões de suprema importância, mas escritas sem o acerto clássico do vernáculo.

Se quiserem saber, este texto que passo não mereceria qualquer consideração, particularmente após a avaliação que não posso deixar de fazer do resultado final das frases e dos períodos.

Perdoe-me o escrevente se, de alguma forma, estou a envolvê-lo nos conceitos, mas a verdade de meus pensamentos deve transmitir-se integral, sob o risco de me ver acusado de hipócrita ou falso pela consciência.

Os meus pruridos de sensibilidade estética tiveram efeitos contraproducentes no que concerne ao conforto espiritual que almejei para após o desenlace. Realmente, estava convicto de que seria recebido em júbilo pelos irmãos de quem me constituíra o porta-voz. Não acreditava, a bem da verdade, que tivesse adquirido alguma luz e que pudesse despertar-me cômico da situação e senhor das circunstâncias e da personalidade. Mas nutria a esperança de vir a receber a honra de ser agasalhado desde logo em alguma instituição de repouso e recuperação, onde, no máximo por três ou quatro dias, iria recompor-me para a vida espiritual.

Foram, no entanto, necessários doze doloridos anos de escuridão, para que me justificasse perante os auxiliares do Senhor, tantas foram as crises de nervosismo pelas quais passei, por não me conformar com o fato de ter tanto trabalhado em favor do plano espiritual, sem que me fossem reconhecidos os méritos.

Eis a séria advertência que sempre desejei passar para os amigos, a partir do momento da mais absoluta glória que foi o de meu ingresso nas seções de socorrismo perispiritual desta sacratíssima instituição de benemerência.

Na ***Escolinha de Evangelização***, mais tarde, pude avaliar, de fato, as insuficiências espíritas das concepções religiosas, profundamente demarcadas por algumas tendências calcadas em pensamentos meramente supersticiosos.

Quero ressaltar este aspecto moral, para não impressionar os leitores com o fato de somente ter-me envolvido com as trevas por ter desviado alguns conceitos nas tarefas mediúnicas. Não. Eu devia muito mais do que isso, pois as lições de humildade, de benquerença universal, de verdadeira caridade, não surtiram qualquer reação no meu *ego*, permanecendo a minha conduta exatamente igual a de qualquer outro ser que agisse sem conhecimento algum da doutrina.

Parece-me agora, embora não no afirmo peremptório, que o fato de ter merecido dos instrutores espirituais a oportunidade de conhecer a doutrina de Kardec acentuou a responsabilidade perante a vida. É como se diz quando a pessoa trabalha com dinheiro ou importâncias e valores altíssimos: a exigência da honestidade se estende para todos os setores dos relacionamentos, precisando o indivíduo ser correto até mesmo quando está divertindo-se com os amigos, ao redor de digna mesa de jogos ou de brincadeiras.

Um dos dispositivos que impunha aos mensageiros é que fossem objetivos e sucintos. Creio que tais avisos sejam prudentes e que devam vigorar na psicografia. Por

isso, vou apelar para a boa vontade dos amigos, no sentido de que me perdoem as falhas, principalmente aquelas que evidenciei como condenáveis.

Agenor (nome com que homenageio um dos melhores amigos).

DESCANSO MERECIDO

Recomendamos ao médium que repouse das tarefas mediúnicas por quinze dias, pondo as tarefas caseiras em ordem. Após tal período de tempo, reassuma ao posto e venha com ares novos, pois o trabalho adquirirá contornos de superior atividade, no que respeita ao volume e à importância. Você trabalhou por mais de três anos e meio seguidos e merece férias, para recomposição espiritual.

Sabemos que as recomendações podem parecer até prejudiciais para quem não se sente, deveras, estafado ou elanguescido. Ao contrário, até parece que o aviso conseguiu despertar o interesse em prosseguir, sem solução de continuidade, pelo medo de, primeiro, estar sendo levado por informações dúbias, provindas de espíritos não dotados de senso de responsabilidade, tendo em vista a importância das tarefas mediúnicas; e, segundo, porque a paralisação poderá significar tão só a leitura interna de sentimento de preguiça, gerado pelo fato de as comunicações se fecharem em si mesmas, não obtendo a categoria necessária estabelecida pelos critérios de publicação.

Eis os avisos e temores que recebemos em nossa vida de retransmissores de mensagens espirituais. A bem da verdade, não foram as comunicações redigidas exatamente assim, pois estamos adaptando-as para o impacto das notícias no cérebro do escrevente, no intuito de torná-las o mais realistas possível. No entanto, de qualquer forma, expressaram, de modo assaz vigoroso, o desejo espiritual de que nos mantivéssemos ausentes da mesa evangélica, pelo tempo de quinze dias.

Como sempre fomos muito obedientes às determinações dos instrutores, afastamo-nos do trabalho no período designado. Ao retornar, encontramos exatamente os mesmos espíritos, dando continuidade aos mesmos textos e às mesmas comunicações de sempre.

Estranhamos, sobretudo, pois entendêramos que iríamos obter informações mais sérias, com conhecimentos mais profundos. Aspirávamos, até, a que a formulação das ideias se revestisse de maior elegância e precisão vocabulares, no sentido de que a linguagem a ser aplicada tivesse laivos da grandiosidade literária dos clássicos.

Nada disso ocorreu e nos pusemos na defensiva, crentes de que havíamos sido logrados por algum ser jocoso, que se divertiu conosco, ao mesmo tempo que nos incentivou a imaginação e a fantasia.

Ao interrogarmos o orientador particular, exigimos explicações bastante claras a respeito da veracidade dos informes anteriormente colhidos, especialmente os relativos à importância e ao volume das mensagens.

Com que surpresa vimos a pena deslizar por sobre a folha, dando-nos o sentido correto das proposições: era preciso que reconhecêssemos que o que vínhamos colhendo do plano espiritual era precisamente o conteúdo que tínhamos condições de assimilar, bem como a forma correspondia ao estilo próprio da personalidade, enquanto imantado estivéssemos, uma vez que, do entrosamento entre os campos energéticos, é que brotavam os textos que o punho registrava, de modo até que bem célere. Estavam satisfeitos com o trabalho, mas consideravam o trabalhador fortemente ambicioso.

Tal aviso foi de importância transcendental para a continuidade que imprimi ao fenômeno da mediunidade. A partir daquela época, transformei-me internamente e passei a considerar de suprema responsabilidade qualquer leve apanhado de informações, mesmo as que viessem evadidas de sofrimentos e de dor, desequilibradas por anos a fio de loucura e de solidão.

Aqueles quinze dias não tiveram o condão de um despertar, não promoveram qualquer renascimento moral ou intelectual, não causaram nenhum rebuliço sentimental. Estive, fielmente, cumprindo o conselho dos cuidados com os deveres pessoais de pai de família e de cidadão. Pus as contas em dia, consertei alguns apetrechos deteriorados, passei com os familiares, gozei do repouso estabelecido como merecido. Dei curso às recomendações e segui as instruções ao pé da letra.

Mas o período posterior, a partir da mensagem provocada pela incompreensão dos objetivos mais sutis da pregação pessoal, foi decisivo para o restante da jornada, penetrando-me tão profundamente no íntimo do ser que, após o desenlace, ainda sentia os bons efeitos da aplicação das diretrizes que o instrutor me passou. Foi como se, realmente, houvessem ocorrido aquelas transformações anunciadas na mensagem do *descanso merecido*.

Venho, em meu nome, oferecer o registro dessa significativa passagem de minha vida, para o despertar dos leitores, em particular dos que se dedicam ao sagrado dever mediúnico. Claro está que incluo o nosso laborioso escrevente, mas prefiro pensar naqueles que se iniciam nos estudos da mediunidade, pois pode parecer-lhes que todas as informações não catalogáveis dentre os modelos oferecidos por Kardec ou publicados através da psicografia de diversos médiuns de renome sejam perigosas e contenham duplo significado, sendo o segundo maléfico, pernicioso ou, simplesmente, malicioso.

Se tivesse, na ocasião, maior discernimento, embora falhasse na conceituação do ministério de amor e sacrifício que representa o mediunato, teria suspeitado de que as recomendações quanto ao descanso tivessem o sentido mais alto da orientação doutrinária do mediador e, por certo, solicitaria imediatos esclarecimentos.

Sirva esta página de apoio para as reflexões destes novos amigos, pois pretendi transformar mera experiência pessoal em ensinamento, em que não faltaram a exemplificação e as considerações secundárias. Caso tais novéis proponentes ao mediunismo tenham considerado o texto de difícil inteligência, imaginem-se com o lápis na mão a escrevê-lo de carreira, num jato, sem interrupções, íntegro, com a só correção de

algumas expressões, para que a frase ganhe em fluência e precisão. Não é aventura digna do desafio que consiste no relacionamento com a espiritualidade?

Para finalizar, após o que escrevemos, julgamos que todos devem estar de acordo com a necessidade do descanso dos médiuns que, diuturnamente, se colocam à disposição para o trabalho, exceto para retornarem melhor preparados para maior volume e aprimoramento conceitual. Que cada qual coma o seu pratinho de feijão com arroz, porque será o sal da vida que lhe dará o prazer da refeição.

Lázaro.

Post scriptum

Solicitamos ao escrevente que não exerça o direito de alterar as *imperfeições* deste texto, acondicionando-o de maneira diferente da embalagem ora utilizada. Corrija só as falhas ortográficas e dê aos verbos a precisão dos tempos e modos, conforme o espírito da língua portuguesa. O mais, preserve exatamente como está, pois desejamos que os leitores conheçam os efeitos das transmissões deste tipo de comunicação, sem qualquer artificialismo literário posterior, mesmo no que se refira às simples mudanças lexicais, para se evitem repetições. Agradecemos muito pela gentileza da atenção.

UM COPO D'ÁGUA

Neguei, sistematicamente, a todos os que vinham pedir-me qualquer coisa, mesmo simples copo d'água, pois me julgava no direito de fazê-lo, já que não tinha de meu coisa alguma. Era paupérrimo e achava que o trabalho deveria ser o apanágio dos honestos, tanto que prestei serviços em vários setores, sem reclamar jamais contra a sorte. Mas não dava nada a ninguém.

O incrível é que morri tão pobre quanto sempre vivi, não tendo conseguido arrecadar nada mais do que o sustento e o agasalho da filharada. Mas trabalhei muito, puxando o cabo da enxada, empilhando tijolo e misturando areia com cal e cimento, para o reboco protetor. Todavia, nada dei de graça a quem quer que fosse.

Oportunidades tive muitas, pois eram vizinhos, com xícaras, a pedir açúcar ou remédios. Eu ali, firme na negativa, como se qualquer coisa que se desviasse fosse fazer falta a mim ou aos pimpolhos.

Sabia que a esposa, às escondidas, passava uma ou outra mercadoria e até mesmo dinheiro aos pedintes mais próximos, como meus cunhados e sogros, mas não dava importância ao fato, apenas a atemorizava com advertências suaves e enérgicas.

Não era mau dessa malvadez que prejudica as pessoas. No trabalho, se precisassem de mim, cobria as faltas dos que adoeciam, sem requisitar qualquer ganho extraordinário. Não era mesquinho. O que considerava como o mais verdadeiro era o poder de superação das péssimas condições pelo trabalho.

Quando morri, não caí diretamente no bártro. Fui recolhido pelos instrutores e levado à presença daquelas mesmas pessoas a quem recusara ajuda. Era inteligente e pude compreender que as necessidades nem sempre são resolvidas pelo trabalho, pois muitos não tinham condições intelectuais, emocionais ou cármicas, para suportarem a pesada carga de um serviço contínuo. Eram peças de porcelana arremessadas no bulício da vida.

Está claro que os malandros, os hipócritas, os preguiçosos e demais componentes da caterva de desocupados crônicos também me foram mostrados, mas custei para entender que estes também dependiam de minha ajuda para a melhoria do procedimento, através de alguma palavra de alerta ou de despertar.

Fiquei tão aborrecido com a notícia de incompetência que me constrangeu o fato de ter de seguir com os orientadores para as câmaras de recomposição, pretendendo iniciar imediatamente o trabalho de recuperação dos aspectos perdidos, demonstrando o desejo de me inscrever em algum grupo socorrista.

Foi impossível o atendimento de tais reivindicações. Antes de mais nada, haveria de reequilibrar-me, para estar apto às atividades que exigem prudência, ponderação, respeito pela humanidade e pelas leis cósmicas. Senti-me fortemente frustrado e só não caí para as profundezas do Hades, porque fui amparado vigorosamente pelos fluidos regeneradores e pelos medicamentos sedativos que me administraram.

Desacordado, fui conduzido a hospital desta instituição, onde me recuperei das lesões graves com que o excesso de atividades me brindou.

Aí foi outra fase duríssima para minha compreensão. Se errara profundamente por recusar-me à doação de artefatos materiais, errei duplamente ao considerar o trabalho panaceia para todos os males. Não só o organismo se afetou irreversivelmente, como a convivência no lar se ressentiu da falta de presença mais atuante na formação moral dos filhos.

Julgava que o exemplo do trabalhador seria facilmente compreendido, como se executar tarefas pesadas fizesse parte da natureza essencial do homem. Acreditava nessa simbiose educacional, como se os pequenos tivessem o discernimento dos adultos, e não me preocupei em dar amparo afetivo a ninguém. Caso algum filho demonstrasse necessidade emocional, punha a esposa como responsável pelos esclarecimentos cabíveis e jamais me dei conta de que estava negando ajuda espiritual, da mesma forma que não distribuía qualquer benefício material. Usava como desculpa o cansaço e a necessidade de levantar cedo no dia seguinte e nunca dediquei uma horinha que fosse ao atendimento afetivo da criançada.

Não preciso dizer que alguns de meus filhos desviaram da rota que, subjetivamente, lhes traçara, desandando na vida.

Por sorte, tive esposa compreensível e paciente, que não conseguia ver a vida que não fosse através de meus olhos. Era sagaz o bastante para perdoar-me a rudeza intelectual e se refugiava na religião, sempre que ideias lhe vinham à cabeça de que eu poderia estar agindo errado. Conformava-se com a sorte e, tal como eu, jamais emitiu queixa alguma.

Estou retratando a psique de muitas pessoas apegadas a estes princípios de dedicação exclusiva ao trabalho remunerado, como forma de fuga da complexidade da vida. São pessoas esforçadas no campo que adotaram para desgaste energético, mas atrasadíssimas no desforço intelectual. Se estão pensando que isso é forma de preguiça, podem rejubilar-se, pois acertaram.

Se me pedissem para escrever uma linha que fosse a respeito de qualquer assunto que exigisse reflexão a respeito de alguma ideia ou conceito, iria ver-me em palpos de aranha, pois até analfabeto era. Mas isto não impediria o ditado de algum pensamento, o que jamais eu faria espontaneamente. As vezes em que estive diante de pessoas conhecedoras da escrita, para registro do que quer que fosse, via-me atarantado, incomodado, ansioso por me livrar dessa penosa condição de inferioridade. Mas nada fiz para melhorar as reações de angústia.

Nesse aspecto, até que fui sábio, pois recomendei à mulher que colocasse os filhos na escola. Talvez, se pensar bem a respeito, tenha sido ela quem sugeriu a alternativa. De qualquer modo, não coloquei obstáculo.

Hão de perguntar agora como é que ser tão bronco esteja capacitado a demonstrar conhecimentos que não adquiri em vida.

É perquirição imprópria para quem sabe que o etéreo possibilita, melhor que na Terra, os estudos e os trabalhos compensadores das falhas e vícios adquiridos durante a encarnação.

Eu fora levado àquela vida simples, porém, honesta, por razões específicas, oriundas das necessidades da formação moral anterior. Requeri tal predestinação e fui atendido, embora me fosse facultado escolher outra sina melhor adaptada à minha sensibilidade. Entretanto, agi em consonância com certo orgulho e me submeti livremente às grosserias de cérebro tacanho, na expectativa de melhorar o relacionamento com as pessoas,

Não me dei de todo mal, mas poderia ter sido bem melhor aproveitado o encarne, se tivesse percebido que, naquele copo d'água que neguei, estava concentrada a virtude que me faltava.

Eis-me agora tentando reavaliar todos os aspectos da vida, na companhia destes parceiros de turma, sob orientação do Professor Álvaro.

Amadeu.

PRECES INTERMITENTES

Costumava rogar aos Céus toda vez que me ocorriam fatos cujo domínio não estivesse ao meu alcance. Assim, quando um filho ou a cara esposa adoeciam, já me punha de joelhos perante o altar caseiro e, diante da vela acesa, pedia, fervorosamente, que o Senhor se dignasse volver o misericordioso olhar sobre aquele humilde teto, para minorar o sofrimento de todos.

Mas as orações restringiam-se a algumas palavras ditas com muita fé e já me desviava para outros pensamentos, cujos temas se relacionavam com o peditório, de início, para depois divagar pelos acontecimentos da vida, até terminar por me reconhecer fantasiando ocorrências inteiramente estranhas aos eventos da hora.

A essas divagações é que resolvi chamar de *preces intermitentes*.

Quando de volta ao etéreo, tendo passado por perigos imensos no Umbral, acudiam-me à memória, muito frequentemente, as preces que fazia, tais quais. Se me via assediado por seres monstruosos, a me acusarem de males cuja autoria não me imputava, bradava por socorro e me punha, de imediato, a rezar. Entretanto, por melhor intenção tivesse de solicitar auxílio às forças do bem, não demorava e me via envolvido pelos temas a que acima me referi, em verdadeira obsessão, como se estivesse estigmatizado pela memória.

Era tormento dos grandes.

Receio que a descrição psíquica possa conduzir os amáveis leitores a imaginosas situações de desespero, na tentativa de absorverem a lição. Explico eu, antes que se argumassem os fantasmas mentais de que me vi atacado.

É que não orava com verdade, pois requisitava do Além, simplesmente, a cura dos males, para que pudesse prosseguir realizando na vida os mesmos feitos, sem obter das vicissitudes os ensinamentos. Julgava que era mister dos bons amparar os aflitos, cabendo a estes tão só ser atendidos, nada fazendo para deixar de sê-lo, se, de novo, as condições infelizes se conjunhassem para o efeito do sofrimento, fosse físico, fosse moral. Utilizava a prece como a ferramenta que se deposita na caixa e de onde se retira, conforme a necessidade.

Agora estou em condições de repensar a oração e de configurar as necessidades de maneira mais apropriada, ou seja, conforme as leis de causa e efeito. Desse modo, afora as preces de agradecimento pela existência, pelas graças e pela felicidade, adquirei o hábito de

rogar por compreensão, por acréscimo de fé e de esperança e por fortaleza moral para enfrentar, com mais denodo, as circunstâncias desvantajosas.

Tenho tido êxito relativo, pois conservo aspectos daquela intermitência, não conseguindo concentração absoluta nas vibrações positivas através das quais devo entrar em contacto com as energias cósmicas providas dos seres superiores. Mas vou progredindo, lentamente, empenhando-me em favorecer tal aprendizado, junto aos antigos parceiros de encarnação, sendo esse, atualmente, o meu principal trabalho de campo.

Além disso, estou recebendo fortes influxos dos instrutores e protetores, no sentido de arquitetar volta à Terra, em condições tais que deverei aplicar os recentes conhecimentos. Tenho hesitado um pouco, pois não me considero totalmente preparado, embora saiba que irei receber completa assistência. Peço ao Senhor que me ilumine, para que as resoluções sejam as mais justas possíveis.

A par dessa conjuntura pessoal, estou tendo algumas dificuldades em integrar o meu carma (se assim posso definir o programa de vida) aos das entidades amigas que deverão constituir-se na família que me agasalhará e a quem, por minha vez, deverei dedicar-me.

A bem da verdade, para que não se tenha a falaz ideia da simplicidade das organizações vitais, tenho de prever inúmeros outros fatos em que deverei aplicar os conhecimentos, assim como testar a desenvoltura no trato com os vícios e deformidades morais. Que esta comunicação não se perca por considerar uns poucos aspectos, conforme roteiro consignado pelos instrutores. Têm os humanos o mau hábito de circunscreverem os problemas, para mais facilmente equacionarem-nos e resolverem-nos.

Orgulho-me, evangelicamente, de ter vindo trazer a minha colaboração, para o que fiz questão de retratar-me o mais próximo possível da realidade psíquica, com o intuito de os amigos virem a examinar esta personalidade submersa em inúmeros dramas meramente carnis. Dediquem-se a esse estudo, pois obterão recursos de análise que se constituirão em modelos preciosos para investigações pessoais, ou na ajuda às deficiências dos companheiros.

Muito agradeço ao Senhor ter-me permitido aproximar-me desta mesa, embora a mente não esteja lúcida, a não ser pelo influxo energético dos colegas de grupo. Peço aos mentores que me inspirem, neste arremesso final, pois desejaria oferecer valiosa amostragem do aprendizado que tenho desenvolvido na *Escolinha de Evangelização*, mercê do alegre companheirismo e da suave complacência dos professores.

Se não fui muito claro, devo dizer que desejei demonstrar pelo fato como é que, no momento da prece, tenho o vezo de me desviar para outros temas. Como diria o conhecido apresentador, na versão nacional:

— *Acredite, se quiser...*

Não temos compromisso com a seriedade das formulações, podendo ser alegres, enquanto não nos desviarmos do tema em pauta. Por isso, não estranhe a observação acima e concentre-se na ideia que está sugerindo. Felizmente, não temos de ser *chatos* a ponto de vir explicar cada pensamento, *em seus mínimos detalhes...*

Graças a Deus, obtive permissão para encerrar, pois estava ficando aflito, a ponto de ter recorrido várias vezes a preces instantâneas, como recurso para obter a ajuda do Pai.

Que as bênçãos do Senhor tenham o condão de despertar a todos nós para a Verdade e para o Amor! Assim seja!

Vespasiano.

PONDO FORÇA NOS REMOS

Estive preso, a maior parte da vida, em filigranas de interpretação evangélica, como se o mais importante fosse a exata compreensão dos dizeres do Senhor. Para a fixação, entretanto, da melhor lição, aquela isenta da interferência dos copistas e dos eclesiásticos da primeira hora, dava imensas voltas no conteúdo doutrinal, para liberá-lo das ideias supervenientes. Como gostaria de ter participado das aventuras com o Cristo, para beber-lhe as palavras magistrais!

Tanto fiz que, ao retornar ao etéreo, depois de muitas lutas contra diversas doenças, inclusive provocadas pelo abuso da convivência com os alfarrábios, em escuras e úmidas bibliotecas no Velho Mundo, fui admitido em instituição capaz de revelar-me o paradeiro, à época da passagem do Senhor pela Terra.

Surpreendi-me na Galileia, sediado bem próximo das residências dos familiares de Jesus. Durante a vida toda, labutei duro para sobreviver condignamente com a família, produzindo potes de cerâmica, que vendia até para outras cidades. Mas eu não era forte no comércio, de forma que a parte mais graúda dos lucros ficava com os atravessadores, que, em todas as épocas, existem para arruinar os produtores.

Cito a atividade para demonstrar o quanto absorvido estive nos negócios, não dando importância até para a religião oficial, quanto menos para as pregações do filho de Maria, cujas notícias me chegavam atrasadas, não tendo tomado conhecimento de sua morte senão meses depois, ouvindo da voz do povo que ele havia se imiscuído com tropa de rebelados que se viam perseguidos por Roma.

E a filosofia? E os pruridos da verdade evangélica mais pura? Advieram posteriormente, em quarta ou quinta encarnação, pois até copista fui, em atribulada existência, onde o medo da imperfeição assombrou todos os escaninhos da alma. Se cometi qualquer deslize na transcrição dos textos sagrados, foi por pura inadvertência do pessoal que procedia à leitura de confirmação, pois, jamais, fui alertado para nenhum erro grave.

Mas a minha visão da vida não tinha a sutileza das discussões. Aceitava pacificamente todos os textos, buscando ser fiel à letra, nunca discutindo aspectos do conteúdo, mesmo que estranhos à noção de vida mais comum. Para mim, os milagres de Jesus se davam por ser ele o filho unigênito de Deus, e tudo se encaixava às maravilhas.

Senti fortes calafrios de horror por ter estado tão próximo das pessoas e dos fatos, quer ao tempo do Mestre, quer durante a confecção das cópias valiosíssimas para a

divulgação da boa nova, sem, contudo, ter percebido a importância de nada e de ninguém. Claro está que precisaria imprimir força descomunal para deslocar os remos da embarcação, já que as oportunidades que tivera afoguei, impensadamente, no oceano das ignorâncias.

Quando mereci compenetrar-me, finalmente, das verdades, atolei-me, apalermado, no lodaçal da desconfiança e da falta de discernimento para os fatos mais importantes da existência. Queria fundamentar todas as atitudes nas recomendações mais translúcidas de Jesus, mas me esquecia de que o importante era cumprir a letra do ***amai-vos uns aos outros como eu vos amei***.

Pacientemente, os protetores espirituais começaram a gerar plano para me desembaraçar das argúcias silogísticas, buscando comprovar pelos fatos, isolando-os um a um dos contextos para o confronto das realidades, que muito havia progredido, desde o tempo da peregrinação de Jesus até o presente interesse em seguir-lhe, limpidamente, a doutrina.

Apesar do esforço dos companheiros, durante bom tempo, recusei-me a aceitar tais demonstrações, onde imperavam o amor e a consideração, para inculcar-me a ideia de que, tão desenvolvido intelectualmente, não era crível que me mantivesse cego para as verdades peregrinas que me eram passadas.

Cheguei mesmo a imaginar-me no Umbral, quando me via assediado por fantasmas a me acusarem de orgulhoso, de egoísta, de vaidoso e de prepotente. Mas isso fazia parte dos sofrimentos a que me condenara pela atitude centrada em mim mesmo.

Vinte longos anos perambulei errático pelas trevas, após ter tido o privilégio do sagrado esclarecimento dos que se responsabilizavam pela minha conduta humanitária. Devo dizer que não arrotei fortes traumas, pois, teimosamente, arremetia contra mim mesmo, não me permitindo abrir o espírito para os pensamentos orientados para o bem maior e para o amor.

Tudo se passava com minudências, da mesma forma que buscara em vida cada acento, cada diagrama, cada mínimo símbolo, para a confirmação essencial da legitimidade.

Vou, ex-abrupto, interromper a descrição psicológica, para não cair no erro antigo e para não me estender para além dos limites estabelecidos. Se continuar a querer comprovar pelo fato como é que se deu a estadia nas trevas morais, não farei outra coisa senão provocar a imersão dos leitores nessa mesma escuridão.

Por isso, vou encerrar, reafirmando a tese cristã da importância de se levar a vida pautada pelos mandamentos básicos reproduzidos nos ***Evangelhos***, ou seja, honrar pai e mãe, não matar, não furtar, não levantar falso testemunho, não cobiçar as coisas alheias e, principalmente, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, levando o perdão aos desafetos às últimas consequências.

Norivaldo.

Em tempo.

Que as mensagens tenham o condão de se tornarem nas velas que auxiliarão os barcos a navegar mais facilmente. Lamentavelmente, nós não atingimos a época dos motores a explosão. Valha-nos o aprendizado que transcorre em clima da mais absoluta camaradagem. Não está aí o estímulo para os amigos constituírem grupos de estudo? Façam-nos!

PREPARANDO-SE PARA A LUTA

Muitos dos companheiros que trouxeram mensagens de amor e consolação, também tiveram o objetivo de sadia advertência, pois, tendo perlustrado os caminhos do mundo na fé espírita, mesmo assim não conseguiram safar-se do egoísmo avassalador que os levou transtornados por longo tempo, naquilo a que damos o nome de Umbral, seja da consciência, seja das regiões abissais, onde o sofrimento impera. Para cúmulo da desesperação, muitos encontraram nas trevas antigos companheiros de doutrina, perdidos nos matagais espessos do personalismo mais devastador.

Com medo de que tais palavras possam assustar os temerosos ou afastar destas leituras os que não passam de temerários, tivemos sempre o cuidado de demonstrar que outros colegas aqui chegaram sem grandes traumas, quanto à passagem para a espiritualidade, desembocando diretamente nos braços dos protetores, que os receberam jubilosos pelo sucesso da peregrinação. Quanto aos que são recepcionados com demonstrações de alegria e felicidade, nem sempre conduziram ações pelos ditames evangélicos, consoante a árdua aprendizagem nos estúdios escolares do Movimento Espírita, não sendo poucos os que desconhecaram completamente até as pregações de Jesus.

É que fazer o bem não é privilégio das pessoas segundo os conhecimentos morais, mas sim das que se apaniguem de sabedoria, ao se dedicarem, com verdadeiro amor e desprendimento, ao semelhante, por terem visto nele o alvo maior a que dirigirem a atenção. Não importa quem seja o próximo: o irmão, o cônjuge, o filho, os pais e demais parentela ou ainda o amigo do trabalho ou da rua, o vizinho, o desconhecido que sofre nos hospitais ou se desespera nos presídios.

Há dor e sofrimento? Pois que se comova o coração dos bons e dos justos, para o auxílio reverente ao irmão em Deus.

Não precisávamos prosseguir nesta peroração, pois o mais importante já expressamos. Entretanto, como não somos espírito de escol a oferecer as luzes do Senhor, é preciso que façamos referência às lutas que se travarão no orbe, seja na intimidade da mente, seja na exterioridade dos sentimentos, uma vez que é impossível executar extenso plano de ajuda fraterna, sem envolver outros seres que, talvez, não estejam preparados para a compreensão dos valores evangélicos.

A luta, então, se travará em diversas frentes, e será dirigida para as necessidades específicas de cada ser dependente. A uns, a explicação sucinta na reavaliação das diretrizes cármicas; a outros, a exemplificação diuturna e muda, a conduzir os raciocínios íntimos para a pureza das intenções e a ausência completa de hipocrisia. Há quem precise de comida e de agasalho, o que não quer dizer que não lhe falte carinho e afeto. A outros, carece oferecer as luzes do abecedário e o livro consolador. A todos, sem exceção, a palavra amiga, confortadora, a orientação segura, a esperança iluminada nos poderes divinos e a serenidade da atitude confiante de quem se entrega incondicionalmente às mãos do Pai.

Devo relatar que fui espírita, de quatro costados, mas que não me liberei de passar uns tempos na escuridão. Preparei-me eficazmente para a luta e denodei-me nos entreveros com os vícios e as negritudes do caráter. Mas fi-lo com o fito, afinal, de provocar a luz interior em mim mesmo, no medo quase doentio dos sofrimentos do Umbral, que conhecia em profundidade, dadas as informações constantes que colhia dos amigos que compareciam para as transmissões mediúnicas.

Sabedor das deficiências, quis superá-las, colocando em primeiro lugar a minha própria pessoa. Não que deixasse de fazer tudo ao alcance pelos que chamava de *assistidos*; mas a verdade é que jamais deixei de preocupar-me comigo mesmo.

Tal falha, contudo, não foi essencial. Se caí de bruço na lama infecta e nauseabunda do Hades, não me foi difícil reconhecer as razões que me fizeram debater-me em tais agonias. Pouco tempo, portanto, tive de amargar a dor do arrependimento oportuno, pois me restabeleci com a fé e a esperança de que me alimentei espiritualmente durante toda a vida.

Conhecido o desprazer a que o egoísmo pode conduzir, liberei as energias para a súplica consciente ao Criador, propondo-me ao auxílio ali mesmo aos irmãos mais carentes. Consegui, assim, isolar-me de mim mesmo — se é que não estou perpetrando nenhuma falha conceitual — e pude interessar-me, agora com real amor e dedicação, pelos que via caídos em estado de miserabilidade. Reuni forças para a refacção das diretrizes evangélicas que conhecera em vida e, por mais de três anos, fiquei à disposição das equipes socorristas, que se utilizavam de minha frequência de ondas para a aproximação àqueles que se constituíam no alvo das tarefas.

Naturalmente, me incorporei ao grupo e, quando menos esperava, já não sentia qualquer dor moral para permanecer na escuridão. Localizei diversos seres nas mesmas condições e, através deles, com a colaboração dos demais, comecei a exercer o doce ministério do socorrismo, naquelas difíceis condições de inferioridade.

Foi aí que recebi a visita dos orientadores para os esclarecimentos necessários a respeito de meu desenvolvimento espiritual. Acostumado ao trabalho penoso, insisti com eles em ficar por ali exercendo as funções de auxiliar dos grupos de resgate, por mais algum tempo. Não esperava lucrar nada de especial com isso, mas tinha a saudável ambição de absorver todos os conhecimentos concernentes àqueles quefazeres. Por lá fiquei por mais três ou quatro anos. A precisão do tempo deixou de ter importância e essa foi uma das principais virtudes que amalhei com o fatigante trabalho.

Hoje me esmero nesta página, crente de que mereci a grata responsabilidade de me dirigir aos espíritas convictos, na advertência capital da necessidade da preparação

para a luta, como algo da mais absoluta naturalidade. Agir com amor, para o bem do próximo, deve ser tão fácil e simples como reconhecer que se é na vida, tão só, mais um dos filhos de Deus.

Há percalços? Há dúvidas? Há mistérios? *Que fora a vida se nela não houvera lágrimas?*, já perguntava a personagem de Alexandre Herculano. Transformemos as lágrimas em desafios e a vida em fruto da razão e da emoção, no gozo supremo da verdade cristã. Haveremos de vencer!

Emílio.

BARULHO NO TELHADO

Grandes rumores atingiam o teto sob que nos abrigávamos no Umbral. O casebre era tosco, imitando as moradias das favelas de antigamente, quando as casas eram de madeira e o telhado de zinco.

Hoje, após percorrer as modernas condições dos morros, só encontramos um ou outro morador em estado de completa insuficiência material. Se quisermos topar com a miséria absoluta, devemos buscá-la à margem de certos riachos ou sob os viadutos e pontes das rodovias. Mesmo assim, o telhado não favorecerá o barulhão que sofríamos.

Pode parecer que estejamos querendo descontar os rumores absurdos que nos atormentaram boa parte da existência. Não é nada disso. É que temos para informar que encontramos o responsável por tais atos impropriedades e foi tanta a surpresa que quisemos vir a público para elucidar o caso.

Tratava-se, evidentemente, de ser muito atrasado, que desejava advertir-nos para os males que promoveria, se prosseguíssemos ignorando-o nas preces. Felizmente, após muito labutar, recebemos o aviso de quem se tratava e, a partir daí, começamos a nossa transformação, no sentido de procurar entendê-lo e ajudá-lo.

Foi assim que tivemos a oportunidade de dormir tranquilamente, embora, de quando em vez, ouvíssemos a algazarra, por termos esquecido de rogar pelo espírito que se ligara a nós desde outras encarnações.

Ao passarmos para o lado de cá, fomos encaminhados para a escuridão mais absoluta, por um tanto de maldades a que procedemos. Aí o antigo desafeto nos serviu de guia e nos dirigiu maravilhosamente, evitando inúmeros percalços existenciais, principalmente em relação aos inimigos que criamos, na última jornada.

No começo, não reconhecemos, naquele fantasma, algum ser bondoso ou alvissareiro, pois nos assustava constantemente com seus métodos ensurdecadores. Quando compreendemos de quem se tratava, pudemos estabelecer contacto e seu estado de melhores condições morais foi fator decisivo para rápido progresso na compreensão dos males que nos haviam conduzido àquele pavoroso lugar.

Muito nos congratulamos por termos tido a companhia, até certo ponto ofensiva, daquela entidade desequilibrada. Mas foi juntos que obtivemos o alvará para a saída do Umbral, permanecendo unidos mais ou menos em simbiose obsessiva por algum tempo.

No entanto, os guias estavam trabalhando por nós e nos impediram de volver ao plano da Terra, para prosseguirmos nas assombrações em que o amigo era *craque*.

Concorreu para a efetivação da proteção a lembrança dos familiares de vibrarem em meu nome, sem jamais se esquecerem daquele que lhes infundiu tanto pavor.

Como havia sido resguardado dos embates diretos contra os inimigos, pude furtar-me à deletéria influência, predispondo-me para a avaliação das melhores diretrizes a seguir, no sentido de me afastar da zona mais perigosa.

Filiei-me ao companheirismo socorrista de primeira linha e pude levar o irmão obsessivo comigo, já que não quis separar-me da criatura que tanto bem me havia proporcionado, conquanto inconscientemente.

Um belo dia, eis-nos em grupos diferentes, prestando serviços sem dependência alguma. Estávamos salvos do pior.

Não preciso prosseguir narrando os acontecimentos que se desenrolaram desde que ingressamos na ***Escolinha de Evangelização***. Hoje estou merecendo a honraria da transmissão de história verídica de atribulada existência. Não revelei os piores crimes, para não horrorizar os leitores, mas pretendi não passar-lhes a ideia de angelitude, para oferecer-lhes o essencial, ou seja, que Deus é pai de misericórdia e, de veras, escreve certo por linhas tortas.

Agradeço muitíssimo ao Professor Álvaro e aos colegas de grupo por me haverem proporcionado condições para esta comunicação, uma vez que me encontro necessitado de sedativos para poder equilibrar-me.

Otacílio.

Comentário

Cumprindo outra etapa da programação, trouxemos irmão ainda defasado em relação às virtudes evangélicas, mas fortemente conscientizado do atual estágio, para poder exercer relativa auto-análise, sem os horrores do remorso.

Não pretendemos pôr em cheque as lições que os leitores forem capazes de extrair de semelhantes mensagens, mas não iremos retirar-nos, sem explicar que até os mais nefastos espíritos das trevas têm momentos de lucidez, através dos quais se exerce prontamente a justiça divina, pois é quando o fardo que carregam assumem o verdadeiro peso.

Fiquem tranquilos quanto a possíveis erros e viciações. Se bater o arrependimento, orem ao Senhor por esclarecimentos que a ajuda virá até de quem menos se espera. Depositar nas mãos do Pai o coração é sábio. Se acreditarmos em que o serviço amável em prol dos infelizes for a complementação do amor universal que buscamos, podemos adquirir a certeza de que está próxima a salvação.

Não há, pois, temer a justiça de Deus, quando se trabalha contra as perversidades da alma.

Façamos por cumprir as leis evangélicas.

O grupo.

ANARQUIA CONCEITUAL

Na Terra, participei ativamente, ao mesmo tempo, de diversas seitas religiosas, dentre as quais o Candomblé e o Catolicismo, personificando em mim o que vulgarmente se conhece como sincretismo religioso.

Durante muito tempo, não acreditei em nada, mas fazia, religiosamente, tudo que me era determinado, menos rejeitar as sugestões dos outros sacerdotes. Não comia carne na quaresma, nem que me fosse impingida no terreiro. Em compensação, ia às missas de vestuário branco, em mudo desafio às proibições católicas.

E não era o que se possa chamar de revoltado. É que não estudava nenhum ponto de doutrina, julgando que as exterioridades do culto bastassem para o efeito da salvação e da proteção.

No confessionário, não ocultava nenhum dos pensamentos e sofria calado as severas censuras dos sacerdotes. No terreiro, entre uma baforada e outra, ouvia contrito as recomendações dos guias, que me ensinavam que estava permitindo a diversos obsessores se aproximarem demasiado de mim. Mas não fazia caso nem de uns nem de outros, crente de que Deus iria resguardar-me de todos os males.

As orações eram meras repetições sem sentido, de pronto anuladas por pensamentos materialistas. Não que não temesse o sobrenatural. Morria de medo. Mas era inconsequente, que me mantinha alheio à prudência e à morigeração.

Não será preciso dizer que me vi apanhado nas grossas malhas da força policial, por alguns crimes em que lesei o patrimônio de concidadãos. Não era, portanto, flor que se cheirasse.

Dessa forma, fui levando a vida até o momento de surgirem os primeiros netos. Como não tivesse nada a oferecer-lhes, os pais buscaram furtá-los às minhas péssimas influências.

Foi o primeiro aviso de que estava prestes a malbaratar completamente a oportunidade de crescimento espiritual. Tal conceito não me veio claro à mente, fruto de meditação transcendental. Foi um amigo padre quem me advertiu de que estaria perdendo o paraíso e foi um dos protetores do centro espírita que me pôs a par das dificuldades que teria pela frente, caso me desencarnasse logo.

Essa última fase da vida foi decisiva para o acolhimento que tive ao afastar-me do convívio carnal. É que deliberei ouvir os espíritos, sem o ensurdecedor ruído dos atabaques, com a mente lúcida, por força de não ingerir bebidas alcoólicas.

Levado por parente próximo, fui ter em *centro de mesa branca*, o chamado kardecismo, onde as pregações, mais que nos outros lugares, me conduziram a fervorosos raciocínios, em busca da compreensão da lei de causa e efeito. Sabia da reencarnação, mas não dera qualquer importância ao fato, pois julgava que tudo se repetiria, conforme o que via ocorrendo à minha volta. Diante dos débeis mentais que eram trazidos para os passes, fiquei sabendo da possibilidade de qualquer um volver ao plano terrestre com doenças congênicas de perfil aterrorizante.

O medo me convenceu de que deveria regenerar-me do ponto de vista conceitual, repelindo a flacidez mental que se estruturara devido à anterior postura religiosa. Lutei muito contra os hábitos e, por meio de trabalho sacrificial, iniciei o estudo das diversas obras de Kardec.

Gostaria de dizer que li atentamente todas elas, mas, na verdade, não consegui alcançar nem a terceira página da **Gênese**. Entretanto, as demais fui capaz de decifrar, com a ajuda dos doutrinadores.

Se me fosse perguntado o que considero essencial nos centros espíritas, direi que a parte dos estudos são imprescindíveis para que possamos exercer os ministérios do amor e da caridade, com perfeito conhecimento de causa. E isso digo de cátedra, pois a miscelânea de ideias que levei para o Espiritismo categorizava-me para avaliar as preciosidades doutrinárias que se alojaram na codificação.

Mas não devo exaltar nenhum aspecto em particular, pois tudo ocorre segundo o nível de adiantamento e de necessidade de cada um. Sendo assim, permitam-me tão somente dizer que não me livre de todo das aperturas conscienciais, tendo de curtir momentos desagradabilíssimos às mãos de diversos obsessores. Contudo, a alma estava lavada nas águas lustrais do evangelho de Jesus, de sorte que pude socorrer-me dos protetores, angustiando-me profundamente por ter percebido que não estaria em mim auxiliar aos que me perseguiram.

Foi por isso que me atrevi a oferecer-me para a psicografia, na expectativa de vir a ser útil para malfadado leitor que esteja flutuando entre a adoção ou a simbiose de diferentes ideias religiosas. Reflitam bastante sobre o que escrevi e ponham-se às ordens dos espíritos mentores, para que venham a cumprir destino de luz.

Honorato.

Até escritores famosos tremem, quando se trata de vir ao posto da psicografia.

Imaginem-se, caros amigos, autores de dezenas de obras literárias sérias, honestas, conceituadas. Depois, ponham-se a vasculhar as ideias que as fundamentaram e descubram inúmeros contrastes com os pontos evangélicos em estudo no etéreo. Será que teriam ânimo de comparecer perante o público, para declarar que estavam errados, que a verdade era outra, que a vaidade do mundo se infiltrara nos corações?

Apesar da facilidade técnica, os escritores temem revelar-se inferiores, pois o humano saber lhes dá sentido autóctone em relação aos pares, como se as estruturas mentais é que lhes definissem os passos da vida e lhes dessem características indefectíveis e imperturbáveis. Donos de seu estilo, tais seres deveriam sentir-se sempre iguais, de forma que, se se apoiarem em outros princípios, não serão reconhecidos e de nada lhes terá valido o sucesso e a fama.

É problema muito sério, que todos deveremos resolver, antes de nos apresentarmos para os ditados, mesmo quando em vida não tenhamos passado de simples analfabetos. É que os dramas são pessoais, são intransferíveis e são pungentes.

Esta é a principal razão de estarmos consignando o escrito sob a epígrafe da coragem, pois há que se ter impregnada a convicção da verdade na coluna vertebral do caráter.

Quando, então, o tradutor dos pensamentos e sentimentos não se afina com as vibrações mais sutis dos estremecimentos conscienciais, sendo rudes na transferência para o humano linguajar, aí mais haverão os melhor dotados que temer o descompasso e o desalinhamento doutrinário e filosófico. Nestes casos, repetem-se, indefinidamente, as lições mais conhecidas, sob domínio da mente do médium, impedindo os mentores que sensações mais sutis sejam comunicadas, para que não venham a ser desvirtuadas.

Não há aí, verdadeiramente, necessidade de muita coragem, para enfrentar os percalços das manifestações?

Se estivéssemos dirigindo as apreciações para a conduta mais adequada dos companheiros encarnados, diríamos que deverão estar constantemente com os livros nas mãos, para o aprendizado oportuno. Se preciso fosse, recomendaríamos que voltassem aos bancos escolares, para novas aventuras no campo do saber. Só assim se porão aptos a receberem as mensagens mais perfeitas, eivadas de conceituações complexas, propícias a oferecerem soluções para os problemas mais agudos, pois nem sempre as leis podem ser aplicadas a grosso modo. Há que se conhecer as sutilezas da letra e a funcionalidade dos ensinamentos.

Mas estamos tão só relatando as dificuldades espirituais, de sorte que daremos trégua aos amáveis leitores.

Duvidamos que todos os problemas levantados por Kardec em *O Livro dos Médiuns* se tenham colocado para enfrentamento de cada um. É uma delícia a leitura esclarecedora, mas a oportunidade do conhecimento factual não se inteira sem a

correspondente experiência epistemológica, sustentada pelo fator do circunstancial que só o empirismo proporciona.

Há quem leia o parágrafo anterior e, imediatamente, estabeleça a crítica, apontando diversas falhas conceituais. Há quem só sinta o forte desejo de abandonar o texto, dada a complexidade inerente aos conceitos. *Mutatis mutandis*, se o indivíduo for analfabeto, o problema nem se coloca, passando em brancas nuvens. Eis que a simplicidade das imagens nos conduz com segurança para a explicação que desejávamos, qual seja, a de que os desníveis culturais é que dão o colorido a ser empregado nos textos.

O estudo da receptividade do público é fundamental para os escritores encarnados e, de certo modo, não é desprezível para os autores espirituais. Efetuá-lo é de lei na Terra, mas exige muita ponderação e sabedoria no etéreo, onde as responsabilidades se fazem presentes como atos de consciência. Deixando claro: no justo instante em que se delibera pelo enunciado de algum pensamento e se escolhe a melhor forma de apresentá-lo, também trabalha a consciência, no sentido do julgamento contemporâneo, havendo de o indivíduo estar preparado para exposições desagradáveis, caso as tendências apontem para outro sentido, por força de estarem sendo incompatíveis com os ideais evangélicos.

Pensamos ter caracterizado a necessidade da coragem.

Eis que perpassamos por séria crise, para podermos registrar estes aspectos não muito comuns, como se as manifestações do grupo não fossem alcançar leitor algum. Ao mesmo tempo, não podíamos oferecer nenhum dado perturbador, pois os encarnados não estão afeitos às perquirições de ordem tão intrínseca junto à psique. Quase sempre se dão por satisfeitos, quando chegam a enquadrar os textos nos parâmetros estabelecidos, sem desejarem ampliar os conhecimentos, no temor de ofenderem a Divindade com ousadias doutrinárias, como se Deus não fosse misericordioso e não perdoasse as investidas investigantes em campos não explorados pela mente humana.

Quando estamos temerosos, aí, mais que nunca, há que se ter muita coragem, para se dar o próximo passo rumo ao desconhecido.

Estendi-me demasiado nos conceitos e impedi que o texto apresentasse a espécie de problemas que carreei para o etéreo, na última jornada. Em todo caso, devo referir-me ao fato de que fui espírita e de que jamais admiti qualquer novidade no campo doutrinário. Se Kardec não apreciou, não me permitia acatar qualquer desenvolvimento, restringindo-me às verdades reveladas, com o mesmo temor que a pusilanimidade tem de derrubar o dogmatismo católico. Meu medo era o de *pecar*.

Penso que o texto tenha deixado claras as consequências desse hábito, pois não foi sem tremer que me expressei o tempo todo, conquanto me sentisse fortemente amparado pela equipe. Afinal de contas, não estamos apresentando-nos para fazer desfilar teorias próprias, mas para demonstrar que estamos aptos à pregação evangélica.

Não é verdade que um dom a ser desenvolvido é o da vigilância, para que tudo adquira sentido cármico? Então?! Nada será melhor para concretizar as informações do que saber o que se está fazendo, para o que deveremos sempre e cada vez mais dedicar-nos aos estudos.

Fechando o ciclo, damos por encerrado o trabalho, rogando ao Pai que ampare os amigos na leitura, para a compreensão exata dos dizeres. *Buscar chifres nas cabeças dos*

cavalos seria o apogeu da idiotice. Isto não seria coragem mas temeridade e nós não pretendemos ter chegado a tal ponto.

Como derradeira propositura, estariam os confrades preparados para apresentar trabalhos como estes, assim que desembocarem na espiritualidade? Pois saibam que não há fugir deles.

Otacílio.

Em tempo.

Dentre os diversos discursos da turma, há alguns que nos foram oferecidos por autores de nomeada. Saberiam os amigos apontar quais?

O ASSALTO À FORTALEZA

Quando estive internado na carne, não admitia a hipótese de ser assediado por nenhum espírito maldoso, estivesse vivo ou não. Estabeleci para comigo que minha alma seria fortaleza de amor, defendida dos vícios por todas as virtudes. Era sonho de criança, fundamentado em historinha que ouvi repetidas vezes, pela voz condescendente de minha irmã mais velha. Eu e os demais pimpolhos de mesma idade.

Entretanto, quer parecer-me que as lérias românticas do entrecho se fixaram profundamente só em mim, sonhador e místico, que jamais pude entender que os males existem para se constituírem nas provas da experiência.

Mas o sonho infantil não teria tido sucesso, se não fosse eu predestinado a vida pacata e séria de organizador público, sentado em cadeira da administração, de onde fazia emanar ordens superiores, com regularidade e eficiência.

Resisti o quanto pude às ofertas de subornos, mas fui conivente com as que serviram aos chefes, jamais interferindo no que quer que fosse de que tivesse conhecimento. Nada desejava a mais, todavia, agarrava-me ao emprego com surpreendente tenacidade para quem elegera a virtude como apanágio da alma e sedimento das atitudes.

De religião em religião, cheguei ao kardecismo pela via natural da dor, ao perder filho muito amado. Passageira condição de ingresso, adentrei a casa espírita como se lá tivesse nascido e me criado.

Afoito de início para conhecer o paradeiro da criança, fui compreendendo as normas evangélicas ali praticadas e difundidas. Ao conhecer a necessidade do exame detido da consciência, fui capaz de perceber que errara profundamente ao ter deixado passar sem denúncia os malfeitos da repartição. Senti a fortaleza ameaçada, ainda mais porque foi ao tempo da aposentadoria e não poderia reparar os erros.

Não tive dúvida, contudo, em romancear os fatos e em redigir obra em que evidenciava todas as mazelas do poder burocrático.

Por razões de prudência e pelo profundo respeito que adquirira em relação aos orientadores espirituais do centro, antes de levar à publicação o escrito revelador, cismeie de consultar os protetores, para que me fizessem sentir até que ponto haveria real necessidade de desfazer o tremendo engano de que me tornara vítima.

A resposta não se fez esperar, mas continha certos conceitos enigmáticos, como se não dependesse deles a decisão definitiva da publicação. Entre outras observações, destacava-se a de que tudo o que pudesse dizer não iria, à vista desse mesmo fato, ser apagado de minhas recordações. Se fora prudente em consultá-los, que também me estimulasse para o perdão, não dos que fazia representar como vilões na narrativa, mas de mim mesmo, que não me sentia acomodado, conforme os rígidos padrões que tão elementarmente estabelecera como norma de conduta moral. Afinal de contas, terminavam, era passado a cavalaria andante.

Mas o trabalho estava feito e me demandara muito tempo, durante o qual se me cristalizara na mente a ideia de obra-prima. Alguma coisa parecida com a ânsia que se tem de demonstrar os resultados das sessões de psicografia.

Resolvi esquecer as sábias recomendações e me atrevi a buscar editor idôneo, que se interessasse pela divulgação do trabalho. Evidentemente, ninguém quis bancar a editoração, especialmente pela fraqueza estrutural da narrativa. Como último recurso, procurei a imprensa do periodismo jornalístico, para, quem sabe, conseguir reprodução da peça, mesmo que folhetinesca.

Houve quem tivesse a boa vontade de sugerir alterações substanciais, para que o texto ganhasse notações de reportagem, a ponto de se refazerem os fatos, eliminando o romanesco, para, inclusive, se darem os nomes próprios das criaturas reais camufladas pela fantasia.

A princípio, a ideia pareceu-me bem espontânea e muito mais próxima da verdade.

“Quem fez”, pensava eu inconsequentemente, “um dia ou outro terá de pagar. Que seja o quanto antes, pois, no Umbral, as coisas poderão ficar muito mais negras.”

Elaboradas novamente as matérias, antes de assinar o contrato e o termo de responsabilidade com que a empresa desejava evitar qualquer ação judicial contra si, temeroso das repercussões entre os antigos colegas de repartição, fui, de novo, em busca da aprovação dos mentores espirituais.

Agora os dizeres nada tiveram de misteriosos: que voltasse aos bancos da evangelização, pois a fortaleza havia sofrido investidas perigosíssimas e a defesa estava prestes a ceder passagem aos piores inimigos da integridade moral.

Recuei a tempo de assumir a responsabilidade das publicações, mas os jornalistas, levados pela incontidência que faz da profissão uma das mais temerárias do século das comunicações e da informática, decidiram levar avante o plano das acusações, ampliando a investigação e levantando documentos comprobatórios do envolvimento de diversos dirigentes do setor público, inclusive incriminando-me, por não ter dado conhecimento das falcatruas.

Fiquei alucinado quando me revelaram as intenções. Felizmente, tudo deu em água de barreira, pois a doutrina ideológica dos responsáveis pelo jornal, naquele instante, estava em aliança com o governo. Fui salvo pelo gongo, no último assalto da luta.

Imediatamente, *motu proprio*, sem pesquisas espirituais junto aos orientadores, deliberei revelar aos antigos companheiros de trabalho os riscos pelos quais estavam passando. Nada lhes escondi, nem mesmo a minha falta de caridade, e supliquei-lhes que me perdoassem e, se fosse razoável a solicitação, que se integrassem comigo no kardecismo.

Evidentemente, fui mal compreendido e só obtive deles muita prevenção e diversas ameaças. Não fora o abnegado trabalho a que me dediquei a partir de então e não teria tido sossego moral até o final dos dias.

Mesmo após o desencarne, por muito tempo, fui perseguido por maldosas vibrações, tendo sido difícil compreender que, embora não me tivesse exposto tanto, teria sido assombrado, do mesmo modo, pelas críticas ferozes que sempre realizei contra os corruptos e corruptores.

Lembrando-me dos escudos de virtude e do castelo de amor, pude soffrear os impulsos de maldade do coração e consegui recuperar-me para o serviço socorrista junto a esta instituição espiritual.

Diante desta folha passada a limpo, temo que não tenha sido a exposição suficientemente clara e, por isso, ineficaz para o objetivo da exemplificação a que almejava. De qualquer forma, desejo vivamente demonstrar o interesse em revelar somente as raízes das crises conscienciais, rogando aos irmãos que desconsiderem todas as informações relativas àqueles cujas intenções não se coadunavam com os ditames evangélicos.

Guarde-nos o Senhor de julgar as pessoas e ampare-nos sempre nas iniciativas de auxílio e esclarecimento!

Otacílio.

O PERDÃO DE DEUS

Aspirava, fortemente, que o Pai me perdoasse todas as falcatruas. Mas não o fazia senão com o coração impregnado de medo. Se fosse medir, em escala de zero a dez, o desempenho religioso, acho que o valor a ser atribuído aos sentimentos de que me deixava tomar não ultrapassaria o segundo nível.

Como fui criatura saudável e inteligente, a sensibilidade era constantemente questionada, momento em que dava curso às lamentações do arrependimento. Entretanto, remorso mesmo só vim a conhecer muito depois de perambular inerme pelas cavernas tenebrosas do Umbral.

Ainda me encham os olhos de lágrimas, por não ter reconhecido eficazmente os pensamentos ruins que me levaram a esquecer as boas intenções das horas de exame de consciência. Se tivesse coragem, diria que me fantasiava perante o Pai, pois tudo o que deveras realizava no campo dos relacionamentos era o oposto do que pretendia como filho de Deus, de joelhos perante o altar.

Os ares de constrangimento com que cercava as preces faziam de mim, na comunidade, um dos mais sérios candidatos à santidade. No entanto, nos âmbitos familiar e profissional, era profundamente odiado, mas não aparentemente, porque a prepotência que aplicava junto aos demais era forte o suficiente para fazer calar alguma palavra de advertência amigável que se pudesse ter a intenção de transmitir.

Fui levando a vida dessa forma dualística, cada vez mais cômico das imperfeições, como também da necessidade do perdão de Deus.

Não pretendo esmiuçar a óbvia incapacidade de ser honesto, pois deve ter ficado bem claro que não tive a intenção de emendar-me. Ao contrário, quanto mais me dedicava à compreensão das chamadas leis de Deus e da Igreja, mais me chafurdava no lodaçal do egoísmo, pois o que pretendia era justificar cada pequeno ato de maldade.

Não sei se há algum leitor que tenha esse grave defeito. Mas, como me foi atribuída a mensagem de hoje, não poderia deixar de relatar o que se passou comigo, já que não tenho a pretensão de iludir ninguém, tanto a escuridão e o sofrimento do catre em que amarguei as dolorosas reflexões a respeito das péssimas disposições morais me influenciou.

Transformo, portanto, a comunicação em algo valioso, no sentido de estimular a esperança de todos em alcançar relativa felicidade, uma vez que o sofrimento não é

eterno. É assim que se registra nos códices da legislação do Senhor, onde o perdão se inscreve em artigo sucedâneo ao que estabelece que a cada um segundo as obras.

Sou apagado colaborador desta turma, onde exerço o honroso papel de coadjuvante, nos transportes mais penosos daqueles seres que vamos buscar nas amarguradas regiões abissais. Sofro muito com a dor alheia, pois sou incapaz de olvidar os meus deslizes e impropriedades de julgamento.

Os amigos pedem-me para deixar espaço para algum comentário a respeito da atuação junto aos companheiros, pois desejam que diga que sou considerado muito importante, como alguém que superou deficiências muito acentuadas.

Acredito que, para afirmar semelhante fato, terei de referir-me a atos de vandalismo que pratiquei, principalmente no campo da justiça que deveria distribuir. Por outro lado, há cenas de sangue que não gostaria de consignar, pois não estou preparado para equilibrar-me perante tais recordações.

Sendo assim, que se assinale que os bons camaradas, sempre que precisam de exemplo de esforço e de dedicação, recorrem à minha pessoa, já que me considero tão devedor que até chego a estimar, se não for isto falta de caridade, as oportunidades de consolação.

Queria escrever na primeira pessoa do plural, mas fui incapaz de livrar-me do desejo de deixar patenteado o egoísmo.

Que Deus continue perdoando-me, enviando-me notícias de que o desempenho junto ao médium não foi de todo inútil.

Revoredo.

Observação

As páginas que se leram não devem ser levadas à conta de ficção. São a exata expressão da verdade psíquica do aluninho. Se têm aparências de falsidade, se cheiram a hipocrisia, isto se deve à transformação que se opera na capacidade de adaptação do querido amigo às novas noções que tem de assimilar, conforme assinalou. Não quisemos desperdiçar a oportunidade da *lição*, embora corrêsemos o risco de embarçar-nos nas explicações.

O confrade, conquanto lograsse êxito na imantação e na transmissão, deixou muito a desejar na concatenação das ideias, de molde a formar harmonioso conjunto, composição redacional de agrado para o encarnado habituado às frases melhor encadeadas, segundo argumentação fundamentada silogisticamente.

É preciso compreender que, no etéreo, nem tudo é equilíbrio de forma, nem há labores de conteúdo que justifiquem a transmissão das peças. Entretanto, como estamos em fase de crescimento, em ponto evolutivo muito próximo daquele que o comum dos

mortais terá de passar, atrevemo-nos a trazer informações imperfeitas e nem sempre objetivas.

Que os mais críticos nos perdoem os atrevimentos. Enquanto tivermos possibilidade de comentar ou observar, iremos fazê-lo, no interesse de tornar tudo o mais claro possível.

Finalmente, caso haja alguém que pretenda ir um pouco mais longe nos conhecimentos temáticos dos textos, pode invocar-nos em sua intimidade. Em havendo condições propícias, estabeleceremos o diálogo ao nível da mente, para a discussão dos quesitos propostos.

Álvaro.

GUERRA ÍNTIMA

Nem bem havia desembarcado no Hades e me encontrei com os adversários. O estranho é que não me ofendiam, não me endereçavam admoestações, não me agrediam de forma alguma. Eram fantasmas a me olharem interrogativamente, como que desejando conhecer minhas reações.

De início, pus-me a persegui-los desesperadamente, acusando-os de todos os crimes da Terra, revoltando-me contra as atitudes que tanto prejuízo me haviam causado.

Estranho, naquele período, foi que jamais os perdi de vista, sem nunca tê-los atingido ou feito mudar de fisionomia ou de postura. Pareciam estátuas vivas, flexíveis mas imperturbáveis.

Foi só depois de onze anos de inúteis correrias que atinei com a verdade: eram figuras plasmadas pela mente superexcitada. Para afastá-las da frente, contudo, precisei ir colocando-lhes feições mais brandas e mais espiritualizadas. O serviço da transformação me tomou outros onze anos, ao fim dos quais me encontrei sozinho, completamente cômico das próprias falhas.

Ao longo dos vinte e dois anos de obscuridade, pude ir compenetrando-me de todas as facetas das reações na Terra, imputando a cada uma o valor moral-evangélico correspondente, quer no sentido da aprovação, quer no da rejeição.

Quando fui atendido num dos hospitais desta instituição, já não me afetavam as crises provocadas pelas sensações carnis. Estava espiritualizado, embora sem possuir as convicções teóricas das doutrinas existenciais, o que só agora vou, dificultosamente, assimilando, por força dos exercícios de simulação e da recorrência aos padrões de conduta dos mortais, conforme extensa programação de visitas críticas, ao lado dos companheiros e dos mestres.

Ao me deparar, verdadeiramente, com os espíritos dos inimigos, havendo alguns ligados à matéria, pude avaliar melhor os efeitos do isolamento em relação a eles, pois suas reações eram as mais disparatadas relativamente aos semblantes que lhes emprestara. Falhei, lamentavelmente, ao julgar cada um deles. Os que presumi ferozes, estavam mansos; alguns a quem nem atribuí a condição de desafetos eram-no furiosamente. A quanto leva a psique humana!

Admirei-me, sobretudo, pelo fato de que as reconciliações estivessem encaminhadas, como se houvesse, no longo período do confronto consciencial, estado realmente na presença daqueles seres.

Não me foi difícil, todavia, conceber a verdade: as ondas energéticas esparzidas pela vibração que emitira haviam chegado ao conhecimento de todos, as más e as boas, em sequência. Era como se tivesse pedido perdão de viva voz.

Houve os que festejaram o reencontro, como também quem continuasse a lançar-me impropérios, bem mais insistentes até do que a imaginação pudera criar. Aos primeiros, recebi com benignidade, incorporando-os, desde logo, no rol das amizades. Aos últimos, precisei até da ajuda dos companheiros, para os tratamentos mais convenientes, havendo quem precisasse até receber fortes impactos energéticos e doses anestésicas para poderem ser medicados. Mesmo assim, perderam-se dois ou três na escuridão do Umbral.

Hoje agradeço compungido a misericordiosa justiça divina por ter-me resguardado dos entreveros reais, em momento de extrema fraqueza psíquica, quando não teria meios para repelir os ataques dos mais exaltados.

Necessariamente, devo ter reunido alguns méritos para tais considerações, os quais se concentraram na área dos serviços prestados à comunidade. Eis que, apesar de ter feito muitos sofrerem, também dei a alguns condições de feliz sobrevivência. Era o contraste de minha vida, não inteiramente perdida para o progresso.

Agora estou em condições de avaliar melhor a personalidade e me sinto bastante seguro para afirmar que melhorei muito em relação à vida anterior, de onde saí em lamentável estado de deterioração moral.

No final das contas, o esquecimento começa a se instalar relativamente aos fatos mais tristes e constrangedores, uma vez que, em semelhantes circunstâncias, naturalmente, ajo de forma consentânea com os ditames evangélicos.

Muito tenho para aprender, devendo retornar ao plano da carne para novas experiências e aprendizagens, além de resgates dolorosos. Mas não me apavoro diante das futuras vicissitudes, pois estou cada vez mais certo da proteção dos amigos e da misericórdia do Pai.

Peço perdoarem-me se não dei pistas das realizações, pois facilmente seria possível reconhecer-me a identidade, dada a projeção político-religiosa que obtive. Penso, entretanto, que, mesmo falando em tese, possa vir a ser de utilidade para as reflexões dos companheiros encarnados.

José.

Observação

Diferentemente do relato anterior, quer parecer-nos que o amigo José (nome pelo qual o conhecemos no etéreo) deixou bem clara a intenção de levar ao conhecimento dos encarnados que nem tudo no Umbral tem consistência na realidade tangível.

Não teria sido favorável para a recuperação do amigo se tivesse tido conhecimento prévio de tal possibilidade? Entretanto, é bom não estabelecer que tudo ali possa ser simulacro criado pela mente, em decorrência de que se percebe o jogo das verdades e das mentiras, o egoísmo, o orgulho e todo o conjunto das más intenções e dos péssimos desejos.

Que esta nota sirva para esclarecer que a condição dos vinte e dois anos de umbral de José é exceção na regra geral das perseguições reais.

Álvaro.

TAREFAS IMPORTANTES

Dentre as atribuições que têm os espíritos, estão aquelas relativas à transmissão mediúnica.

Na qualidade de fiel discípulo do Espiritismo, muito me preocupei, durante a vida, em favorecer que os trabalhos no centro se desenvolvessem da melhor maneira possível. Para tanto, incensava a sala durante o dia, não deixando jamais de rogar ao Senhor que enviasse as melhores entidades espirituais disponíveis para o *arejamento* do ambiente.

Não dispunha, então, da terminologia empregada nos dias de hoje nem conhecia a metodologia mais eficaz de defumação meramente energética, contentando-me em tudo fazer com o máximo de convicção e boa vontade.

Como os resultados sempre foram satisfatórios, tive para comigo que a minha maneira era a melhor, até que, um dia, após algum tempo de desencarnado, fui a uma instituição terrena, com a precípua finalidade de observar como é que se dão os trabalhos de mediunização.

Evidentemente, não vou reproduzir todos os aspectos conhecidos dos leitores, mas não posso furtar-me a dizer que muito me surpreendi com a maneira pela qual agem os desencarnados. Juro que a imaginação flutuou bem longe da verdade, parecendo-me agora que as coisas se fazem com extrema simplicidade, bastando que haja pureza de intenções em todos os envolvidos.

Naquele dia, compareceram alguns familiares, acostumados com os meus cuidados materiais, e pude perceber que nenhuma de suas atividades teve o dom de favorecer as providências das entidades responsáveis pelo eficaz transcurso da reunião. No entanto, como eram bons e honestos e pretendiam, deveras, auxiliar os necessitados, foram utilíssimos na disciplina geral estabelecida para os que, em inferiores condições, para lá se levaram à revelia.

Naquela memorável noite, assumi a cadeira destinada aos exortadores da fé e discursi longamente, dando a entender claramente de quem se tratava. Como, contudo, fiz menção à inutilidade das providências de defumação e da presença de certas plantas tidas como de poder sobre os maus, ninguém acreditou que fora eu mesmo quem dera a comunicação.

Quando ia ficando triste pela inoperância das observações, assumiu o posto de doutrinador o responsável maior pelas atividades e determinou ao grupo que envidasse esforços para a leitura das obras kardequianas.

Devo confessar que foi bastante complicado para o povo ali reunido combinar ambas as explanações, tendo havido necessidade de outras manifestações, no sentido da advertência de que os frutos iriam ser os melhores, caso se vislumbrasse a possibilidade de serem melhor desenvolvidos os aspectos espirituais dos processos de comunicação mediúnicamente.

Reforço, passados alguns anos, a peroração que venho repetindo, insistindo, porém, em ponto de suma importância para os trabalhos. Ou seja. Não é porque haja qualquer complicação nas transmissões que não se devam adotar providências de caráter material. É para dar o sentido do valor espiritual que propugnamos a *espiritualização* dos preparativos.

Temos visto alguns encarnados *limparem* o ambiente com alguns petrechos dispensáveis, como velas, flores, folhas, sons e odores, na crença de que tudo decorrerá fatalmente sob a proteção dos guias pessoais e do grupo. Entretanto, colocar o sucesso das realizações espíritas naqueles mecanismos primitivos tem levado a conclusões errôneas, no caso das sessões perturbadas ou frustradas. Esquece-se de examinar as verdadeiras causas, ou seja, a falta de concentração mental, os excessos cometidos durante o dia, a invigilância quanto aos aspectos morais etc., para atribuir as falhas à inobservância rigorosa dos procedimentos prévios.

É notável, não obstante, o grande número de instituições que se compenetraram da verdadeira orientação que se deve dar aos trabalhos, tanto que, no que se convencionou chamar de kardecismo, bem poucos fracassos estão sendo verificados nas sessões mediúnicas.

Que esta dissertação venha para reforçar os preceitos da evangelização dos atos de benemerência espiritual, afastando das mentes e dos corações as crenças nos amuletos, nas fórmulas mágicas e nos encantamentos que, muitas vezes até inconscientemente, praticam, por força da cristalização dos maus hábitos.

Que tudo se faça em nome de Jesus, que se obterá a presença de seus legítimos representantes, segundo as necessidades de cada reunião. Acatar tal delegação será, com certeza, reconhecer-se também representante do Senhor, nos sublimes momentos do socorrismo fraterno.

Roberto.

Observação

Desejava o irmãozinho discorrer mais a respeito do desempenho especializado de cada membro da equipe espiritual, durante as tarefas mediúnicas. No entanto, fizemos ver a ele que os aspectos filosóficos ou doutrinários iriam ser de maior valia para os encarnados, os quais, se quiserem, poderão louvar-se das obras que tratam do tema em profundidade, a principiar por ***O Livro dos Médiuns***, de Kardec.

Óbice maior dentre os que relacionamos era o de que nem todos os procedimentos “*técnicos*” são passíveis de compreensão pelos mortais, dado que aqui trabalhamos diretamente sobre os fluidos cósmicos ou energéticos, a exigir conhecimentos específicos deste tipo de “*matéria-prima*”.

Que nossas aspas sejam capazes de indicar as adaptações que precisamos fazer, para levar à mente dos leitores ideias parecidas às que se harmonizam em nosso intelecto.

Por outro lado, este tipo de informações só pode ser transferido para a realidade dos encarnados, por iniciativa das autoridades superiores, a quem está sujeita a governadoria “*sideral*”; jamais por um aluno da ***Escolinha de Evangelização***.

Álvaro.

EM DIAS DE TEMPESTADE

Há um medo natural, atávico, e até adquirido socialmente, das grandes intempéries. Evidentemente, a notícia das destruições causadas por tornados e furacões gera receios fundamentados do que possa ocorrer aos nossos, a nós e a nossos bens.

Haverá alguma palavra tranquilizadora para a ocasião dita por Jesus e registrada nos *Evangelhos*? Se nos lembrarmos da bela passagem em que Jesus dormia com a cabeça recostada no travesseiro, dentro do barco, iremos conhecer a nostalgia dos ensinamentos definitivos.

Assim pensava eu, enquanto amparava famílias vítimas de desmoronamentos. Tais pessoas, surpreendidas no sono ou em tertúlias pacíficas, quase sempre nos chegam chocadas com o inopinado da violência. Quando não estão sob o efeito narcótico das bebidas alcoólicas, são pungentes os esforços por recobrem a lucidez, dado que as transformações tempo-espaciais as pegam desprevenidas.

Não nos importa executar a reportagem dos eventos seguintes ao momento da morte, mas devemos prevenir para a preparação para viagens tão repentinas, repetindo a lição do Mestre, inculcando na mente a necessidade da fé e da confiança em Deus.

Não iremos alongar-nos, para não realizarmos obra de exegese bíblica. A verdade, porém, é que a advertência lançada por Jesus contra os apóstolos temerosos ressoa ainda, através dos séculos, e nos serve, perfeitamente.

Que importância tem a perda dos bens terrenos, senão a de nos testar as virtudes, pondo-nos à prova os conhecimentos doutrinários? Não é o mesmo em relação às vidas dos parceiros e familiares? E quanto a nós mesmos, à nossa existência, a morte não está inscrita indelevelmente no destino? Quem nos assegurará que a maneira admitida por nós não seja exatamente aquela provocada pelo dilúvio?

Assim, baste-nos sentir o terrível momento do negrume do céu, dos relâmpagos e do trovejar, para nos lembrarmos de que pode o desenlace ocorrer a todo momento.

Voltando aos socorridos desses acidentes mortais, precisamos justificar as graves preocupações que trazem, por não terem concluído as tarefas, parecendo-lhes ser os culpados por se localizarem justamente nos locais em que se deram as tragédias. Aí as responsabilidades precisam definir-se no âmbito da consciência, correndo a assistência possível da parte dos protetores de maneira usual.

Isto nos lembra que advertir para as condições de inferioridade material pode não ser totalmente desprezível, uma vez que se escondem aí algumas más deliberações, como o aproveitamento das invasões, a ganância do usufruir sem despesas localizações mais vantajosas, as economias de dinheiro para posteriores aplicações, desconsiderando-se agora as necessidades familiares etc.

Contudo, precisamos lembrar que escrevemos para quem, possivelmente, esteja plenamente resguardado de tais increpações, o que não os libera das cogitações relativas aos que são atendidos nas instituições espíritas, na qualidade de assistidos.

Vamos encerrar o ditado, fazendo votos para que mais e mais pessoas se compenetrem de que correr riscos é próprio da vida material, o que não significa emitir alvará para que todas as temeridades possam vir a ser tentadas. Agir com ponderação, com discernimento, com segurança e coragem pode representar, simplesmente, o fiel cumprimento das palavras do Senhor.

Antoninho.

Em tempo.

Fiz questão de omitir passagens da derradeira encarnação, por não trazerem lições que a dissertação não contivesse, dado que minha transferência para o etéreo se deu exatamente do modo que descrevi, tendo sido atendido em estado lamentável de despreparo para a subitaneidade do acontecimento.

Relevem-me, pois, tal aspecto. Grato.

Observação

O Professor Álvaro faz questão de manifestar-se, para dizer que Antoninho é antigo membro das equipes de resgate de acidentados, onde desempenha a honrosa função de coordenador dos *ressuscitamentos*, momento do despertar das vítimas para a nova condição existencial.

Lembramos, ainda, que, quando a pessoa passa para cá em estado de embriaguez, torna muito difícil a estabilização energética, sendo o mais comum que se deixem carregar por entidades perniciosas, sempre atentas para tais suicidas inconscientes.

Não querendo produzir texto paralelo, pareceu-nos que a curiosidade dos leitores, pela amostra do interesse do mediador, poderia julgar omissa a mensagem, sem os informes acima. Perdoe-nos o amigo pela intromissão.

A BOLA

Simples bola de futebol era tudo o que pretendia na vida. Mestre da pelota, desejava demonstrar o máximo das habilidades perante os estádios lotados.

Mas parti cedo da Terra, tendo chegado bastante imaturo do lado de cá. Porque houvesse mentalizado como de extraordinária importância o ato desportivo, assim que cheguei, vi praticamente formar-se à minha frente a querida esfera de couro.

Não atinei desde logo onde me encontrava, mas não me foi difícil localizar gramado muito verde, onde me aguardavam companheiros devidamente uniformizados. Estranhamente, o enorme estádio estava às moscas, havendo poucas pessoas presentes, mas desinteressadas pelo espetáculo que se iria desenrolar.

Logo separamos os adversários e, cada qual com sua bola se pôs a furiosamente praticar todos os trejeitos característicos do esporte. Quando desejávamos passar a bola, imediatamente a recebíamos de volta, como se cada qual se contentasse com o próprio desempenho, alheio ao conjunto do grupo.

No início, o que desejava era marcar gol. Assim, sempre me via diante da meta, colocando a bola no fundo das redes. O goleiro adversário pegava a própria bola e a chutava para longe da área, sem jamais caracterizar o tento.

Durante longo tempo, fiquei jogando assim à toa, contente comigo mesmo, pois realizava ali todas as jogadas com que sonhara. O estádio vazio, surpreendentemente, aplaudia-me o sucesso das investidas e jamais perdi um único lance.

Um dia, reclamei do juiz o fato de o goleiro jamais ter admitido que a bola tivesse ultrapassado os limites das traves, convertendo o meu sucesso em derrota para si. Surpresa imediata: não havia juiz em campo. Entretanto, pela insistência com que clamei pela presença de um árbitro, apareceu indivíduo envergando traje inadequado para o ato desportivo que ali se consumava. Fingiu ouvir-me a reclamação e pôs-se a caminho do que denominou de Tribunal de Justiça Desportiva. Eu insisti em chamar a entidade de *Tapetão* e ele não me contestou.

Diante do grupo reunido, fui autorizado a manifestar o desagrado pelo que vinha ocorrendo no campo de partida, pois as regras estabelecidas não se cumpriam, definitivamente.

Não preciso dizer que eu ali era o fantasma da pessoa que fora na Terra. Aos poucos, através das evidências que se retratavam em feérica tela de cinema à minha frente, fui sendo informado de que a vida havia ficado para trás.

De início, quis protestar, mas, como houvera saciado a vontade de jogar até o ponto em que comecei as exigências, precisei calar-me, já que as oportunidades me foram proporcionadas na justa medida das rogativas corpóreas.

Hoje, meditando a respeito do grupo de jovens que se reúnem para o futebol espiritual, fico absolutamente boquiaberto com a eficácia da divina justiça, que age de acordo com as obras e ainda proporciona meios de os indivíduos capacitarem-se para o próprio julgamento.

Não havia sido mau na vida. Improdutivo, inconsequente e irresponsável, sim. Por isso, não tive de muito penar naquelas condições em que os dramas dos meus sucessos se contrabalançavam com os dos adversários de fardamento, o que me irritava desproporcionalmente. Esse foi o meu *castigo*.

Agradeço muito ao Senhor por ter sido reconhecida a brevidade do tempo no corpo, a ponto de não me serem cobrados os juro dos bens que usufruí, sem ter produzido os frutos que me haviam sido encomendados.

Posso, ainda, dizer que tudo o mais que fizera de mau anteriormente queda adormecido, na expectativa de novas oportunidades de resgate.

Eis que pretendo preparar-me para o reingresso na matéria, desejando ardentemente retornar na qualidade de futebolista, para, mais experiente, poder superar aquele mundo de fantasias, já que todo desportista, a partir de certa idade, vive das lembranças das conquistas.

É esse o ponto crucial da vitória sobre o destino, na conjugação de todos os esforços em torno dos ideais evangélicos e da compreensão da vida como passagem obrigatória para estações evolutivas mais adiantadas.

Não recuperei totalmente o domínio da expressão, mantendo o grau vibratório em nível muito próximo da realização intelecto-emotiva do encarne. Os estudos, porém, têm-me permitido, rapidamente, assenhorear-me de outros conceitos, conforme se pode notar na presente composição.

Queira Deus, todos os leitores tenham a mesma felicidade que estou tendo de se examinarem à luz da verdade cristã!

Perdoem-me a fragilidade do texto e exercitem-se bastante para, ao adentrarem o campo do etéreo, de cara, chutarem para longe as bolas da ilusão carnal.

Carlos.

ÚLTIMA DEMÃO

Seríamos tolos se não julgássemos que há uma hora para iniciar e outra para terminar. A imantação está adequada, mas pretendemos encerrar a participação nesta mesa de muito trabalho e igual fraternidade.

Muito obrigado, amigo, por não arrefecer o entusiasmo, pelas releituras proveitosas e pelas correções e ajustes de textos.

Evidentemente, ninguém aqui tem certeza de que as mensagens possam vir a ser divulgadas, coisa que nos alegraria muitíssimo, embora aspecto muito secundário das atividades.

Fique em paz e não busque concretizar qualquer editoração. Haverá tempo mais propício para a aceitação dos escritos. Por enquanto, vá mantendo a pena disponível, assumindo postura moral elevada, a fim de ir desenvolvendo novos aspectos da mediunidade.

Sabemos que a vida se lhe mostra sem perspectiva de grande longevidade, uma vez que, cinquentão, você sabe que as energias irão desfalecendo gradativamente, particularmente no que se refere à prontidão intelectual. De qualquer maneira, fique atento para os compromissos com os grupos da *Escolinha de Evangelização*, pois o término das transmissões está marcado para dentro de algumas décadas. Não há que hesitar, pois.

O grupo deseja externar agradecimentos, dizendo que muito proveito extraiu da psicografia. Mais tarde, se for o caso, ditaremos nota introdutória e forneceremos título para o conjunto das mensagens. Quanto ao nome do grupo, pode chamar-nos de *Equipe do Professor Álvaro*, simplesmente.

Fique em paz e prepare-se para novos elementos que desejam transmitir os seus recados.

Aguardá-lo-emos pacientemente até que possamos reunir-nos em confraternização espiritual livre.

Graças a Deus!

Otacílio (pelo grupo).